

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

CAROLINA RAQUEL PERFUMO

***UM OLHAR SISTÊMICO SOBRE A PATERNIDADE
CONTEMPORÂNEA.***

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA FAMILIAR E DE CASAL

São Paulo
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

CAROLINA RAQUEL PERFUMO

***UM OLHAR SISTÊMICO SOBRE A PATERNIDADE
CONTEMPORÂNEA.***

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA FAMILIAR E DE CASAL

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de especialista em Terapia Familiar e de Casal da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a orientação da Professora Doutora Rosa Maria Stefanini de Macedo.

São Paulo
2013

*“Alguém como ele é
alguém com sua força
prá me proteger
alguém com seu carinho
prá me confortar
alguém com os olhos
e coração bem abertos
prá me compreender”*

Gilberto Gil, “Pai e Mãe”

AGRADECIMENTOS

Com este trabalho se termina uma etapa, e uma nova começa. Neste momento, ao fazer uma pausa, e olhar o caminho percorrido, observo que muitas pessoas me acompanharam.

Agradeço a todos por seus aprendizagens, em especial aos meus companheiros do curso de Terapia Familiar.

A Professora Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo por sua orientação, seu carinho e intervenções esclarecedoras.

A Ana Maria, por sempre ter boa disposição em me ajudar, por sua doçura e por todo o que me ensinou.

Aos casais entrevistados que gentilmente cederam seu tempo para compartilhar suas vivências e histórias de vida.

Agradeço a minha mãe “mamá”, por sua paciência, compreensão e apoio em tudo que sempre escolhi. Agradeço sua eterna presença e seus “mimos” mesma na distância.

A meu pai, “papá” por me ensinar a nunca parar de tentar melhorar.

E a Fabio, meu incondicional companheiro de caminho, por estar ao meu lado, me apoiando, desfrutando e compartilhando os diferentes sabores da vida, e pela imensa paciência em corrigir minhas dificuldades de escrita nesta língua adotada.

RESUMO

UM OLHAR SISTÊMICO SOBRE A PATERNIDADE CONTEMPORÂNEA.

Carolina Raquel Perfumo

NUFAC – Núcleo de Família e Comunidade da PUC- São Paulo

2013

Nos últimos anos aconteceram várias mudanças nas estruturas sociais, transformando na dinâmica familiar os papéis e funções do homem e da mulher. Destas transformações, este estudo procurou compreender como é vivenciada a paternidade contemporânea, através de uma lente sistêmica nova-paradigmática. Com esse objetivo, optei por realizar um estudo qualitativo que permitisse explorar em profundidade os significados e vivências dos pais atuais. Os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada de forma individual com quatro casais de classe média, residentes na cidade de São Paulo, com pelo menos um filho entre um e sete anos de idade. Os resultados deste estudo mostram que os pais da atualidade estão mais presentes na relação com seus filhos, distanciando-se do modelo tradicional vivenciado nas suas famílias de origem, principalmente no que se refere às trocas afetivas. Porém, as tarefas relacionadas aos cuidados cotidianos dos filhos, permanecem prioritariamente a cargo das mães, devido a crença da existência de um instinto materno ainda fortemente arraigado na sociedade, que é reforçada pela carência de políticas públicas que aproximem o pai de um comportamento mais igualitário no trato das tarefas cotidianas relacionadas aos cuidados dos seus filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Paternidade. Relações familiares. Contemporaneidade

ORIENTADORA: Professora Doutora Rosa Maria Stefanini de Macedo

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo 1 - Sociedade e família contemporânea: o lugar do pai na atualidade	05
Capítulo 2 Reflexões sobre a construção da identidade de gênero no exercício da paternidade atual.....	11
Capítulo 3 Paternidade	16
3.1 Breve retrospectiva sobre a Paternidade.....	18
3.2 A Paternidade Contemporânea.....	20
Capítulo 4 Problema e Objetivos da Pesquisa	26
Capítulo 5 Método	27
5.1 Participantes.....	27
5.2 Instrumentos.....	29
5.3 Procedimento.....	29
5.4 Análise do Material.....	30
Capítulo 6 Resultados e Discussão do Material Coletado.....	31
Considerações finais.....	58
Referências Bibliográficas	60
Anexos.....	65

INTRODUÇÃO

Ao olhar nosso mundo pós-moderno, vemos um momento de grandes transformações e questionamentos. É um tempo de complexas mudanças onde inevitavelmente a família também se transforma, adquirindo novas configurações, reorganizando suas relações, funções e papéis sociais. Destas transformações, nesta pesquisa, pretende-se refletir sobre o modelo de paternidade contemporânea. Entendendo por isso, um modelo de pai que transita entre valores novos e tradicionais, destacando-se como uma de suas principais dimensões a figura do pai cuidador, mais próximo e participativo no dia a dia dos filhos (CASTELAIN-MEUNIER, 1993; SOUZA, 1994; SPINELLI, 2006; LOMBARDINI, 2005; CERVENY, CHAVES, 2010; BRASILEIRO et.al., 2010; CASTRO et. al. 2012).

Meu interesse neste tema surgiu a partir de escutar na minha prática profissional, como psicóloga, homens muito emocionados e comprometidos ante o fato da paternidade ao mesmo tempo que expressavam quanto se sentiam perdidos ou confusos com as exigências. A expressão “parece que não fui preparado para isto” resume um pouco o que alguns homens expressavam no sentido de que se imaginavam jogando bola ou vestindo no filho a camiseta do seu time de coração, mas não imaginava as responsabilidades e mudanças que esta função exige. Relatavam não querer repetir o modelo vivenciado nas famílias de origem, mas não sabiam muito bem como definir o que é “fazer diferente”. Esta escuta ampliou-se para mulheres e casais que também questionavam sobre quais são as funções e o lugar dos homens atuais como pais.

Em nossa cultura, por séculos predominou o modelo patriarcal que estabelecia que o pai tinha o papel de provedor do sustento material, ocupando o espaço público, e estabelecendo uma relação pai/filho de distanciamento afetivo; e as mulheres, ocupavam o espaço privado, associado aos cuidados do lar e dos filhos, da proximidade afetiva, cabendo a elas muitas vezes mediar a comunicação entre o pai e os filhos (CASTELAIN-MEUNIER, 1993; SOUZA, 1994; SPINELLI, 2006; BRASILEIRO et.al 2010). A divisão dos espaços em públicos e privados penetrou profundamente na constituição da subjetividade de homens e mulheres e trouxe também a divisão de tarefas e a divisão de poderes dentro da relação dos casais.

Numerosos estudos (SOUZA, 1994; LOMBARDINI, 2005) referem que a partir dos anos 70 – Século XX - novos modos de maternidade-paternidade estão surgindo, “se a mãe já não é a única a dispensar amor, tampouco o pai é a encarnação exclusiva da

autoridade, da lei e do mundo exterior.” (MUZIO, 1998, p. 169). Os pais do Século XXI põem em questionamento assuntos que alguns anos atrás eram indiscutíveis. Ao procurar refletir e compreender como os pais estão se posicionando dentro das famílias este trabalho junta-se aos esforços que atualmente existem na sociedade como campanhas globais¹, no Brasil e no mundo, destinadas a promover uma maior participação, responsabilidade e envolvimento dos pais em atividades de cuidados diários de seus filhos, nas divisões de tarefas domésticas e relações mais equitativas e não violentas entre homens, mulheres e crianças.

Considerando que a paternidade é uma construção social ligada aos valores sociais e culturais de cada época, destaca-se como fatores relevantes das transformações observadas no lugar do pai: a) a incorporação da mulher ao mercado de trabalho, que colaborou com o surgimento de um novo modelo de parentalidade, denominada por Spinelli (2006), Parentalidade Compartilhada, que é aquela onde ambos pais dividem entre si os cuidados com os filhos e o prover da família; e b) a “revolução masculina” (BADINTER, 1993; OIBERMAN, 1998; SILVEIRA, 1998) relacionada ao surgimento de uma nova visão do homem e da identidade masculina, que favorece uma mudança da atitude do homem na relação com seus filhos, permitindo por exemplo, expressar seus sentimentos ou trocar fraldas sem por isso sentir sua masculinidade questionada. Para Petrini (2010), estas mudanças reorganizam a relação de cooperação entre os sexos e a responsabilidade com a educação dos filhos, dois assuntos que atravessam a prática da Terapia Familiar.

O olhar sistêmico, que é a lente que utilizo para olhar este tema, proporciona uma forma de pensar, e em definitiva de ver e explicar o mundo e os fenômenos humanos, que dá ênfase aos contextos e relações, considerando uma causalidade circular para os fenômenos, isso quer dizer que se muda uma parte mudará todo o sistema, pois existe uma inter-relação entre todas as partes (GRANDESSO, 2011). Assim, muitas mudanças que hoje observamos nos homens/pais tem a ver com mudanças que as mulheres tiveram, e vice-versa.

Ao ocupar um espaço mais próximo no cuidado e criação dos filhos, os pais alteram a estrutura e dinâmica familiar. Desse modo, surgem várias interrogações sobre a relação do homem e a paternidade, como se espera que um pai se comporte hoje,

¹ <http://voceemeupai.com/2012/05/31/sobre-a-campanha/>
<http://www.crececontigo.cl/empapate/index.php>
<http://www.men-care.org/>
<http://www.institutopapai.blogspot.com.br/>

como o homem está se colocando diante destas modificações no âmbito familiar. Pesquisando percebi que vivemos uma fase de transição, onde é possível observar comportamentos de ambos modelos, ou seja, alguns mais ligados a uma figura tradicional do pai como provedor e autoridade e outros mais próximos desta imagem do pai como cuidador.

Historicamente a psicologia, como área de conhecimento, deu pouca atenção à relação pai-filho, sendo estudada muitas vezes nos casos de divórcios, ou quando o pai era ausente ou agressivo e não quando estava presente. Atualmente diversos pesquisadores da área de família (SOUZA, 1994; SILVEIRA, 1998; FARIA, 2003; POLITY, SETTON, COLOMBO, 2004; SPINELLI, 2006; CASTRO, CARVALHO, MOREIRA, 2012) vem mostrando interesse em estudar a paternidade contemporânea, pois observam esta mudança na hierarquia patriarcal e nos papéis tradicionais de pai e mãe, sendo mais recentemente focado em diferentes estudos o fenômeno da diminuição da autoridade masculina e com isso a desestabilização da figura do pai como lei e autoridade (BADINTER, 1993; SOUZA, 1994; NOLASCO, 1995; SILVEIRA, 1998; FARIA, 2003; POLITY, SETTON, COLOMBO, 2004; CERVENY, CHAVES, 2010; MOREIRA, PETRINI, BARBOSA, 2010; CASTRO, CARVALHO, MOREIRA, 2012), e a tendência a uma maior igualdade entre o pai e a mãe embora ainda seja um ideal longe de ser atingido na realidade cotidiana. (ARRIAGADA, 2000; SPINELLI 2006; BELTRAME, BOTTOLI, 2010; CASTRO, CARVALHO, MOREIRA, 2012).

O objetivo geral desta pesquisa é realizar uma reflexão sobre a paternidade contemporânea, que ajude a compreender este novo modo de ser pai. Como entendo que a paternidade e a maternidade são processos complementares, o estudo desta temática atual contribui para os conhecimentos da área de família, conjugalidade e parentalidade em geral.

Desde uma epistemologia sistêmica nova paradigmática (VASCONCELLOS, 2002) adoto as visões construtivistas-construcionistas sociais, considerando que ambas afirmam que a realidade é uma construção que não existe independente do observador. Assim, entendo que o objetivo deste trabalho não é encontrar conclusões nem verdades sobre a paternidade contemporânea e sim construir uma reflexão, desde “meu olhar” e escuta, das narrativas das pessoas que aceitaram participar desta pesquisa. Para isso os pressupostos teóricos da visão sistêmica me ajudam a compreender as relações estabelecidas entre os sistemas (familiar, social, gênero, parental, conjugal) ao admitir

que cada um é um sistema em si e, também um subsistema, entendo que cada um é parte de um todo e o todo em uma parte, agindo e interagindo.

A pesquisa qualitativa foi escolhida como método para este trabalho, por permitir aceder aos significados e vivências das pessoas entrevistadas. A opção de uma amostra de pais e mães com filhos de um a sete anos foi com a intenção de focalizar o envolvimento do pai nas tarefas de cuidado diário. Segundo Spinelli (2006) é no dia a dia, no cuidar, que se estabelece o vínculo. Como historicamente essas tarefas estiveram a cargo das mulheres, e diversos estudos mostram que ainda são tarefas prioritariamente femininas (MOREIRA et.al 2012) surgiu o interesse de indagar como se estabelece na atualidade o vínculo entre pais e filhos, quais são os fatores que colaboram para a construção de uma paternidade mais próxima e afetiva.

Diante das transformações que vem acontecendo na paternidade atual, entendo que existe uma inevitável relação com as demais transformações que vem acontecendo, é por isso que uma análise das características da sociedade e a família pós-moderna e as significativas mudanças nas questões de gênero, faz-se necessária.

Com base nessas questões, no capítulo 1, procuro refletir sobre quais foram as mudanças sócio-históricas que influenciaram na paternidade atual, assim antes de entender a paternidade buscou-se observar em que contexto social e familiar os pais estão vivendo hoje. No capítulo 2 abordo as questões de gênero para entender como os homens constrói sua masculinidade e como isso se relaciona com o exercício da paternidade atual. No capítulo 3 abordo especificamente o que os estudos estão mostrando sobre a paternidade contemporânea. No Capítulo 4 se descreve o problema e objetivos deste estudo. No capítulo 5 descrevo o método e procedimento realizado. No capítulo 6 se discutem os resultados do material coletado e por último algumas reflexões como considerações finais.

CAPÍTULO 1

Sociedade e família contemporânea: o lugar do pai na atualidade

Desde uma perspectiva sistêmica entendo que a família não é um sistema isolado, é por isso que para compreender as mudanças que teve o lugar do pai na atualidade é necessário olhar o contexto familiar e social atual, assim como, a complexidade de variáveis sócio-históricas que atravessam e co-constroem o que podemos chamar de paternidade contemporânea.

Segundo Carvalho (2006) até três décadas atrás uma mulher que escolhia não ter filhos era socialmente mal vista. Seguindo a mesma lógica é possível pensar que talvez um homem, há três décadas atrás, que decidia assumir ou dividir com a mãe o cuidado cotidiano que implica um filho pequeno, ou expressasse envolvimento afetivo, também seria socialmente mal visto ou questionado sobre sua sexualidade, porque em definitiva, “não era um comportamento do macho”.

Mas como de uns tempos para cá, isto parece mudar, encontramos na atualidade diversos pesquisadores da área de família que vem mostrando interesse em estudar a paternidade contemporânea, pois observam mudanças na hierarquia patriarcal e nos papéis tradicionais de pai e mãe. (BADINTER, 1993; SOUZA, 1994; NOLASCO, 1995; SILVEIRA, 1998; FARIA, 2003; POLITY, SETTON, COLOMBO, 2004; SPINELLI, 2006; BELTRAME, BOTTOLI, 2010; CERVENY, CHAVES 2010, MOREIRA, PETRINI, BARBOSA, 2010; CASTRO, CARVALHO, MOREIRA; 2012).

O que tem acontecido que estimulou estas mudanças? Tomo como ponto de partida as revoluções culturais e sociais dos anos 60 que provocaram uma reformulação de valores e padrões de comportamento. Um dos fatores que destaco, por considerar que influenciou significativamente no surgimento destas mudanças foi a redefinição da condição da mulher, que com a massiva conquista do mercado de trabalho provocou significativas mudanças nas famílias e nas sociedades contemporâneas. (NOLASCO, 1993; SOUZA, 1994; BERTHOUD, 2000; ARRIAGADA, 2000; HINTZ 2001; CARVALHO, 2006; MOREIRA et.al., 2012).

Até a década de 1960, no mundo ocidental, houve um predomínio do modelo tradicional de Família Nuclear, que se impôs desde o final do século XVIII sustentado no amor romântico e na hierarquia patriarcal, onde cada membro tinha definido seu papel social e existia uma rígida divisão sexual de tarefas, ficando o homem como o

“dono da família”, provedor material e detentor da autoridade e à mulher correspondia obedecer ao marido e cuidar da casa e dos filhos.

Quando as mulheres começam a ganhar espaço público, motivadas seja por necessidades financeiras ou por uma realização pessoal, passaram a comprometer-se com outras atividades, e tiveram a necessidade de dividir com os homens os cuidados dos filhos que até então ficavam só sob sua responsabilidade. (BADINTER, 1993; SOUZA, 1994; SPINELLI, 2006; PETRINI, 2010).

Desde uma lente sistêmica podemos pensar que assim como as transformações sociais, econômicas, e ideológicas, provocaram mudanças, e alteraram o papel da mulher; quando as mulheres ganharam maior independência financeira, também provocaram significativas mudanças no sistema familiar.

Com a independência da mulher tanto o sistema familiar como o social se desestabilizaram, e surge novos problemas e desafios, como por exemplo, quem substituirá o trabalho de “cuidadora” por tanto tempo exercido exclusivamente pela mulher. Estes novos problemas obrigam as sociedades a reorganizar-se diante estas mudanças, pois é necessário encontrar alternativas para prover os cuidados das novas gerações. Esta realidade inevitavelmente obrigou aos homens também a fazer transformações (BERTHOUD, 2000; CERVENY E CHAVES, 2010).

Moreira et. al. (2012) nos seus estudos sobre a dinâmica de compartilhamento do cuidado de crianças pequenas entre os pais, sinalizam que tem-se evidenciado nas últimas duas décadas uma tendência à maior participação masculina, principalmente nos grandes centros urbanos e em países desenvolvidos, no que diz respeito ao cuidado e criação dos filhos.

Isto parece constituir uma grande novidade já que segundo Castro et.al. (2012) apesar das mudanças acontecidas ao longo da história, dois aspectos parecem ser constantes: a presença da família como unidade básica de convivência e, a atribuição à mulher das responsabilidades em relação ao cuidado do lar e dos filhos. Esta nova realidade que demanda e espera dos homens outra atitude, impacta neles, e nas famílias em geral, desestruturando verdades, ideias e identidades que por séculos foram dadas por certas, fazendo com que a incerteza e múltiplas possibilidades se apresentam na atualidade.

Vaitsman (1995, apud. CARVALHO 2006, p.13) define o período atual pós-moderno, como um “momento em que a pluralidade, o particular, e o local se contrapõem às ideias de unidade, de geral e universalidade que caracterizavam o

modernismo”. Neste sentido, nas famílias e no exercício da paternidade atual, nos encontramos numa fase de transição social, em que modelos mais tradicionais convivem com outros mais modernos. (SOUZA, 1994; SPINELLI, 2006)

Olhando para a paisagem atual, em que a paternidade contemporânea acontece, desde uma perspectiva pós-moderna, não é possível generalizar, mas observa-se algumas tendências e características que são necessárias observar para poder pensar e compreender a vivência da paternidade atual. Na atualidade existe uma tendência (principalmente na classe média brasileira que são os sujeitos sob os quais focalizou-se esta pesquisa) a considerar os casamentos uma opção de vida e não uma obrigação, e passíveis de rompimento a qualquer hora; geralmente tanto o pai como a mãe trabalham fora de casa; o casamento acontece em idades mais avançadas muitas vezes depois que tanto o homem como a mulher dedicaram tempo aos estudos e à profissão.

Outra característica é a significativa diminuição do número de filhos e que tendem a permanecer na casa dos pais durante mais tempo, até terminarem seus estudos ou conseguir uma estabilidade profissional. E em alguns casos não é incomum retornarem à família de origem depois de um divórcio.

Neste processo de desconstrução dos padrões estabelecidos e reconstrução de novos padrões de funcionamento, já não é possível pensar de uma forma simplificada a família, na pós-modernidade é necessário falar das famílias no plural. As transformações que vêm acontecendo nas últimas décadas manifestam-se por exemplo com o surgimento e legitimidade de novas configurações familiares, e em mudanças na organização e no estilo de vida das famílias, e conseqüentemente da paternidade.

Na atualidade também encontramos a convivência de diversos arranjos familiares, junto com a tradicional Família Nuclear - pai, mãe e filhos - coexistem outras formas de relacionamento familiar. Por exemplo as chamadas Famílias Monoparentais, aquelas em que um dos pais assume sozinho o cuidado dos filhos. Na maioria das vezes são famílias chefiadas por mulheres que por ser solteiras ou após a separação ou divórcio se responsabilizam sozinhas pela criação dos filhos. O trabalho de Rosane Mantilla de Souza (1994) deu luz por outro lado ao crescente número de homens que também estão assumindo a parentalidade sozinhos - o pai singular - destacando que como consequência das demandas de modernização do mundo atual a paternidade está atravessando um processo de transformação.

O incremento no número de divórcios que é um fenômeno inquestionável da contemporaneidade, também abriu maior espaço ao reconhecimento das Famílias

Reconstituídas, conformada por aqueles casais que refazem suas vidas tendo ou não filhos do relacionamento anterior, isto deu origem as famílias chamada de “*os meus, os teus, os nossos*” produzindo relacionamentos nunca antes reconhecidos para os que ainda faltam palavras que permitam nomeá-los.

Em 2011 oito estados do Brasil entrando em sintonia com um fenômeno mundial reconheceram legalmente as Famílias Homoafetivas, outorgando os mesmos direitos e deveres das famílias heterossexuais.

Vemos também configurações familiares com casais sem formalização do casamento, preferindo uniões consensuais ao matrimônio legal e/ou religioso. Casais sem filhos por opção. Famílias Unipessoais que se caracteriza pela escolha de viver individualmente, um fenômeno crescente principalmente nas grandes cidades, seja por priorizar a satisfação pessoal, valor muito apreciado na sociedade pós-moderna, como também pelo número crescente de pessoas solteiras, divorciadas ou viúvas que com o incremento da expectativa de vida e recursos na área da saúde podem viver sozinhas nas suas casas.

Para Petrini, Alcântara, Moreira (2009) o surgimento de novos estilos de vida e novos arranjos familiares mostra que a sociedade atual passa por um processo sociocultural de redefinição da família, do vínculo entre os sexos e entre as gerações.

Observa-se que nas famílias da atualidade a tendência é uma estrutura mais igualitária. Spinelli (2006) pesquisou um novo modelo de parentalidade denominado “parentalidade compartilhada”, que é aquela em que ambos os pais dividem entre si os cuidados com os filhos e o prover da família, o que parece constituir uma grande novidade no que diz respeito a organização das famílias ao longo da história.

Estas mudanças também se manifestaram nas leis que organizam a vida em sociedade, num país federativo, como é o Brasil, é a Constituição Federal a que legitima os comportamentos das relações sociais estabelecendo o que é permitido ou não. A promulgação da Constituição Federal de 1988 trouxe muitas mudanças, entre as quais ampliou o conceito de família ao validar a existências de diferentes tipos de arranjos familiares e equiparou marido e mulher como iguais ante a lei. O Pátrio poder foi substituído pelo Poder familiar, simbolizando uma maior igualdade de autoridade entre os dois genitores

Segundo Petrini (2010) esta tendência entra em sintonia com a necessidade que a sociedade manifesta de tomar distância de experiências de regimes políticos

autoritários, que governaram durante as Guerras Mundiais e os regimes militares de América Latina no século XX.

Em definitiva, observa-se na sociedade ocidental uma profunda mudança de paradigma, e pensando como Berthoud (2000), que a família é um microssistema inserido em um contexto social mais amplo, o macrossistema, entendo que as rápidas mudanças tecnológicas, sociais, de estilo de vida e valores de final do século XX e começo do século XXI criam novas realidades, novas mentalidades, e em consequência, novas famílias que longe de extinguir-se como instituição, só se transforma, inovando e abrindo novas possibilidades de reinvenção dos padrões de funcionamento e relação.

O que significa ser pai hoje está interligado as complexas representações de família. As novas configurações familiares exigem, entre outras modificações, a invenção de novos estilos de relações entre seus membros. E isso abre possibilidades de uma grande variedade de formas de participação paterna dentro da vida familiar.

As mudanças acontecidas na paternidade atual são só uma dessas transformações. O cuidado e criação dos filhos não surge na contemporaneidade, mas estudos estão mostrando que nos últimos anos estão se redefinindo novas fronteiras nas relações familiares e de gênero (SILVEIRA, 1998, FARIA, 2003; MOREIRA, PETRINI, BARBOSA, 2010; CASTRO CARVALHO, MOREIRA, 2012).

Pensando que a paternidade é uma construção social ligada a valores sociais e culturais de cada época estas transformações também abrem espaço para uma redefinição da autoridade paterna, já que o valor da igualdade começou a predominar não só em relação aos gêneros, senão também na dimensão transgeracional.

Antigamente existia uma maior distância nas relações de pais e filhos, em que principalmente o pai era associado à autoridade e disciplina, este lugar restringia muitas vezes as expressões de afeto entre pai e filhos. Observa-se que um envolvimento mais próximo, um diálogo mais direto, flexível e afetivo no vínculo pai-filho são atitudes valorizadas na sociedade atual. Segundo Nolasco (1993) atualmente os comportamentos esperados do pai são significativamente diferente do que eram algumas décadas atrás.

A família contemporânea caracteriza-se por esta crescente variedade de formas nas quais as pessoas escolhem viver. Esta crise de modelos dominantes reflete um momento de transição e abre espaços a incertezas, a novas possibilidades, estilos de vida, comportamentos.

A proposta desta pesquisa é refletir sobre o lugar do pai na atualidade, como é vivenciada e significada a paternidade pelos homens (e mulheres) nos tempos de hoje.

Desde uma perspectiva sistêmica construtivista se considera que as maneiras de se falar e de significar dão origem a uma realidade compartilhada. Refletir sobre os significados socialmente construídos que ao longo da história vem definindo o que é ser homem, o que é ser pai e em consequência os modos de relacionar-se que tem os membros do sistema familiar é um convite para refletir e questionar sobre estes significados. Isto nos remete a refletir sobre as questões de gênero.

CAPÍTULO 2

Reflexões sobre a construção da identidade de gênero no exercício da paternidade atual

Comparto com Oiberman (1998) quando afirma que o surgimento de um novo modelo de paternidade, caracterizado por uma atitude mais próxima dos homens no envolvimento com seus filhos, não pode restringir-se unicamente a incorporação da mulher ao mercado de trabalho, senão que também está intrinsecamente relacionada a uma “revolução masculina”, uma nova visão do homem que está sendo questionada e construída nos últimos anos. É por isso que para compreender o exercício da paternidade contemporânea uma reflexão sobre as questões de gênero faz-se necessário.

A identidade de gênero é aquela que dá ao indivíduo o sentimento de pertencimento à categoria masculina ou feminina, é uma construção sócio-histórica cultural e não uma consequência direta da anatomia sexual. (SOUZA, 1994). Como é uma construção cultural vai mudando na medida que as sociedades se transformam.

Está relacionada com às formas de socialização, e com os mandatos sociais que se impõe inclusive desde antes do nascimento, quando os pais transmitem categorias excludentes para cada sexo. Muitos dos comportamentos que observamos nas pessoas é a internalização deste papel, que aponta como o indivíduo deve se comportar, falar, e se relacionar, de acordo com o seu sexo, determinando assim que coisas são de “homem” e que coisas são de “mulher”.

O comportamento que um homem ou uma mulher terá em relação ao cuidado e envolvimento com os filhos está associado com a identidade construída no processo de socialização. Quando falo de paternidade entendo que é uma construção, no sentido de que nem todo progenitor² necessariamente se constitui como pai³, e o modo como cada homem/pai exerce sua paternidade está relacionada à uma complexa rede de significados que se co-constrói e se reconstrói ao longo das experiências vividas em um determinado contexto sócio-histórico-cultural, por isso não se pode pensar em um único modelo, mas sim em múltiplas maneiras de ser praticado (SILVEIRA, 1998)

Segundo Badinter (1993) vivemos uma “crise da masculinidade”, quando as mulheres se afirmaram nos espaços públicos questionando sua definição de mulher como sinônimo de mãe e esposa, foi um ponto de partida para questionar e discutir o

² Homem que tem parentesco genético com uma criança- pai biológico

³ Função construída ao estabelecer um vínculo com a criança considerada filho

papel de gênero masculino, e em consequência o exercício da paternidade. Nas palavras de Gomes (1998) “Quando as mulheres querem redefinir a sua identidade, a masculinidade se desestabiliza” (p176).

Neste sentido, diversos autores (BADINTER,1993; NOLASCO, 1995; ARILHA, RIDENTI, MEDRANO, 1998; OIBERMAN, 1998; SILVEIRA, 1998) afirmam que o movimento feminista não foi só das mulheres, pois gerou a oportunidade para que o homem também refletisse sobre si mesmo, e questionasse os estereótipos masculinos que por séculos vinha carregando.

“Ao pôr fim à distinção entre os papéis e firmar pé sistematicamente em todos os domínios antes reservados aos homens, as mulheres fizeram evaporar-se a característica universal masculina: a superioridade do homem sobre a mulher. Desde o surgimento do patriarcado, o homem sempre se definiu como ser humano privilegiado, dotado de alguma coisa *a mais*, ignorada pelas mulheres. Ele se julga *mais* forte, *mais* inteligente, *mais* corajoso, *mais* responsável, *mais* criativo ou *mais* racional. E este *mais* justifica sua relação hierárquica com as mulheres” (BADINTER, 1993 p 6)

Em paralelo o surgimento do Movimento Gay, ao mostrar que os homossexuais são tão homens quanto os heterossexuais, também contribuiu para questionar o sistema patriarcal. Para Badinter com estes questionamentos perderam-se os pontos de referência e “o homem tornou-se um verdadeiro mistério” (p.5). Sem saber como se definir, e com a angústia que o vazio e a incerteza provocam, surgiu a necessidade de reformular sua identidade como homem/pai.

Na busca de uma nova identidade de gênero, Castro et.al (2012) observam que as mulheres parecem estar adiantadas em relação aos homens no que se refere ao encontro e vivência de novas formas de feminilidade, conseguindo integrar e reconhecer-se capacitadas para desempenhar funções tradicionalmente consideradas masculinas. Embora ainda exista uma divisão desigual das tarefas domésticas e de cuidado dos filhos, como demonstram diversas pesquisas que certificam que tem sido pouco alterado o papel tradicional da mulher como principal cuidadora, é inquestionável a conquista dos espaços, até então masculinos, pelas mulheres. Porém os homens parecem ainda estar confusos sobre as novas possibilidades de exercício da sua

masculinidade tendo incorporando menos habilidades no desempenho de tarefas consideradas tradicionalmente femininas.

Pesquisas indicam que mesmo tendo uma maior participação no envolvimento com os filhos, e a figura do pai ter sido muito questionada em relação ao seu papel de autoridade e provedor, os homens permanecem como figuras complementares ou auxiliares da mãe em atividades relacionadas aos cuidados dos filhos, e não tem sido significativa a mudança em relação à participação nas tarefas domésticas. (CASTRO et.al. 2012)

Para Castro et al. (2012) esta diferença poderia estar relacionada a que os “novos lugares sociais” conquistados pelas mulheres representam ganhos, como ter uma maior liberdade, independência financeira, realização pessoal e ao contrário para os homens, essas mudanças impliquem em maior competição no mercado de trabalho, compartilhamento de poder e aceitação de tarefas socialmente pouco valorizadas. (CASTRO et.al., 2012 p. 17).

A diferença de homens e mulheres pode ser encontrada, de diversas formas, em todas as sociedades. No processo de socialização cada indivíduo vai incorporando categorias, crenças, pressupostos e preconceitos, mudar a forma de como perceber e exercer a identidade de gênero não é algo fácil, devido a que é uma complexa construção de significados e crenças fortemente estabelecidas que vão conformando a subjetividade e os padrões de comportamento na vida em sociedade.

Os mandatos sociais estão presentes mesmo antes do nascimento e desde a concepção os pais e a sociedade vão transmitindo o que é possível para cada sexo “isso é coisa de menina; isso é coisa de menino”. Silveira (1998) reflete que existe atualmente uma “lógica social perversa” (p. 33), porque durante sua educação e socialização o menino não é estimulado a ter interesse ou desejo por aquelas funções que a sociedade atribuiu às mulheres, assim se um menino quiser brincar de bonecas ou de “papai e filhinho/a” muitas vezes é desqualificado. Mas no momento em que o homem se torna pai, as mulheres do século XXI reclamam e esperam que o homem dívida com elas as tarefas, esperam que o homem se envolva mais com os filhos. (CARVALHO, 2006; CASTRO, et al, 2012), por isso, segundo Silveira (1998) a sociedade exige e espera do homem que demonstre interesse, sentimentos e habilidades em tarefas para as quais nunca foi estimulado, e como se isso não fosse pouco, uma outra dificuldade que a geração atual de pais tem que enfrentar é a de não ter tido, em muitas oportunidades, um modelo a seguir no próprio pai. Como bem sinaliza Spinelli (2006):

“O pai da atualidade vem, geralmente, de uma relação com seu pai enrijecida pelos modelos tradicionais de masculinidade, nos quais a expressão de afeto não cabia, e precisa aprender de outra forma; não pela identificação com o próprio pai, mas através de repetidas experiências cotidianas de intimidade e encontro”. (p. 25)

Para Badinter (1993) o sistema patriarcal construiu uma masculinidade em que o homem se constituía como homem em oposição e diferenciação a todo o que tinha a ver com o feminino, o homossexual e o materno, assim afastou o contato cotidiano de pais e filhos. Ainda, segundo a autora, “o fim do patriarcado marca o início de uma paternidade totalmente nova” (p. 171) em que esta “revolução masculina” tem como objetivo reconciliar o homem em seus aspectos femininos e masculinos que o sistema patriarcal mutilou desvinculando aos homens de seus sentimentos e dos cuidados e vínculos com seus filhos.

O questionamento e desconstrução que caracteriza a pós-modernidade é um contexto que contribui na reformulação da identidade de gênero masculina e assim abre novas possibilidades para o exercício da paternidade. Para Cervený e Chaves (2010) a paternidade contemporânea ainda está em processo de reestruturação, devido a que é claro que o modelo de paternidade tradicional já não consegue se ajustar a realidade de muitos casais onde ambos cônjuges trabalham. Neste reordenamento familiar novas maneiras de se vincular são necessárias e a geração atual tem o desafio de encontrar um formato novo que dê conta das demandas da atualidade. Para Silveira (1998) isso constitui uma “verdadeira revolução” (p 34), pois, salvo casos extremamente isolados, as tarefas de cuidado de crianças nunca fizeram parte do repertório masculino. O mesmo é afirmado por Castro et.al (2012) quando afirmam que apesar das diversidades dos sistemas familiares nas diferentes culturas e ao longo da história, um fenômeno constante é a atribuição às mulheres da responsabilidade pelo cuidado do lar e dos filhos.

O ideograma chinês que representa a palavra “crise” tem dois significados, podemos entender com ele que estamos frente a um “perigo” ou frente a uma “oportunidade”. Hoje assistimos a crise do modelo patriarcal de família caracterizado pela autoridade do pai sobre esposa e filhos, e um leque de configurações familiares aparecem. Utilizando esta metáfora podemos pensar que como toda crise também

representa novas oportunidades, novas possibilidades, neste sentido podemos pensar que “os valores tradicionais também privaram os homens de vivências significativas no nível afetivo e emocional e de competências sociais” (CASTRO et al., 2012 p. 18).

Assim como os movimentos feministas colaboraram em abrir o espaço público para as mulheres, acredito que estes questionamentos que estão surgindo sobre a masculinidade e em consequência sobre o exercício da paternidade abram novas possibilidades para os homens se apropriem de uma maneira menos rígida dos espaços privados, de seus afetos e aprendam novas maneiras de se vincular no âmbito familiar. Isto possibilitaria que tanto os homens como as mulheres possam complementar-se nas suas diferenças de uma maneira menos rígida, para em vez de limitar suas experiências consigam integrá-las, enriquecê-las mutuamente, aprendendo um do outro, um com o outro.

Com a ruptura do projeto de Modernidade e a perda de certezas não só a ciência tradicional é questionada, a ruptura também produz um movimento dialético entre a família e a sociedade de desconstrução dos padrões estabelecidos e reconstrução de novos padrões (BERTHOUD, 2000). O cenário pós-moderno desestabiliza os padrões de referência, as verdades universais, e deixa o convite para conviver com a incerteza, a pluralidade o desconhecido e o imprevisível. Badinter (1993) postula que um “novo” homem está surgindo, e nesta crise a emergência de um novo modelo de paternidade é crucial.

Desde minha prática profissional escuto homens questionando seu papel de gênero. Esta reformulação não é simples nem automática, no cenário atual muitas vezes implica conviver com a incerteza. Acredito que vivemos uma fase de transição, mudar de paradigma implica rever, questionar velhas crenças, valores, modos de pensar, agir e se relacionar. Esta pesquisa procura entender como estão vivenciando os homens de hoje a paternidade, e a partir dela sua masculinidade, pois entendo que o exercício da paternidade está relacionado as questões de gênero, e a revisão da própria masculinidade está intrinsecamente associada a busca de alternativas para a paternidade (SOUZA, 1994; GOMES, 1998).

CAPÍTULO 3

A Paternidade

Na atualidade é possível observar um aumento da participação dos homens que exercem a função paterna no nascimento e cuidados dos filhos. Podemos ver como sinais dessa reorganização da paternidade, a mudança de velhos costumes como por exemplo, a incorporação do pai no parto, a licença paternidade, pais levando bebês no colo, passeando e brincando com seus filhos. Atualmente estas cenas são tão comuns no cotidiano que muitas vezes esquecemos que há pouco tempo não aconteciam.

Transformações no papel paterno tem acontecido ao longo da história, e muito provavelmente continuarão acontecendo, porém numerosos estudos referem que foi a partir dos anos 70 do século XX que o pai ocupou um lugar mais próximo no cuidado e criação dos filhos (SOUZA, 1994; OIBERMAN, 1998; LOMBARDINI, 2005).

Com as mudanças no cenário social, e com as mulheres cada vez mais no papel de provedoras, as relações familiares, o papel masculino e a paternidade precisam ser refletidas, já que neste novo contexto o homem teve a possibilidade de ficar mais perto e participativo na educação e cuidado dos filhos, o que provocou, nas palavras de Silveira (1998) uma “verdadeira revolução”, já que as tarefas domésticas e de cuidado dos filhos nunca fizeram parte da educação masculina.

Como historicamente o cuidado dos filhos esteve a cargo das mulheres pouco tem se refletido sobre o exercício da paternidade. Castelain-Meunier (1993) dizia que “se a evolução da condição feminina foi bastante estudada, a questão masculina, por outro lado, tem muitas lacunas” (p. 11). Até os anos 80 são escassos os trabalhos que questionam as práticas mais igualitárias na vida privada e a participação dos homens nos cuidados cotidianos de crianças pequenas (CALDEIRA, BARBOSA, CAVALCANTI, 2012).

A psicologia por muito tempo praticamente excluiu o pai dos estudos de desenvolvimento das crianças e das relações parentais, ficando a figura do pai associada só ao responsável pelo sustento material (POLITY, SETTON, COLOMBO, 2004). Esta crença é tão forte que até hoje não é incomum na prática clínica o pai nem ser chamado nas consultas das crianças. A psicanálise por outro lado, também reforçou a figura central da mãe nas primeiras etapas da vida, e ajudou a criar o estereótipo da mãe ideal como aquela que é totalmente dedicada a seu filho, ficando o pai como o representante do mundo externo, a autoridade, a lei. (BADINTER, 1993; CASTRO et.al. 2012). Para

Lombardini (2005) as pesquisas sobre família tem se interessado mais sobre o vínculo mãe-filho, e descuidado dos aspectos positivos da relação com o pai, restringindo muitas vezes os estudos à ausência paterna mais do que sobre a sua presença.

Como reflexo das mudanças sociais, ao longo da década 1980 começaram a surgir com mais força um conjunto de estudos sobre a construção social da masculinidade, e os estudos sobre a paternidade emergiram como um dos elementos chaves das mudanças nas relações parentais (ARILHA, RIDENTI, MEDRANO, 1998). Hoje é possível observar um crescente número de trabalho interessados em pesquisar e compreender este tema.

Em um levantamento da produção acadêmica sobre o tema “paternidade” no período de 2000 a 2007, Souza e Benetti (2009) identificaram um total de 2205 trabalhos relacionados ao tema, tanto em artigos nacionais quanto internacionais, o que evidencia que a questão da paternidade vem sendo objeto de pesquisa entre sociólogos, psicólogos, demógrafos e historiadores. Do levantamento realizado, as autoras analisaram 353 artigos, e apontam uma participação mais próxima da figura paterna no cotidiano familiar.

No Brasil, a literatura científica sobre o tema cresceu principalmente a partir da década de 1990, Medrano et.al (2010) realizaram um levantamento bibliográfico em junho de 2009 e identificaram: 53 artigos científicos na Base de Dados do Scientific Electronic Library Online (SciELO), 1089 teses/dissertações no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e 11.400 referências na base de dados Google Acadêmico. Para visualizar esta mudança os autores identificam que entre 1985 e 1995 encontraram um total de 39 produções brasileiras sobre o tema paternidade (entre livros, capítulos de livros, teses, dissertações, artigos de revistas, comunicações em congressos e monografias). Os autores pensam que esta diferença se deve em parte ao surgimento da internet que facilitou a comunicação científica, mas também é uma evidência da relevância que este tema está tendo na produção científica nacional.

Diversos autores (SOUZA,1994; FARIA, 2003; POLITY, SETTON, COLOMBO, 2004; SPINELLI, 2006; BELTRAME, BOTTOLI, 2010; MOREIRA, PETRINI, BARBOSA, 2010) mostram em seus trabalhos o interesse em entender a transformação da participação masculina em áreas consideradas tradicionalmente femininas e evidenciam uma transição de um modelo tradicional de paternidade para o surgimento de um novo modelo.

A Universidade Católica do Salvador (UCSAL) também está desenvolvendo atualmente muita pesquisa sobre este tema. Com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desenvolveram um trabalho de pesquisa com uma equipe multidisciplinar chamada “Gênero e família em mudança: participação de pais no cuidado cotidiano de filhos pequenos” no período de 2009-2011⁴. Cujo objetivo foi observar os ajustamentos nos papéis de gênero e a participação dos pais nas tarefas de cuidado consideradas tradicionalmente femininas.

Em resumo, todas estas investigações mostram que os pais estão diferentes, mas vale questionar diferentes em que? Quais foram os caminhos recorridos para produzir tal diferença? Para responder tais indagações será necessário primeiramente recorrer a uma breve retrospectiva relacionada ao tema uma vez que a paternidade é uma construção social inserida em um contexto histórico cultural e atravessada por valores e significados, ou seja, o ser pai, assim como o ser mãe, acontece em uma sociedade que determina que características e comportamentos são considerados de “bom pai” e “boa mãe”, e que portanto, são concepções que mudam ao longo da história.

3.1 Breve retrospectiva sobre a Paternidade

Desde tempos remotos quando as sociedades se estabilizaram apareceu a ideia de deixar um legado e com isso assegurar a paternidade foi necessário (Galano, 2006). Assim foi se conformando um sistema social organizado sob os valores do patriarcado.

Nestas sociedades o homem tem uma posição hierárquica superior em relação a mulher, o poder da família é delegado a ele, o patriarca, quem fica responsável pelo sustento econômico, a manutenção dos bens, e o estabelecimento das leis e regras da casa, que ninguém pode desobedecer. Neste contexto os matrimônios são arranjados pelos pais dos noivos de acordo aos interesses econômicos, e surge a ideia de família monogâmica, porque o homem para ter certeza sobre a paternidade precisa casar-se com uma mulher virgem. (CARVALHO, 2006; GALANO, 2006).

Nas sociedades organizadas sob o regime Patriarcal a mulher devia obediência ao marido, ficando seu papel muitas vezes restringido a reprodução. E no que se refere à

⁴ Para maior informação sobre os trabalhos desenvolvidos consultar: **Dinâmica familiar do Cuidado: Afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos** – Mary Garcia Castro, Ana Maria Almeida Carvalho, Lúcia Vaz de Campos Moreira (Org.) – Salvador: EDUFBA, 2012. E, **O pai na sociedade contemporânea**. Lúcia Vaz de Campos Moreira, Giancarlo Petrini e Francisco de Barros Barbosa (Org.) – Salvador: EDUSC, 2010

relação de pais e filhos, o pai tem um direito considerado natural de decidir sobre a vida, os bens, e o casamento dos filhos, quem se sentiam impotentes para contestar a autoridade do pai, porque se entendia que era uma lei natural. (CANDEIAS, MARTINS DA ROCHA, 2006).

Nestas sociedades a identidade masculina é construída por oposição ao feminino, e os valores predominantes eram a honra, o poder, a força e a dominação (BADINTER, 1993).

As sociedades regidas pelo patriarcado permaneceram por muitos séculos. Apesar da Revolução Francesa (1789) defender o ideal de liberdade, igualdade e fraternidade e provocar com estas ideias uma revolução paradigmática ao questionar a forma vigente de organização social e abrir novas possibilidades das pessoas estar e entender o mundo, mesmo assim, os valores do patriarcado permaneceram nas crenças e padrões de comportamento de muitas pessoas e sociedades.

Tanto é assim que no Brasil, por exemplo, só em 1988 com a modificação da Constituição Federal se estabeleceu uma lei em que o princípio de igualdade entre homens e mulheres garantem os mesmos direitos e deveres aos cônjuges (KARAN, 1998).

Uma inovação das sociedades e famílias modernas (Sec. XVII) foi o surgimento do amor romântico porque com isso os casamentos passam a ser por escolha do parceiro e não mais por interesses econômicos. Segundo Ariès (apud CADEIAS, MARTINS DA ROCHA, 2006) nesta época surgiu também a ideia de infância, que até então não era uma categoria reconhecida, e em consequência não existia a possibilidade de expressar cuidado e amor pelas crianças.

Neste contexto o sentimento de família se fortaleceu, cresceu a percepção das crianças como seres necessitados de cuidados especiais, principalmente por parte da mãe. E maiores laços afetivos e uma maior convivência familiar foram aparecendo na sociedade. Mas, junto a todo isso também estabeleceu-se rigidamente uma divisão de papéis por gênero. Esta divisão permaneceu por muito tempo inquestionável e ainda é possível encontrar nas crenças e valores de algumas pessoas, famílias e sociedades. (BERTHOUD, 2000)

Com o surgimento da sociedade industrial no século XIX, para Badinter (1993) novas características foram observadas nas famílias que até então moravam e trabalhavam todas juntas, seja no campo ou comércio. A industrialização obrigou os homens a trabalhar o dia inteiro longe do lar, nas fábricas, minas ou escritórios. Este

fato fortaleceu a divisão dos espaços público e privados, um foi ocupado pelo homem, trabalhador e provedor, dono da autoridade, e o outro pela mulher, que assume o poder de organização da casa e do cuidado dos filhos. Para Badinter (1993)

“Se o sistema patriarcal pôs no mundo um homem mutilado...em que a construção da masculinidade confundiu-se com um processo de diferenciação...do feminino materno...a sociedade industrial piorou a situação ao afastar os pais e filhos.” (p. 125).

Segundo esta autora no transcurso do Sec. XIX os manuais de família começaram a reforçar a ideia de que as mulheres são dotadas de qualidades naturais para educar as crianças, sendo citados cada vez menos os deveres paternos. Assim quando pouco a pouco, o homem ficou como uma máquina produtiva, se afastou dos filhos e também dos próprios sentimentos. E a ideologia de um “bom pai” como aquele que consegue prover materialmente a sua família se naturaliza.

Esta nova configuração não só tornou a paternidade uma “instituição dominical” (BADINTER, 1993, p.20) como também reformulou os valores, e a virilidade masculina passou de ser associada ao sucesso financeiro, simbolizado pelo acúmulo de bens. Estes novos valores justificaram mais ainda o distanciamento dos pais e fez que tudo o que era relacionado as crianças se tornasse assunto das mães, já que cabia ao homem trabalhar.

Agora, quando as mulheres não quiseram ser mais só mães e donas de casa provocaram a necessidade de uma ressignificação das relações entre os gêneros assim como das suas identidades. Novos problemas e desafios aparecem e o estabelecimento de uma nova forma de relacionamento entre pais e filhos começa a surgir.

3.2 A Paternidade Contemporânea

A sociedade tem convocado aos homens a ressignificar sua identidade paterna não só pela necessidade, ao não ser mais os únicos provedores da família, se não para conquistar um espaço do qual também foram excluídos ao longo da história.

Oberman (1998) aponta que a partir dos anos 70 aparece o que ela chama de “pai nutridor” ou “pai cuidador” que é aquele pai que mantém uma relação mais próxima e afetiva com os filhos compartilhando com a mãe a função de cuidar. Este pai

se distancia da imagem de pai como sinônimo de autoridade, que cabia a função de impor os castigos disciplinadores, responsável pelo sustento material e pelo controle da família, e que só ocasionalmente compartilhava os passeios familiares. Surge a vivência de uma paternidade em que é possível expressar sentimentos.

No fim dos anos 70 surgem, em setores da classe média, novas ideologias e práticas na reprodução. Enquanto algumas mulheres experimentam a ‘produção independente’, há também um novo ideal de participação do homem como genitor: o casal grávido (SALEM, 1987). Neste padrão, espera-se que o homem acompanhe ativamente todo o processo de gravidez e parto, incluindo cursos de preparação, com um investimento afetivo igual ao da mulher. O filho é visto como indivíduo psíquico que precisa desse novo pai, mais próximo e envolvido com a criação no cotidiano. Em seu estudo sobre este fenômeno, Salem conclui que o projeto do casal grávido, mais do que maternidade e paternidade, diz respeito a um ideal de conjugalidade igualitária. (SALEM, 1987; RIDENTI, 1998 apud GIFFIN; CAVALCANTI, 2000. Apud CASTRO, SOUZA, 2012 p. 271)

Ao se conformar uma organização familiar diferente, as transformações não aconteceram automaticamente. Diversos autores (BADINTER, 1993; SOUZA, 1994; SILVEIRA, 1998; BERTHOUD, 2000; LOMBARDINI, 2005; SPINELLI, 2006; CASTRO et. al. 2012) sinalizam que estamos em um período de transição, em que se mesclam comportamentos antigos com novos, nestes sentido o que podemos chamar de paternidade contemporânea se constrói e se reconstrói a cada momento.

Para Polity, Setton e Colombo (2004) não existe um modelo pronto que permita definir o lugar vivido pelo pai na pós-modernidade. Quando sua autoridade deixa de ser considerada como algo de ordem natural, sua função precisa ser ressignificada. Nas palavras de Berthoud (2000)

“Assim como um novo modelo de mulher/mãe/trabalhadora/provedora/cuidadora está sendo estabelecido gradualmente, com as mulheres experimentando e construindo novos papéis nos domínios público e privado, um processo semelhante está

ocorrendo com os homens, e novos padrões de homem/pai/provedor/participante/cuidador também estão sendo construídos por eles. O cenário atual, típico de uma fase de transição social, permite-nos apenas vislumbrar quais e como serão os novos modelos de casamento e parentalidade no próximo século, na sociedade ocidental” (p. 41).

Oberman (1998) define o “novo pai” como mais comprometido nos cuidados e criação dos filhos, e identifica três comportamentos característicos da relação pai-filho atual: (1) Interação, que é o tempo que pai e filho compartilham fazendo alguma atividade juntos, (2) Acessibilidade, é a possibilidade que os filhos têm de contar com o pai, tem a ver também com a proximidade afetiva. (3) Responsabilidade, em relação às tarefas de cuidado cotidianas, sejam relacionadas à saúde, alimentação, higiene, educação, reuniões na escola, etc. Segundo esta autora as pesquisas têm mostrado que existe nos pais atuais maior dedicação às atividades de interação e menos nas de responsabilidade que ficam na maioria das vezes a cargo das mães.

Outras pesquisas (JABLONSKI, 1998; CASTRO et.al. 2012; CARVALHO et.al. 2012; MOREIRA, et.al. 2012) também têm observado que as tarefas de cuidado ficam sob a responsabilidade das mulheres. Destacam que os pais estão mais presentes na vida e desenvolvimento dos filhos mas ainda estão ocupando-se mais do lazer que do cuidado. Jablonski (1998) observa que os homens estão mais participativos em atividades relacionadas aos filhos, mas não considera significativa a participação nas tarefas domésticas.

Poortiga e Georgas (2006, apud CASTRO et.al. 2012) fizeram uma pesquisa com famílias em 30 países, entre eles o Brasil, e identificaram que existem mudanças na hierarquia patriarcal no referente aos papéis de pai e mãe, destacando-se como significativa a diminuição da autoridade masculina, e uma clara tendência a uma relação mais igualitária no casal. Esta realidade se deve principalmente à independência financeira e ao aumento no nível de educação das mulheres. Mas observam que o papel tradicional da mãe como principal cuidadora não tem sido muito questionado nem sofrido grandes alterações em comparação às mudanças significativas que se observam no tradicional papel do pai, como autoridade e provedor.

A elaboração da Constituição Federal de 1988 é uma consequência deste novo ideal de conjugalidade igualitária, assim como construtora da mesma. O Direito, como

organizador das relações sociais, estabelece no Código Civil Brasileiro uma nova compreensão do direito de família e determina a igualdade ante a lei de homens e mulheres, seja na sociedade conjugal, ou nas relações parentais. Assim se passou do “Pátrio Poder” que outorgava direitos e deveres específicos ao pai para o “Poder Familiar” em que se equipara o pai e a mãe no exercício da parentalidade (KARAN, 1998; CEZAR-FERREIRA, 2004; CERVENY, CHAVES, 2010). A parentalidade e a conjugalidade também passam a ser diferenciados juridicamente, exigindo do pai envolvimento e responsabilidade na vida dos filhos mesmo em casos de separação (BELTRAME, BOTTOLI, 2010).

“A concretização do princípio de igualdade entre homens e mulheres passa também necessariamente, pelo estabelecimento de uma nova forma de relacionamento entre pais e filhos, em que o papel do pai não seja mais o de um simples coadjuvante, dividindo, sim, com a mãe, as funções de criação e educação dos filhos” (KARAN, 1998 p.186)

Apesar dos significativos avanços na Lei para o entendimento de uma relação mais igualitária, parece que na prática ainda se privilegia a função da mãe como a responsável sobre a criação e educação dos filhos. (SOUZA, 1994; CASTRO et.al., 2012). Para Medrano et.al. (2010) as políticas públicas brasileiras não facilitam aos homens desenvolver experiências de cuidado com seus filhos, um exemplo disso pode-se observar na licença parental que em países como Suécia ou Noruega permite que seja negociada entre os pais para ambos ter a oportunidade de cuidar do filho, enquanto no Brasil não existe a possibilidade da licença ser negociada entre os pais, estabelecendo a licença-maternidade de quatro meses com a possibilidade de prorrogar dois meses mais, e a licença-paternidade de apenas 5 dias estabelecendo culturalmente uma diferença na possibilidade de envolver-se nos cuidados e criação dos filhos.

Agora, diversos estudos já citados neste trabalho sinalizam que estamos numa época de transição. Mesmo nas famílias organizadas no formato mais tradicional observa-se na atualidade modificações nas relações conjugais e no exercício da parentalidade, visualizando-se uma relação pai-filho com maior conexão afetiva e participação nos cuidados desde o início da vida. Isto tem possibilitado o surgimento tanto de novas significações como de vivências da parentalidade a conjugalidade.

Diversas investigações foram feitas para tentar compreender como está sendo desempenhada a paternidade na atualidade. Beltrame e Bottoli (2010) realizaram uma pesquisa para compreender o envolvimento paterno. Entregaram uma câmera fotográfica num período de 15 dias para que as famílias estudadas retratassem momentos do cotidiano, e na sequência realizaram uma entrevista semiestruturada com os pais e as mães. Observaram que os pais atuais se distanciam dos modelos tradicionais e procuram construir uma relação embasada no desejo de realizar trocas afetivas com seus filhos.

Porém, a falta de tempo disponível para os filhos aparece como uma das maiores dificuldades encontradas nos pais atuais. Para Beltrame e Bottoli (2010) “o pai contemporâneo...não está em um extremo, nem em outro, e sim, se encontra num momento de transição” (pág. 218). Nesta transição observa-se que na construção da paternidade a questão da afetividade aparece como eixo central.

Lombardini(2005), pesquisou o novo modelo de paternidade a partir da visão dos filhos (entre 18 e 24 anos). Observou que os filhos esperam que os pais sejam próximos afetivamente, que saibam escutar, compreender o que sentem e aceitem o modo como os filhos pensam e fazem as coisas. Quando os adolescentes são indagados sobre o efeito que estes comportamentos paternos tem na vida deles, a resposta é sentir-se mais seguros, aprender sem pressão nem culpa de decepcionar e ter mais desejo de conversar com seus pais.

Parece ser que o compromisso e envolvimento paterno está num período de ressignificação no Brasil e no mundo. Os pais estão passando de ser simplesmente provedores do lar e chefes da família a ter um papel mais próximo e presente na educação e desenvolvimento dos filhos.

Hennigen e Guarechi (2002) procuraram entender como a mídia, como construtora de narrativas, está representando a paternidade atual. Para isso analisaram comerciais de televisão emitidos na cidade de Porto Alegre na época dos dias dos pais de 2000. Segundo os autores a forma como o pai vem sendo retratado se alterou profundamente nos últimos anos. O privado e o público, assim como comportamentos mais tradicionais e modernos se mesclam. O pai aparece com uma participação mais ativa no cuidado e envolvimento com o filho, e a afetividade e o prazer no exercício da paternidade se destacam como centrais. A brincadeira e o jogo aparecem como formas de interação mais frequentes, tendo crescido nos últimos anos sua participação em atividades de ler e ensinar.

Souza (1994) entende a paternidade como um sistema-problema, não só familiar se não também social. A sociedade por muito tempo teve como narrativa dominante que as mulheres são mais capacitadas e dotadas que os homens para cuidar dos filhos. Em sua pesquisa sobre os pais singulares procurou desconstruir e flexibilizar estas crenças encontrando na vivência dos pais contemporâneos narrativas alternativas a uma vivência da paternidade rigidamente estabelecida.

Em resumo, as famílias mudam mas o sistema familiar se mantém. As famílias longe de desaparecer se reinventam a cada momento, reinventam novos padrões de funcionamento e de relação. Hoje caminham cada vez mais longe do sistema patriarcal, e o lugar do pai, como o de cada subsistema, precisa ser repensado. Este estudo pretende contribuir na visualização deste fenômeno.

Desde uma concepção sistêmica nova-paradigmática entendo que na pós-modernidade não existem elementos estáveis, fixos e conclusivos sobre a paternidade, sobre como é ser pai na atualidade. Estes estudos são alguns exemplos do que está sendo estudado sobre a paternidade atual. O objetivo desta pesquisa é contribuir nas reflexões sobre a ressignificação da figura paterna, como vivem os pais de hoje. Que significado tem para suas vidas, de seus filhos e esposas.

CAPÍTULO 4

Problema e Objetivos da Pesquisa

Nos capítulos anteriores observou-se as significativas mudanças, sociais, familiares, de gênero e especificamente no papel paterno que vem acontecendo nos últimos anos. Essas mudanças são indícios de que vivemos uma fase de transição na qual as famílias e os papéis sociais precisam se reorganizar. Com este panorama surge interrogações sobre como o homem-pai e a família como um todo está se colocando diante destas modificações. Este trabalho pretendeu investigar como está sendo vivenciada a paternidade na atualidade.

4.1 Objetivo geral

Compreender e caracterizar como é vivenciada a paternidade atual para os pais entrevistados.

4.1.1. Objetivos específicos

- 1) Identificar qual foi o modelo de paternidade que os entrevistados tiveram e qual é o modelo de paternidade que desempenham;
- 2) Compreender como era significada a paternidade antes de se tornarem pais e como isso é vivenciado na prática cotidiana;
- 3) Observar a percepção dos pais e conjugues sobre o envolvimento paterno na criação dos filhos
- 4) Identificar como se estabelece a distribuição das atividades e responsabilidades no exercício da paternidade.

CAPÍTULO 5

Método

Considerando que o objetivo geral deste trabalho é compreender e caracterizar como é vivenciada a paternidade atual, se considera que os significados dados as experiências vividas pelas famílias, são realidades únicas, pelo qual precisa ser contemplada a subjetividade humana, e não apenas mensurar os comportamentos. A Pesquisa qualitativa permite aceder as experiências vividas e observar as dinâmicas de interação considerando múltiplas perspectivas. Por esse motivo optou-se pelo método da pesquisa qualitativa, com delineamento de estudo de caso coletivo.

Desde uma visão sistêmica nova-paradigmática, que é a lente escolhida para olhar este fenômeno, se considera que o observador faz parte do observado. Assim o resultado da pesquisa qualitativa será uma construção e não uma verdade empírica. Considera-se que a pesquisadora faz parte desta construção já que sua interação com os participantes produz e constrói os significados aqui recortados.

5.1- Participantes

Definiu-se previamente como participantes desta pesquisa 3 casais heterossexuais de classe socioeconômica média, residentes na cidade de São Paulo que tenham pelo menos um filho entre um e sete anos. A opção pela escolha da idade dos filhos está relacionada com uma maior dependência biológica do filho com a mãe antes do primeiro ano de vida, e como parte dos objetivo específicos é justamente investigar como se dá a divisão de responsabilidades e tarefas entre o casal se definiu este recorte.

A indicação dos sujeitos foi com o critério de conveniência, a partir de indicações de pessoas do contato da pesquisadora que identificaram casais com as características selecionadas para esta pesquisa.

Como com um dos casais só foi possível realizar a entrevista com a mãe, se decidiu incluir um quarto casal. Sendo finalmente entrevistados para esta pesquisa 3 homens/pais e 4 mulheres/mães. A faixa etária dos participantes foi de 34 a 47 anos. O tempo de relacionamento dos casais variou entre 7 a 17 anos. A quantidade de filhos foi de um ou dois entre 5 meses e 7 anos.

A identificação dos participantes foi feita da seguinte forma: **Casal 1**, em que **P1** é o pai (Pedro) de 47 anos com ensino superior completo, e **M1** é a mãe (Ana) de 41 anos, com mestrado. Tem dois filhos: Rafael 4 anos e Júlio de 2 anos. **O Casal 2**, sendo **P2** o pai (João) de 38 anos, com ensino superior completo, e **M2** (Inês) 38 anos, com ensino superior completo. Tem um filho. Ricardo de 2 anos. **O Casal 3**, sendo **P3** o pai (Ivan) de 34 anos, com pós-graduação completa, e **M3** a mãe (Viviane) de 36 anos, com pós-graduação completa. Tem um filho: Leonardo de 5 anos. E o **Casal 4**, em que **P1** é o pai (José) de 40 anos, com ensino superior incompleto, e **M4** é a mãe (Roberta) de 38 anos também com ensino superior incompleto. Tem dois filhos: Gabriel 7 anos e Tatiane de 05 meses. A identificação das crianças será pelo nome.

Visão geral dos participantes:

Nome	Idade	Escolaridade	Profissão	Tempo de relação	Casamento	Filhos
<u>Casal 1</u>						
Pedro (P1)	47	Superior Completo	Bancário	07 anos	06 Anos	Rafael 4 anos
Ana (M1)	41	Mestrado	Mãe			Júlio 2 anos
<u>Casal 2</u>						
João (P2)	41	Superior Completo	Professor	17 Anos	07 Anos	Ricardo 2 anos
Ines (M2)	38	Superior Completo	Secretária			
<u>Casal 3</u>						
Iván (P3)	34	Pós Graduação	Engenheiro Civil	15 Anos	08 Anos	Leonardo 5 anos
Viviane (M3)	36	Pós Graduação	Farmacêutica			
<u>Casal 4</u>						
José (P4)	40	Superior Incompleto	Técnico em maquinaria	17 Anos	10 Anos	Gabriel 7 anos Tatiane 5meses
Roberta (M4)	38	Superior Incompleto	Dona-de-casa			

5.2- Instrumento

Usei como instrumento desta pesquisa uma entrevista semiestruturada que realizei por separado com o pai e a mãe de cada casal, tendo uma parte final da entrevista com o casal junto. Isto só não foi possível em um dos casais (**Casal 4**) porque só a mãe quis participar.

O instrumento utilizado foi com a intenção de poder focalizar o fenômeno estudado e ao mesmo tempo obter uma visão ampla que favorecesse o aparecimento de significados, expressões, e reflexões relacionados ao tema.

A entrevista começou com um roteiro de perguntas de identificação das pessoas entrevistadas e continuou com o desenvolvimento dos temas pertinentes ao assunto de uma forma flexível permitindo o aparecimento de comunicações espontâneas a partir do roteiro de perguntas previamente estabelecido (Anexo 1).

5.3- Procedimento

Como o objetivo geral desta investigação é compreender e caracterizar como é vivenciada a paternidade atual para os pais entrevistados optou-se por realizar entrevistas individuais que permitissem indagar em profundidade o tema em questão.

O primeiro contato com os participantes foi realizado por telefone. Em todos os casos explicou-se o objetivo e características da pesquisa, que sua participação consistia em realizar uma entrevista sobre o tema investigado, que seria gravada, mas garantindo a preservação da identidade. No Casal 1 conversou-se primeiro com a mãe e depois com o pai. No Casal 2 e 4 o primeiro contato e explicação foi só com o pai. O Casal 3 o primeiro contato e explicação foi com a mãe. Nos casos em que se conversou só com um dos cônjuges se fez uma segunda ligação para conversar com o outro membro do casal ou confirmar a concordância de ambos em participar e marcou-se uma data.

O encontro com as pessoas entrevistadas foi realizado na residência delas, numa sala reservada e contou-se com um mínimo de interferência. Foi lido e assinamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sendo que uma via ficou com o participante e a outra com a pesquisadora que deu ciência de que na transcrição da entrevista os nomes e identificação dos participantes seria alterado.

Nos Casais 1,2 e 3 as entrevistas começaram com o pai e teve duração média de 1hs. Na sequência foi realizada a entrevista com as mães com uma duração média de 45 minutos. A entrevista com o casal junto foi realizada no final e teve duração média de

15 minutos. Com Casal 4 no dia combinado para a entrevista só estava presente a mãe. Ela explicou que o marido teve que se ausentar por motivos laborais mas na interpretação dela, ele estava “fugindo” da entrevista, contudo insistiu em que o marido realizaria a entrevista numa outra data. A entrevista com a mãe teve uma duração de 1hs. A pesquisadora tentou posteriormente estabelecer contato com o marido ligando no telefone residencial mas não foi possível conversar diretamente com ele. A esposa disse que ele concordava em realizar a entrevista e chegou a agendar por ele uma nova data que foi desmarcada no dia da entrevista. A pesquisadora teve uma terceira tentativa de contato, onde ficou à disposição para marcar uma outra data e optou-se por não insistir na realização da entrevista com o marido respeitando sua livre escolha.

As entrevistas foram gravadas e transcritas para permitir levantar os dados e categorias atinentes à pesquisa. Se tomaram todos os cuidados éticos de acordo com a resolução CNS 196/96 que trata de pesquisas com seres humanos.

5.4 Análise do Material

Os material coletado mediante as entrevistas foram analisados desde uma perspectiva sistêmica nova-paradigmática e organizados em categorias que possibilitou uma análise do conteúdo das conversações para responder aos objetivos desta pesquisa. As categorias elaboradas são: 1) Modelo de Paternidade; 2) Ressignificação da Paternidade; 3) Vivência da Paternidade; 3) Divisão de tarefas.

CAPÍTULO 6

Resultados e Discussão do Material Coletado

A partir das transcrições das entrevistas, o material obtido foi organizado em categorias para facilitar a análise e discussão dos resultados.

Desde uma olhar sistêmico se entende que a paternidade não é algo isolado, que só acontece com “os homens” se não que é construída nas relação e nos significados compartilhados com os demais membros do sistema, num determinado contexto sócio cultural, e interligado à história intergeracional de cada família. Neste estudo optou-se por entrevistar por separado os pais e mães, mas considera-se que a vivência que os homens atuais estão tendo no papel de pais está interrelacionado as vivências e significados outorgados pelos demais membros do sistema (conjugal, familiar, e social). A organização em categorias e a análise é feita em conjunto com as experiências de todos os participantes (pais e mães) entrevistados.

1) Modelo de paternidade

Segundo Cervený (2011) para entender a dinâmica de uma família devemos conhecer as gerações anteriores, porque é nelas que acontece a transição de padrões de comportamentos, valores, mitos, e crenças. Assim, com o objetivo de compreender e caracterizar como é vivenciada e significada a paternidade atual se indagou com os pais entrevistados sobre o modelo de paternidade na família de origem.

Apresenta-se em todos os participantes um modelo de família tradicional com os papéis bem diferenciados, em que o pai é o provedor e a mãe, é a principal responsável pelos cuidados dos filhos e o lar.

(P1) “Eu fui criado com minha mãe e meu pai, mas era minha mãe que se ocupava de tudo. Ela tinha uma loja, que era dos dois, ela trabalhava bastante, mas das questões da casa e dos filhos era só a mãe que se ocupava. Meu pai era só o provedor”

(M1) “meu pai nunca trocou uma fralda, nunca deu banho... nunca deu comida, nunca deu mamadeira...nunca fez nada disso, antes era assim, e minha mãe

também não deixava, ela não trabalhava, as mulheres eram criadas para ser mães”

(P2) “Ela (mãe) era dona de casa...fazia tudo, lavava, cozinhava, passava, tudo. Meu pai só trabalhava fora, como ele é português ...só gostava de fazer sopa no frio”

(M2) “minha mãe também trabalhava mas em casa, lavava roupa para fora, fazia tudo o que podia para ajudar com as dispensas porque 5 filhos custa caro, mas dos filhos era ela que cuidava... Meu pai era do tipo ‘o que tua mãe falar está falado’. Minha mãe tinha uma autoridade muito grande encima dos filhos”.

(M3) “: Meu pai foi bem participativo pelo contexto, só que ele não tinha essa coisa de trocar a gente...meu pai era carinhoso, afetivo, mas no cuidado ele não mexia. Meu pai não faltava no trabalho. Minha mãe também trabalhava mas minha mãe sempre faltava, era ela que ia na escola, levava no médico. Meu pai queria o resultado, queria o boletim, ele cobrava notas, desempenho...ele era o provedor”

(M4) “minha mãe fazia tudo... ela era dona de casa e cuidava de mim e do meu irmão. Meu pai só saia para trabalhar... Ele acha que era função dele trazer a comida em casa, até hoje ele vai na feira a comprar fruta para a gente (ela e o irmão que estão casados), é como que ele se sente na obrigação de dar o alimento”

É possível escutar nas falas a sensação de “obrigação” com que eram vividos esses papéis, era “natural” tanto para os homens como para as mulheres se comportar assim. Segundo Souza (1994) ao não participar dos cuidados dos filhos não significava que o pai não tivessem amor por seus filhos, ao contrário a maneira que muitos homens tinham de expressar o amor por sua família era assim, um bom pai era um bom provedor. Observa-se que mesmo algumas mães (P1, M2, P3, M3) das famílias de origem trabalhando, assumem naturalmente sozinhas as responsabilidades pelos cuidados e educação dos filhos, sendo seu trabalho considerado de ajuda nas despesas da casa.

Percebe-se que o pai ocupava antigamente o lugar de “instancia superior”, de quem impõe a autoridade. Neste estudo encontrou-se uma diferença por gênero, observa-se a autoridade do pai muito mais rígida com os filhos homens. Os pais da amostra descrevem um vínculo em que aparece a figura do pai como aquele que impõe ações disciplinadoras e mantém distanciamento afetivo, enquanto as mães apresentam um vínculo onde é possível encontrar intercâmbios afetivos e maior proximidade, mesmo o pai mantendo os parâmetros da família tradicional em que o homem não assumia nenhuma das tarefas de cuidado. Podemos relacionar esta diferença, no investimento muito mais enérgico com o gênero masculino baseado em uma sociedade em que predominavam os valores patriarcais.

(P1) “era frequente antigamente escutar `vou falar para seu pai´ aí complicava... ele sempre foi um homem muito sério, um pouco distante. Não se envolvia muito na casa nem com os filhos, principalmente quando éramos menores, depois, quando já crescemos um pouco, ele se envolvia um pouco mais, ele estava interessado com questões de educação, ou seja na adolescência acho que ele se sentia mais à vontade como se tivesse um papel a cumprir, mas com os filhos pequenos ele não se envolvia, mas ele era a autoridade da casa”

(P2) “Eu tive muito problema com meu pai...apanhava muito...com meu pai era só bronca, batia muito em mim...era muito distante afetivamente, não me lembro de nenhuma troca de carinho com ele...era difícil falar alguma coisa”

(P3) “meu pai foi criado por uma pessoa extremamente bruta...então eu apanhava por tudo... eu acho que o modo de mostrar e exigir respeito era pela força...ele era muito enérgico intervia de uma maneira mais incisiva que educativa... acho que meu pai baixou um pouco a guarda depois de um tempo quando percebeu que estava dando tudo certo, quando eu fui crescendo, aí ele se tornou uma pessoa mais amável...então começamos a dialogar de outra maneira...quando eu era criança era mais minha mãe”

(M1) “na infância a minha mãe...era a que sofria o papel de fazer as regras, de fazer comer, de fazer tomar banho, fazer estudar, fazer a lição, fazer tudo...meu pai era como a instância superior “vou contar para seu pai” “se chegar no pai você vai ver” ...mas se chegasse em ele, ele não fazia nada mas só descobri isso

depois (rsrs)...a diferença de muitos pais daquela época meu pai era muito presente, era muito carinhoso, de conversar muito”.

(M4) “meu pai é muito bonzinho, ele sempre deu liberdade mas dentro de mim via em ele uma autoridade, eu sentia que certas coisas não podia falar para meu pai, isso que minha mãe era muito mais brava”

De maneira geral, os participantes reconhecem uma maior presença e vínculo com seus pais a partir da adolescência. Podemos entender que é uma geração em que “criança é assunto da mãe”, cabendo ao pai a responsabilidade pela educação moral dos filhos. Assim, o modelo de paternidade que os pais atuais tiveram era um modelo em que os pais começavam a ser mais próximos e participativos na educação quando os filhos chegavam à adolescência, não se envolvendo nos cuidados das crianças.

Na literatura encontramos diversos estudos (SOUZA, 1994; SPINELLI, 2006; CERVENY, CHAVES, 2010; CASTRO et.al. 2012) que sinalizam que vivemos uma época de transição em que a rigidez do modelo patriarcal é questionada e existe uma tendência para um modelo de paternidade com maior igualdade no relacionamento conjugal e parental. Para Spinelli (2006) do pai provedor, distanciado afetivamente dos filhos passa-se agora para um modelo de pai mais participativo e envolvido afetivamente com seus filhos. Para esta autora, nessa descoberta uma das primeiras dificuldades é reconhecer, a partir de ter uma relação mais próxima com o próprio filho, a falta de um vínculo mais íntimo com seu próprio pai. Castelain-Meunier (1993) diz

“a dificuldade da paternidade contemporânea está ligada sobretudo ao fato de que é preciso improvisar...ninguém lhes ensinou como fazer, ou seja, o bê-á-bá. Reagir diante de um bebê, segurá-lo. Fazer isso é participar de seu tempo...e, dessa forma, afastar-se cada vez mais do tempo em que a criança era vista como um ser irracional e inferior...que era preciso discipliná-la, quase virá-la do avesso. O trabalho do pai não era, então, cuidar do bebê, mas criar todas as condições para torná-lo um indivíduo sociável, que soubesse agir, se possível, com autoridade, no caso de ser um menino” (p 28)

Assim, encontramos de maneira geral, nos pais entrevistados, o desejo de diferenciar-se do modelo de paternidade que tiveram nas suas famílias de origem, e a

esperança de construir um vínculo diferente com seus filhos. Observa-se que o envolvimento afetivo, é valorado, nas falas dos pais, como sinal do que não tiveram, mas tentam fazer no vínculo com seus filhos. E nas narrativas das mães, que tiveram uma maior proximidade afetiva com seu pai, encontra-se que valoram positivamente esta característica esperando que seus maridos se comportem assim, mas com a diferença de que as mães atuais, esperam também uma maior participação nas tarefas de cuidados.

(P1): meu pai era assim, era parte da época... meu pai era como tinha que ser...mas acho que teria gostado de ter um vínculo mais próximo com ele ... com meus filhos eu tento ser muito afetivo, eu nunca teve isso com meu pai. Quando eles crescer espero ter mais conversa com eles, ser mais presente do que meu pai era, compartilhar o dia a dia”

(P2) “Hoje eu tento fazer bem diferente com meu filho, é bem consciente isso. Não quero ser igual a meu pai, sempre pensei isso Porque eu achava que meu pai não era bom para mim...Eu não tive um modelo mas na verdade teve um modelo do que eu não gostaria de ser...Eu teria gostado de ter mais conversa...não dava para conversar direito com ele. Ele era um bom trabalhador dessa parte não posso falar nada, mas para conversar não tinha assunto”

(P3) “hoje vejo que, mesmo quando me batiam, era o melhor que eles podiam me dar, foi assim que eles foram educados. Mas vendo a quantidade de trauma que isso me gerou, eu sinto que não posso fazer isso com meu filho. Eu tenho que mostrar para ele outro caminho. Então com meu filho eu me cobro ser muito coerente... meu pai era muito enérgico, eu com meu filho tento ser uma pessoa mais coerente, eu sou muito mais orientador

(M2) “Meu pai era muito carinhoso, de beijar, abraçar, de estar junto...conversava muito, ele gostava também de passear, de andar de bicicleta... eu vejo muitas destas características no João (P2) Ele é muito afetivo, preocupado, em saber como o filho está...eu vejo muito de meu pai nisso... A diferença é que o João é muito mais ativo que meu pai era, é de tomar mais a iniciativa em algumas coisa, meu pai delegava mais coisas na minha mãe”

(M1): *“eu vejo características parecidas no sentido do pai ser a força, ser o modelo. Mas são muito diferente, personalidades completamente diferente. O Pedro é super participativo nas tarefas que meu pai não era, o Pedro dá banho, troca fralda, leva na escola, se eu não estiver ele vai para o parque, ele cuida”*

Segundo Beltrame e Bottoli (2010) O pai da atualidade não pretende ocupar o lugar materno, se não que procura através de seus próprios parâmetros construir uma relação embasada no desejo de realizar trocas afetivas com seus filhos. Os pais desta pesquisa encontram em essas atividades do dia a dia um espaço para construir um vínculo mais afetivo com seus filhos. Esta característica foi encontrada nas falas de todos os casais, menos no P4 que a partir da descrição que a esposa fez observa-se a presença de característica do que podemos chamar de pai tradicional. Isto representa o que muitos autores falam que estamos numa época de transição, em que convivem novos e velhos comportamentos, assim o modelo que podemos chamar de pai contemporâneo se encontra num momento de transição e construção

2) Ressignificação da Paternidade.

Desde uma epistemologia sistêmica nova-paradigmática considera-se que não existe uma realidade objetiva, única e verdadeira se não que ela é construída, na relação com os outros, nos significados compartilhados e em interdependência com os fenômenos socioculturais de cada época. Cada pai tem uma maneira única de ser que está interligado a suas relações familiares e sociais e vai se construindo e reformulando ao longo da vida. Nesta pesquisa, com o intuito de compreender a paternidade contemporânea, se procurou os significados compartilhados tanto na visão do próprio pai, quanto das mães, assim como o que eles acham que a sociedade de hoje espera dos homens quando são pais.

Ao ser indagados sobre o significado que a paternidade têm nas suas vidas, os pais do estudo, descrevem a paternidade como uma transformação, como a inauguração de um novo período do ciclo vital. É visto como uma “evolução natural” para formar uma família, mas também, é uma mudança que provoca uma resignificação de todos os aspectos da vida.

(P1) *“Para mim ser pai é algo que tem a ver com aceitar a ordem da vida...Acho que o filho é algo que vem quando você quer formar uma família... para mim, ser pai é....não sei como falar...muda absolutamente o conceito da vida. Nasce o filho, e você para de pensar em outras coisas, todas as prioridades mudam, já são eles a prioridade, são eles a única coisa e para mim a vida passa a ter sentido e outras coisas passam a não ter sentido.”*

(P2) *“Quando decidimos casar a gente pensou, vamos primeiro a organizar nossa vida para depois pensar em ter um filho...agora que sou pai a prioridade para mim é ele...para mim ser pai é um monte de coisa não dá para resumir numa palavra”*

(P3) *“Ser pai para mim representou que vou deixar minha marca depois que eu for... é uma questão de evolução, de perpetuação, acho que ter filhos faz parte de uma evolução natural, para a gente fazia parte do projeto de vida...Acho que quando casamos isso se tornou mais claro.... Para mim foi uma mudança muito grande...agora sou uma pessoa extremamente forte, não é qualquer coisinha que me derruba. Agora sou a base de uma esposa e de um filho, e eu não posso me abater...”*

Vale destacar que nos casais 1, 2 e 3, a chegada dos filhos foi algo desejado e planejado. Isto não aconteceu com o casal 4 que o filho chegou sem programação; como neste último caso não foi possível realizar a entrevista com o pai, não podemos afirmar se faz diferença na vivência e significado dado a paternidade.

Observa-se nos pais entrevistados que quiseram ter filhos, que assumir a paternidade foi sentido como uma escolha em que a mudança é significada como fazendo parte da experiência. Manifestaram consciência de que ao ser pai, vão ter que dividir com a esposa, os cuidados e responsabilidades dos filhos. Nestas falas podemos observar este novo modelo de paternidade emergente.

(P1)*“para mim (tornar-se pai) foi até um “relax”, eu casei muito tarde, então tive muitos anos para experimentar estar solteiro, com emprego bom, com dinheiro, e de repente você tem filhos e muda todo... mas tudo na vida muda, obvio que quando se é pai tem coisas que vão mudar, obvio que vão ter que se*

abrir mão de algumas coisas, mas se você faz um MBA também demanda tempo, e tem que abrir mão de algo, é assim a vida”

(P2) “Eu não sinto que teve que abrir mão das coisas por exemplo o futebol eu não larguei mas eu diminui...diminui em função dele, e para ajudar ela porque não é justo”

Destaca-se que todos os pais da amostra se tornaram pais depois dos 30 anos, o que é representativo da tendência dos casamentos e a parentalidade da atualidade que acontece mais tardiamente. É possível pensar que sentir-se maduros, com conquistas na vida e com um relacionamento estável, colabore na vivência desta mudança com tranquilidade na qual se observa desejo de participar e cuidar dos filhos. (Casal 1, 2, 3)

Outro fator que chama atenção é que os pais (1, 2 e 3) têm formação superior /pós-graduação, a diferença do casal 4 que tem superior incompleto, neste último caso tem um padrão de relacionamento mais próximo ao modelo tradicional. Podemos pensar que maior nível de formação possa colaborar na desconstrução ou questionamento de padrões de comportamento fortemente arraigados nos costumes sociais e na subjetividade das pessoas.

(M4) “eu achava que ele ia me ajudar. Eu achava que ele iria pegar o Gabriel e trocar fralda, que iria dar mamadeira, banho, que ele fosse querer pegar, e no começo eu me sentia meia chateada, não entendia, pensava que não gostava do Gabriel, e ficava chateada porque só eu tinha que acordar de madrugada... para ele a mãe é quem tem que cuidar do filho, ele pensa assim”

(M3) “O Ivan entende que ele quer participar....acho que não vê isso como obrigação da mãe e sim do casal”

A questão afetiva e o desejo de compartilhar a vida dos filhos, destacam-se como um dos elementos mais valorados. A tese de Souza (1994) mostra que com a rígida divisão sexual não só as mulheres são prejudicadas, os homens também perderam quando ficaram excluídos do convívio com seus filhos. Neste sentido podemos pensar que os homens atuais encontram no exercício da paternidade um espaço de satisfação emocional, desde o qual estão ressignificando o que é ser pai hoje. Observa-se também,

que a questão afetiva aparece como a forma de “fazer diferente”, principalmente nos casos dos pais que não tiveram experiências positivas com seus próprios pais.

(P3) “O que senti é que com a paternidade você canaliza um amor que até então você não conhece, que eu acho que você só acaba conhecendo quando você tem...Eu tento ser sempre muito coerente com as coisas que eu faço com ele. Eu não deixo de falar que amo ele nem um segundo, toda vez que eu faço uma coisa é isso...Eu gosto de brincar, elogiar mas também de repreender porque tenho que educar meu filho. Mas eu me preocupo mais com o Leo ser uma pessoa feliz”

(P2) “Eu tento ser muito afetivo, eu nunca teve isso com meu pai. Quando for maior quero ter mais conversa, ser mais presente do que meu pai era, compartilhar o dia a dia dele. Gostaria que ele falasse que teve um paizão, um pai bom, que acompanho... que conversa, que está presente que compartilha a vida dele”

(M3) “Eu acho que o Ivan quer ser muito mais pai do pai que ele teve...ele fala “meu pai não participou”. Eu acho que ele quer ser um pai diferente para o Leo...Acho que é o amor, e talvez também que hoje a sociedade não acha ruim que o marido assuma esse papel também”.

(P1) (quando os filhos crescerem) “gostaria que eles tivessem confiança, e que eles olhassem para mim e para a mãe como um porto seguro, e que sintam que pode voltar para a gente sempre que precisar. Eu tento transmitir muito amor e carinho. Eu gosto de ficar muito próximo deles, abraçar eles, beijar eles, e perguntar, e que eles contém o que estão experimentando, sentindo. E quando eles fazem algo errado tento cuidar de não explorar, não me deixar levar pelo temperamento para eles se sentir seguros”

Alem do afetivo, também se observa que o pai atual aparece associado a alegria, descontração

(M1) “eu brinco com ele porque falo que ele é o sol da nossa vida, não só dos meninos se não da minha também, ele traz alegria, traz o equilíbrio, eu sou estressada a que quer pôr regra em tudo, eu sou assim mesmo meio

militarzinho....ele chega do trabalho e chega brincando. Às vezes eu me desespero porque ele chega no exato minuto que estou colocando eles na cama, e ele chega e acabou o horário da cama, porque ele chega e pula para cima e faz coceguinha, e eles adoram”

Considerando que a paternidade não está isolada ao indagar sobre o que se espera dos homens como pais, escuta-se que existe uma expectativa social de maior equilíbrio na relação conjugal e participação e proximidade de pais e filhos. Isto está relacionado com a conquista das mulheres do mercado de trabalho, mas também com questionamento do lugar do pai como autoridade, que de alguma maneira convida a ressignificar profundamente o que é ser pai hoje.

(P1) “Eu acho que a sociedade hoje espera uma maior igualdade. Eu acho que hoje os homens que querem seguir o modelo antigo não estão bem vistos. Acho que hoje um homem que pensa que é a mulher tem a obrigação de cuidar dos filhos e ele não queira trocar uma fralda ou fazer uma mamadeira é algo que não é bem visto. Antes era o contrário, era mal visto se um homem se envolvia com essas tarefas”

(P2) Hoje não se pode esperar que seja só um provedor...vejo no meus amigos também que hoje os homens ajudam a cuidar do filho. Acho que hoje não queremos ser só provedor, pais que não cuidavam não conversavam, acho que a maioria hoje não quer mais isso, quer estar mais perto do filho, da família...eu acho que mudou bastante de como era, eu acho que é uma mudança boa porque na maioria dos casais os dois trabalham”

(M3) “acho que os homens agora perceberam que eles também tem um papel que não é só de fornecer o espermatozoide ou o material, e eles entenderam que “meu pai não fez isso mas eu quero fazer”, porque eu sei que meu sogro também não fez, o Ivan as vezes fala “meu pai nunca fez nada disso” mas eu percebo que é uma vontade dele e de outros homens também; semana passada veio em casa um colega nosso com um nenzinho de um ano e ele é um paizão, e também vejo em meus primos dão banho, levam no médico porque as esposas também trabalham. Então entendo que hoje eles entende que são mais que um provedor”.

Observa-se em todos os casais que existe uma expectativa social de que hoje os homens sejam mais participativos na vida dos filhos, que expressem envolvimento afetivo e dividam tarefas de cuidado com a mãe, mas também, existe a expectativa de que continuem sendo provedores. Diversos autores (LOMBARDINI, 2005; CERVENY, CHAVES, 2010) sinalizam que estamos num período de transição, em que encontramos pais muito tradicionais que se sentem os donos e responsáveis pela família e uma nova geração de pais que tendem a ter uma relação mais igualitária e próxima tanto com as esposas como com os filhos. Em geral, nos pais entrevistados observa-se uma maior participação no dia a dia dos filhos. O valor da “igualdade”, mesmo que seja um ideal não levado a prática em sua totalidade, aparece como um dos principais norteadores deste comportamento, e podemos pensar que permite uma nova vivência da paternidade,

(M1) “Acho que se espera uma maior participação, se espera que ele troque fralda, que puxe carrinho, leve na escola, na parte prática se espera mais participação. Mas acho que psicologicamente os papéis não mudaram, acho que ainda é importante a função de pai como pai...Dessa imagem do pai ser a instância superior, de ser a última palavra na família, a figura forte”

(P3) “Eu me cobro de prover para minha família. Mas não acho que seja responsabilidade só do pai”

(P2) Hoje não se pode esperar que seja só um provedor, a pesar de ter homens assim acho que já são bem menos...hoje os homens ajudam a cuidar do filho...quer estar mais perto do filho, da família

(M3) “Gosto da participação dele...porque a gente trabalha para caramba, e o cuidado, o dia a dia é algo trabalhoso...(falando do homem como o principal responsável pelo sustento da família) hoje tenho a visão de que sim...eu sempre fui uma pessoa que quis trabalhar, vencer na vida e achava que ia ganhar igual que ele, que a gente ia ser igual, mas a partir do momento que fui mãe comecei a sentir que se eu almejar um cargo melhor ia ter que largar o Leo...hoje estou aceitando muito bem a possibilidade de ser sustentada”

Uma das frases que representam o que é valorado socialmente hoje é “pai tem que participar” parece estar muito forte nos valores e crenças dos pais atuais. Eles sentem que tem que estar mais presente. Isto parece ser uma grande novidade deste

tempo, já que como vimos o homem por séculos nunca assumiu as tarefas de cuidado dos filhos e do lar. (SILVEIRA, 19998; CASTRO et.al. 2013)

(P1) “eu queria ser um pai próximo, carinhoso, as vezes por trabalho não se pode controlar o fato de estar um pouco ausente mas eu tento ser um pai bem presente

(M3) “paizão. Presente, que colabora, brinca, participa, que conversa com ele”

Se destacam como as características valorizadas pelos pais: Estar presente, brincar, participar, conversar com o filho.

As representações, significados e valores são os que vão construindo o cotidiano das pessoas. Mudar de Paradigma implica rever, questionar velhas crenças, valores, modos de pensar, agir e se relacionar. O pai contemporâneo está em construção, o que podemos vislumbrar é que em esta transição se misturam valores novos e arcaicos, o que sim se destaca como significativo é o valor dado ao vínculo afetivo, parece que os pais de hoje estão procurando uma paternidade mais afetiva e íntima com seus filhos e família. Todas estas mudanças fazem parte do contexto no qual a paternidade está sendo ressignificada.

3) Vivência da Paternidade Atual

A pós-modernidade é uma época que põem em questionamento assuntos que há um tempo atrás eram indiscutíveis, como são os papéis e as funções de cada gênero. Para Souza (1994) foi com o surgimento dos casais de dupla renda que a identificação do papel paterno como exclusivamente de provedor começou a ser questionado, possibilitando o aparecimento de uma nova figura de pai.

(M2) “antes o pai era o chefe da casa, o dia a dia era com a mãe. E hoje os dois trabalhamos, a gente quer dar um futuro bom, e um pai que chega e não da carinho acho que não cabe nesse mundo... acho que se espera que sejam mais participativos. Além de provedor”

Os pais entrevistados, como muitos pais da atualidade, envolvem-se nesta função já desde a gestação, acompanhando o pré-natal e o parto. O pai do Casal 1 procurou o auxílio de um livro para poder fazer parte do processo. Se observa que os pais se emocionam ao lembrar deste momento e manifestam interesse em participar.

(M3) *“O Ivan participou do início ao fim, ele se preocupava, ia junto nas consultas comigo, no ultrassom, queria saber”*

(P2) *“uhhh era muito bom de ver o coraçãozinho batendo de alguém tão pequenininho. Eu também acompanhei o parto...foi melhor ainda”*

(P1) *“me ajudou muito um livro...com esse livro nós tínhamos muitas conversações, para mim foi muito bom, para me sentir parte do processo... eu acho que a natureza é muito sabia...esses 9 meses são para se acostumar o corpo da mulher e...a cabeça do homem”*

Hoje está sendo relativamente comum escutar que um pai participou do parto, mas se olharmos com uma lente histórica é algo bastante recente. Esse era um espaço exclusivo das mulheres, em que não se dava lugar ao pai. No Brasil a lei que garante as parturientes o direito à presença de um (a) acompanhante durante o trabalho de pré-parto e pós-parto foi sancionada só em 2005. Na pesquisa feita por Souza (1994) refere que muitas vezes mais do que ausentes os pais também são excluídos.

Na vivência da paternidade contemporânea encontramos que os pais estão mais presentes e participativos de atividades diárias dos filhos. Uma das mães fala destes novos pais como “um pai geral”, porque faz de tudo.

O carinho, o prazer e a vontade de construir um vínculo forte, íntimo com o filho são outros aspectos que se destacam das falas dos pais entrevistados. Este modelo só não se encontrou no P4, segundo a visão da esposa, que se apresenta como um pai que não se envolve nas tarefas de cuidado diárias e é mais distante afetivamente. Como podemos ver, convivem na atualidade diferentes modos de ser pai, não existindo uma única, nem correta.

(M2) *“Ele é muito afetivo, preocupado, em saber como o filho está, quer participar. Ele que dá banho no menino, é um momento deles... vejo que para ele não é esforço, é prazer...não é obrigado”*

(P1) *“como são dois meninos, quando eu estou geralmente a gente toma banho juntos de banheira...é um momento muito bom, muito gostoso, é de brincadeira...quando ela dá banho eles também brincam e é um momento muito gostoso mas é mais rápido, comigo é sempre o banho de banheira que fazemos espuma, tem vezes que acaba mal (rsrs) um brigando com o outro mas normalmente é um momento bem gostoso. Às vezes eu chego bem cansado e não estou muito a fim mas normalmente é um momento gostoso... eu desfruto muito dos momentos que passo com eles, como te falava o momento do banho, das brincadeiras...são muitas coisas”.*

(P3) *“Eu sempre brinco muito com ele de carrinho e as vezes de luta, eu gostaria que ele lembrasse desses momentos, e dos jogos de futebol que vejo com ele. Esses são momentos só de mim e dele ...Eu sou muito afetivo. Nunca, por mais que é difícil falar nunca, acho que nunca vou bater em ele. Sou partidário de conversar com ele”*

Entre as atividades que os pais assumem sobressai “tomar banho”. Que os três pais entrevistados referem ser sua atividade principal. Fica o interrogante de se o gênero dos filhos (por acaso todos os filhos desta amostra eram meninos) também contribui a ser a atividade cotidiana que mais compartilham. Também foi significativo nesta questão que todos manifestam que a hora de tomar banho é “gostoso” “divertido”.

Um fato que chamou atenção é que nesta vivência da paternidade todos os entrevistados descreveram o pai como uma pessoa mais “relaxada”, e a mãe como a preocupada, a que impõe as regras.

(M1) *“eu sou estressada a que quer pôr regra em tudo...sou neurótica com horários, tem horário para comer, horário para dormir, horário para tomar banho, horário para tudo...aquela coisa da mãe que quer fazer tudo certo, o que é impossível, e é bacana porque o Pedro traz muito a descontração, fala “relaxa” ninguém vai morrer... eu brinco falando que por isso existem pais no mundo porque se não as crianças estariam muito estressadas.”*

(P1) *“eu sou mais relaxado, a Ana é mais tensa, mais estrita com as rotinas, os horários e as regras com eles... Às vezes parece que quer proteger de mais os*

filhos, mais agora que ela não trabalha, eu acho que fica mais forte isso, ela se sente mais responsável, ela se cobra mais para os filhos ser bem educados”

(M2) “as vezes sou muito medrosa, preocupada com ele. O João é muito mais atirado nessa função de pai. Eu fico muito mais preocupada com o amanhã. Eu acho que o pai curte mais o momento, ele se preocupa, mas é mais inconsciente. Por exemplo, vai sair, eu já quero colocar uma toca e ele fala deixa, não está doente, e eu falo mas amanhã pode ficar doente. Eu vejo que como mãe sou muito mais preocupada nos detalhes”

(P2) “Ela tem muito receio com ele, se apavora, eu sou mais calmo, falo “não é nada”

(M3) “ele em geral é mais tranquilo eu sou muito mais preocupada com o Leo, mais neurótica.”

(P3) “eu acho a Viviane muito apavorada, muito assustada, isso é dela, acho que tem a ver com como ela foi criada, ela tem mais apego com o filho, se o Leo tropeça ela já sai gritando “ahh machucou”, eu sou mais tranquilo”

Chama atenção esta diferença por gênero. Se destaca que as mães em geral se preocupam por questões relacionadas com o cuidado. Ao se indagar o porquê os entrevistados acham que isso acontece, aparece de diversas formas a crença, fortemente arraigada de que cuidar dos filhos é coisa da mãe, o que colabora que os pais fiquem em um papel secundário, e se sintam menos “responsáveis” em relação aos cuidados. Nesta pesquisa isto se escutou de forma mais acentuada nos casais que mantem um formato mais tradicional, em que a mãe fica em casa cuidando dos filhos. Nos casais de dupla renda a divisão com os cuidados é maior, mas nas mulheres também aparece a sensação de ser mais responsáveis pelos cuidados dos filhos

(M1) “se eu ficar o dia inteiro fora as crianças vão almoçar 3hs da tarde, ninguém vai se importar, vai comer pirulito antes do almoço e essas coisas, mas também acho que é porque é um dia, como se pensasse “é um dia que estou com eles não vou passar dando bronca”, acho que se o Pedro tivesse que assumir esse papel dar comida todos os dias não seria assim, acho que ele entenderia depois de 3 dias dando pirulito antes do almoço que não vão comer,

então vai parar de dar o pirulito.... ele fala “não esquentar”, acho que eles não se sentem tão responsáveis...a mãe sente isso, porque sai da gente, é algo biológico”

(P2) Às vezes eu falo para ela que deixe comigo e ela é muito mais preocupada fala “não, ele tem que fazer isso, e isso”, outro dia ela falava que estava querendo emagrecer, eu falei para ela, arruma um horário para você que eu fico com Ricardo, que a gente divide, mas até agora ela não arrumou”

Moreira et.al. (2012) numa pesquisa feita com 150 famílias de Salvador, Bahia, mostra que as tarefas de cuidado ainda são atividades prioritariamente femininas. E os pais, em geral são mais participativos em atividades que lhes agradam. Para entender isto, a autora sinaliza que não podemos deixar de considerar a socialização, que por muitos anos prepararam as meninas, e meninos, para que as coisas da casa e das crianças sejam visualizadas naturalmente como femininas.

Esta naturalização se escuta nas falas dos participantes, que relacionam esse comportamento a questões biológicas e não sócio culturalmente construídas.

(M1) “a mãe sente isso, porque sai da gente, é algo biológico, por exemplo você sente que é seu dever alimentar porque sai da gente o leite, é biológico o negócio. E isso a gente carrega para sempre. É horrível eu sou neurótica, e em esse sentido o Pedro ajuda muito para equilibrar, porque eu sou a que sai com uma bolsa de comida, ele fala para relaxar, que eles não vão morrer de fome (rsrs) como muito vão comer uma hora mais tarde, mas eu não consigo”

(P3) “Eu acho que para a mulher é mais complicado, sofre mais...Porque a mulher tem um laço com a criança de 9 meses que o homem por mais que ele acompanhe não tem. Não sente crescer dentro do próprio corpo, o laço da amamentação só mulher vive”

(M3) “nem é porque a mãe seja mais importante que o pai, são papeis diferentes, complementários, mas eu ainda acho que a vocação de mãe é de menina. É uma questão fisiológica que te induz para isso”

(M1) “eu acho que a mãe é a sobrevivência básica, e o pai é o que vem depois disso, pelo menos na minha visão se eu tenho minha mãe “nunca vou morrer de

fome” se eu tenho minha mãe é alguém que vai me cuidar, curar, dá a saúde física, e o pai era... “eu vou ter um apoio” mas um apoio como mais psicológico, de mais força na vida, no sentido de que posso dar milhões de cabeçadas, mas se estiver sem rumo meu pai vai me orientar, ele vai falar qual é o caminho certo.

(P1) “é diferente com a mulher, a mulher sim quer ter um filho, é o instinto maternal. Eu acho que eu nunca tive um instinto paternal

(M4) “A minha cunhada, ela trabalha o dia inteiro e deixa o filho na escola, e o Zé acha um absurdo ela deixar o filho na escola o dia inteiro por estar trabalhando, porque para ele a mãe é quem tem que cuidar do filho, ele pensa assim”

Como se pode observar nestas falas, esta crença está fortemente estabelecida na sociedade, tanto nos homens como nas mulheres. Nossa cultura sempre valorizou o papel da mãe como cuidadora, e esta crença muitas vezes faz que a mulher termine se responsabilizando pelo cuidado. No casal 1 e 4 as mulheres decidiram deixar de trabalhar para cuidar dos filhos, no casal 3 a mulher está programando deixar de trabalhar com o apoio do marido. No casal 2 a mulher não pode deixar mas deixaria se pudesse. Observa-se que os pais não pensam na possibilidade de parar de trabalhar. Em parte se escuta que isso é estimulado por crenças que significam a mãe como naturalmente dotada para o cuidado. Para Spinelli (2006) a importância do trabalho da mulher não só é pelo rendimento se não que permite um maior equilíbrio na distribuição de tarefas e nas tomadas de decisões, “para que os pais compartilhem os cuidados com os filhos, é fundamental uma distribuição mais igualitária de poder” (p.3).

Para Carvalho et. al (2012) o cuidado é uma forma de relação humana que pode produzir satisfação, em nossa cultura, parece estar de associado ao feminino, assim se limitam as possibilidades de ações dos pais nestas questões. Questionar algumas destas crenças fortemente naturalizadas é uma possibilidade a pós-modernidade nos permite para abrir novas alternativas nos relacionamentos familiares, como o trabalho de Souza (1994) mostrou é algo que dá muito prazer aos homens quando descobrem esse vínculo que podem ter com seus filhos.

(M3) *“Eu geralmente sou mais preocupada, teve um dia que eu tive que trabalhar no sábado, e o Ivan ficou cuidando do Leo e eu fiz tudo correndo para chegar para almoçar com eles, e cheguei para almoçar e eles tinham saído não sei para onde, aí eu liguei e falei “Ivan...o horário do almoço do Leo!”, ele não é preocupado com essas coisas. Mas eu fiquei brava, super brava, até conversar com minha psicóloga e ela me falou, “Viviane, o Ivan é pai do Leo, ele tem autonomia para achar o que está certo e o que está errado”. E é verdade, acho que lá no fundo a gente também é um pouco machista “o filho é meu” “o horário do almoço é esse” mas o filho também é dele. Então eu vejo que em certas coisas a gente também está muito pressa a um modelo antigo”*

(P3) *“Trocar fralda, dar comida...não é que eu não me imaginava, o que eu não imaginava é que eu seria capaz de fazer, porque eu acho que a mulher tem um dom maternal de cuidar do filho. Mas acabei vendo que o negócio não é bem assim. Eu sou uma pessoa que pega as coisas para fazer, eu sou uma pessoa que participo, vou lá e faço”*

Nesta fala podemos observar o questionamento, desconstrução de um sentido fortemente estabelecido. O que possibilita abrir novas possibilidades de vivência da paternidade.

4) Divisão de tarefas

Na questão da paternidade, para Jablonski (1998) existe uma boa e uma má notícia. A boa é que se percebe “no ar” uma nova cultura da paternidade, na qual os pais estão mais presentes, mais participativos, envolvidos, com mais acessibilidade por parte dos filhos, e estão assumindo junto com a mãe uma maior responsabilidade na criação conjunta. Mas a má notícia, é que apesar desta nova consciência o envolvimento, na prática dos cuidados reais ainda não é tão significativa.

Para Souza, (1994), o homem hoje está mais envolvido afetivamente na relação com os filhos, mas prioritariamente em atividades relacionadas ao lazer, não assumindo ainda a responsabilidade em relação aos cuidados, como por exemplo, aqueles relacionados à saúde e/ou às atividades escolares que os filhos demandam, recaindo ainda estas atividades de cuidados cotidianos da criação dos filhos nas mulheres.

Segundo Cervený e Chaves (2010) não há por enquanto uma transformação real, nem um modelo contemporâneo de parentalidade que predomine nas famílias brasileiras.

No dia-a-dia observa-se que os pais estão assumindo algumas funções, segundo as falas dos participantes, sem ser obrigados. Porém, nesta pesquisa observou-se que os casais em que ambos cônjuges trabalham são os que dividem mais tarefas de cuidado dos filhos e do lar

(P2) *“A gente sempre foi dividido, não com regra, é natural, se eu estou lavando louça ela passa um pano, mas muda, Eu sempre ajudei na casa, o único que eu não faço é lavar roupa, mas eu faço o mercado, faço a feira que geralmente ela não faz. Agora a gente também tem uma empregada que nos ajuda, mas antes que não tínhamos entre os dois nos organizávamos. Agora o que a gente divide mais é por causa do Ricardo”*

(P3) *“De manhã fica na casa de meus sogros e a tarde vai para escola, aí o meu sogro busca na escola e a Viviane encontra eles e voltam para casa, eu volto do trabalho direto para casa. Quando chegamos em casa a Viviane faz o jantar, aí eu geralmente dou banho no Leo, troco a roupinha dele, mas não tem muita ordem, as vezes ela dá, eu faço outra coisa. Jantamos e ficamos juntos, brincamos, assistimos TV e vamos dormir. Todas as segundas feiras ele tem lição de casa e geralmente a mãe que faz com ele, porque ela gosta mais, tem mais jeito, as vezes enquanto ela faz o jantar eu ajudo. Eu geralmente confiro a mala dele. De sexta feira como o trânsito é muito ruim ele faz natação, Viviane que leva. Para mim é mais complicado sair num horário fixo do trabalho”*

E nos casais com um formato mais tradicional (1 e 4) são as mulheres as que assumem muito mais sozinhas estas tarefas.

(P1) *“Entre 9 da manhã e 7 da noite é sempre ela, eu não faço nada, até faria se fosse necessário mas como ela não trabalha, é natural que ela se ocupe durante o dia...acho que faz parte do tempo disponível, se a mãe fica mais tempo com eles é natural que participe do lazer, das brincadeiras, mas também fica mais nas brigas, tem que colocar regras, limites, levar ao médico.*

Um dado relevante é que nas famílias desta pesquisa (Classe média) as tarefas domésticas são delegadas a empregadas domésticas, sendo muito pouco assumidas tanto pelas mulheres e mais ainda pelos homens.

Beltrame e Bottoli (2010) refere que as pesquisas mostram que as atividades maternas estão mais ligadas aos cuidados e acompanhamento do cotidiano, enquanto o pai está mais associado ao brincar, passear. “Os pais estão mais envolvidos em atividades de recreação do que voltados aos cuidados primários, ficando esses direcionados às mães” (p221)

(P2) “Para falar a verdade acho que os dois brincamos muito com ele, mas para sair sou mais eu, eu passeio mais com ele, levo na casa da avó, padrinho...hoje já peguei ele fomos dar uma volta no quarteirão, brincamos. Ela se ocupa mais da organização das coisas dele. Mas não é algo que esteja dividido, se ela não está quem vai trocar a fralda dele sou eu...E se ela está? na maioria das vezes ela troca. Mas ela troca mas eu fico junto porque muitas vezes precisa de dois, mas quem troca mais é ela. Eu já troquei muito mas agora está mais com ela, eu dou mais banho, foi ficando desse jeito”

(M1) “o que eles vem é exatamente o que eu tive, uma mãe presente o dia todo, correndo atrás deles, gritando como uma louca (rsrs) vem que a mãe está aí, e o pai que é com quem se faz coisas diferentes, que é o que desbrava o mundo é o que traz o exterior para a casa”

Outro ponto relevante que toca à vivência da paternidade são as políticas públicas existentes que podem favorecer ou impedir um determinado exercício da paternidade. Nos participantes desta pesquisa, as mulheres que deixam de trabalhar são motivadas em parte para cuidar dos filhos mas também pela falta de flexibilidade nos trabalhos, assim pela carência de políticas públicas que estimulem que as mulheres consigam dividir mais as tarefas de cuidado com o pai.

(M1) “na Espanha eu via muito mais equilibrado. Por exemplo, ia buscar as crianças na escola e muitos homens iam buscar as crianças na escola ou você via muitos homens brincando com as crianças no parque, eram os responsáveis por ficar com as crianças no final da tarde. Aqui o problema eu acho que estão nas leis trabalhistas que lá eram muito mais equilibradas, é outra cultura. Por

exemplo, a licença maternidade na Espanha também são 4 meses, mas lá pode ser tomada pela mãe ou o pelo pai, é livre escolha, a mãe pode escolher não amamentar e voltar a trabalhar depois da recuperação do parto e quem fica em casa com a criança é o pai, isso é algo permitido. A licença paternidade são 15 dias, quando você tem um filho você pode pedir a redução de jornada de aqui no Brasil você não tem isso, não lembro agora de outros direito, mas isso faz toda a diferença...aqui quando você vai para o parquinho do prédio com teus filhos, só tem mulher. Às vezes num feriado, final de semana o Pedro vem comigo e algum que outro pai também vai mas no dia a dia você não vê, são só as mulheres”

(P1) Falando da mãe não trabalhar: “A decisão foi em parte para passar mais tempo com eles mas também influenciou muito que aqui no Brasil não dá para ter um trabalho mais flexível, aqui você trabalha ou não trabalha”

(M3) “Aqui não só não têm leis se não que também as pessoas são preconceituosas, principalmente chefe homem, porque a partir do momento que você tem um filho eles acham que você não é capaz porque agora tem teu filho, que você não vai trabalhar no mesmo ritmo. Até recentemente eu recusei uma proposta de trabalho...a primeira pergunta que eu fiz foi “qual é o horário de entrada e o horário de saída” eles falaram “horário de entrada você tem, mas de saída não...Se o trabalho me desse mais flexibilidade, eu continuaria. Eu gosto da minha profissão... No vejo que mude em nada a vida deles (pais) nesse sentido....Ivan depois que o Leo nasceu tomou os 5 dias da licença paternidade mas a sociedade não cobra isso deles...ele teve uma grande mudança no trabalho, ele se polícia mais, tenta viajar menos, programa o celular para desligar...mas se ele precisar ficar mais no trabalho para ele é mais tranquilo que para mim, ele fica. Eu não consigo, eu fico com mais culpa, ele não. Essa é uma diferença. Ele me liga só para avisar que vai chegar mais tarde...Quando eu preciso ele fica, caso tenha alguma auditoria ou uma reunião eu aviso e sem problema”

Berthoud (2000) refere que com a inserção das mulheres no mercado de trabalho o sistema familiar e social tem que atender a novas demandas e problemas, como ser quem substitui a papel de cuidadora absoluta, quem cuida das crianças, qual é esse novo papel do pai. A sociedade deve se reorganizar para responder estas demandas.

Atualmente o que esta pesquisa sinalizou é que surge uma rede de cuidadores (avós, tias, escola, babás) que terminam assumindo essas função, e de alguma maneira perpetuando que os cuidados continuem sendo femininos.

Igualmente, como disse Jablonski, se sente “no ar” uma nova cultura da paternidade. As mudanças sociais abriram mais espaço para eles compartilhar com os filhos seu cuidado. Agora cabe a sociedade criar dispositivos legais que favoreçam isto, mas também cabe aos pai entrar e ocupar este espaço.

Discussão geral do material coletado

A partir do recorte do material em categorias observou-se que em geral na maioria dos entrevistados se encontra um modelo de pai que se define como “mais presente, participativo, e envolvido emocionalmente com seus filhos”. Estas características representam o que podemos chamar de “pai moderno” (SOUZA 1994; LOMBARDINI, 2005; SPINELLI, 2006) que é um pai que procura participar no dia a dia dos filhos, dividindo com a esposa tarefas de cuidado. Estas características só não apareceram num dos pais (P4) que assume uma posição mais tradicional na relação com os filhos.

Como diversos autores definem (SOUZA, 1994; CARVALHO, 2006; SPINELLI, 2006; CERVENY, CHAVES 2010, CASTRO et.al2012), após séculos de uma diferenciação rígida nos papéis masculinos e femininos, estamos vivendo um período de transição no qual encontramos comportamentos que podemos denominar de tradicionais e modernos no exercício das funções de pais, e mães. Na pequena amostra que caracterizou esta pesquisa, famílias de classe média residentes na cidade de São Paulo, foi possível observar esta transição para uma vivência mais igualitária no relacionamento do casal, que favorece a construção de uma paternidade diferente da vivenciada sob o regime patriarcal.

Esta tendência a um relacionamento mais igualitário, difere os pais entrevistados do modelo de paternidade vivenciado nas suas famílias de origem, em que aparece o clássico modelo tradicional do pai provedor, e a mãe, mesmo nos casos em que trabalhavam, como a principal responsável do lar e dos filhos.

Dos pais entrevistados para esta pesquisa, encontrou-se um desejo de ser diferente do modelo de paternidade vivenciada nas suas famílias de origem, a maioria deles valoriza a proximidade afetiva, o diálogo, a função de orientador e participação no

dia a dia dos filhos, experiências que nenhum deles relatou ter tido com seus pais. Dois pais (P2 e P3) procuram explicitamente fazer diferente porque sentem a vivência com seu próprio pai como “ruim” e/ou “traumática”. Um deles (P1) não teve necessariamente experiências ruins, mas relata pena de não ter tido um vínculo mais íntimo com seu pai. Assim, vê-se em todos os pais entrevistados que por um motivo ou outro, tentam conscientemente modificar o modelo de pai que tiveram, e isso é aprovado e potencializado pelas esposas, que manifestaram uma valorização positiva dos comportamentos dos maridos como pais, descrevendo-os como “paizão” “super presentes”, “participativos”, “carinhosos”, “o sol da nossa vida”.

Acredita-se que esta valorização por parte das mães colabora em que os pais possam fazer diferente, porque como Castelain-Meunier (1993) afirma, uma das dificuldades dos pais atuais é a falta de modelos “ninguém lhes ensinou como fazer” (p.28). Nos casais (1,2 e 3) em que observa-se esta maior participação e envolvimento paterno, todos manifestaram também uma maior satisfação conjugal. Segundo Spinelli (2006) relacionamentos mais igualitários no casal favorecem o diálogo e a negociação o que pode estar colaborando na construção de um novo modelo de paternidade dentro da vida familiar. Isso corrobora com a situação do casal 4, em que aparece uma maior insatisfação, pouco diálogo e conflitos constantes na relação.

Uma das maneiras que este envolvimento e participação por parte do pai toma forma é na divisão de tarefas de cuidado e educação em relação aos filhos. Na literatura encontra-se que diferentes pesquisas mostram a existência de maior participação paterna, mas ainda existe uma divisão desigual no referente às tarefas de cuidado, ficando em maior proporção na responsabilidade das mães (SPINELLI, 2006; CARVALHO, 2006; CERVENY, CHAVES, 2010; CALDEIRA, BARBOSA, CAVALCANTI, 2012; MORERIRA et.al 2012)

Neste estudo observou-se que a participação dos pais nos cuidados dos filhos pequenos é mais significativa nos casais em que ambos os cônjuges trabalham (Casal 2 e 3). Nestes casos os pais manifestam ser conscientes de que tem que ajudar as esposas porque elas também trabalham o dia todo e chegam em casa cansadas.

A tarefa de “tomar banho” aparece nos 3 pais entrevistados como sua maior responsabilidade no referente aos cuidados. Todos descrevem com prazer o desempenho desta tarefa, mas observa-se nos pais (P1 e P3) que por questões laborais às vezes não conseguem assumir esta função deixando-a sob a responsabilidade de suas esposas.

No casal 1 em que o pai trabalha e a mãe fica cuidando dos filhos, observou-se que o pai valoriza estar e compartilhar atividades com os filhos, mas as tarefas de cuidado que ele assume são sempre secundárias às da mãe, e na maioria das vezes, realiza atividades relacionadas com o lazer ou o lúdico, como por exemplo, tomar banho junto com os filhos.

Apareceu, nas falas dos participantes que estes comportamentos de maior participação dos pais faz parte das expectativas sociais, na sociedade atual, “pai tem que participar”. No mundo pós-moderno em que o “lugar do pai como autoridade” foi tão questionado observa-se a necessidade, que muitos pais sentem, de assumir novas funções no vínculo com os filhos. Nesse sentido, rever as questões que definem a identidade de gênero foi necessário. Há alguns anos atrás não se visualizava a possibilidade dos homens assumirem tarefas de cuidado dos filhos, explicitamente “não eram coisas do homem”. Hoje, esta nova geração, está descobrindo que pode trocar fraldas, brincar, e expressar sentimentos sem por isso deixar de ser homens.

A pesquisa de Meirelles (2001, apud Spinelli 2006) sinaliza que ainda está muito arraigado em nossa subjetividade que ser mãe vem em primeiro lugar, o que faz que as mulheres lutem com sentimento de culpa ou inadequação por ter uma vida profissional. Os resultados da sua pesquisa mostram que para as mulheres, a carreira é algo secundário nas estruturas de suas vidas, ficando em primeiro lugar: o amor, o casamento e os filhos. No entanto, reflete, só tendo uma vida profissional é que elas podem abrir espaço mais facilmente para o pai na relação com os filhos. Das mães entrevistadas, duas delas não trabalham, outra está se programando para deixar e outra não pode deixar de trabalhar mas deixaria se pudesse. Escutou-se a sensação de culpa, que é estimulada também por pouca flexibilidade nos trabalhos, mas também aparece esta ideia de que os filhos tem que vir em primeiro lugar.

Os estudos citados, mostram que os pais estão mais participativos, mas, ainda com papel secundário ao papel das mães, principalmente nas tarefas de cuidado cotidianas. Esta investigação também corrobora esse resultado observando que as mulheres entrevistadas encaram estas atividades como “sua obrigação” sentindo-se responsáveis, enquanto os pais as encaram como uma tarefa voluntária. Nesta pesquisa encontramos que para as mães é uma exceção não estar presentes nos cuidados cotidianos, enquanto os pais se permitem se é necessário ficar até mais tarde no trabalho. Geralmente são as mães as que se mobilizam para organizar a logística necessária. Agora, as mães (M1, M4) que não trabalham, sentem-se ainda mais

responsáveis por todas estas tarefas deixando os pais em um lugar de meros “ajudantes”.

Indagando sobre a participação dos pais nestas tarefas, chamou atenção que na descrição sobre a maneira em que os pais desempenham estes cuidados, todos os pais se definem como mais calmos e relaxados que suas esposas no exercício da parentalidade. Em ambos os grupos, pais e mães, definem as mulheres como “preocupadas, medrosas neuróticas, loucas,” em relação aos cuidados dos filhos. Esta preocupação das mães se observa principalmente no referente a questões relacionadas às regras, à alimentação, ao sono, à educação, enfim aos cuidados essenciais. Ao questionar os participantes (tanto as mães como os pais) sobre por que acham que isso acontece aparece a crença de que existe um “instinto materno”, preocupar-se pelos cuidados dos filhos “é coisa de mãe”.

Observa-se que esta crença que aparece nas falas, como totalmente naturalizada, está fortemente arraigada na subjetividade, e reforça que os pais fiquem como “ajudantes”, porque de alguma maneira sabem que as mães assumirão esse papel. Segundo Carvalho (2006) “é difícil trazer os homens para os cuidados domésticos e parentais, se o instinto maternal é constantemente invocado” (p.26).

O trabalho de Souza (1994) questiona a noção de “instinto materno”, que permitiria às mulheres serem naturalmente cuidadoras, e argumenta ser um fenômeno socialmente construído e não biologicamente determinado, que como fenômeno cultural, ajudou a justificar as limitações dos comportamentos tanto femininos quanto masculinos. Com sua pesquisa demonstra que não tem nenhum impedimento nem instinto que afaste ou limite os homens do cuidado direto dos filhos.

Porém, por séculos a mulher foi identificada como mãe e colocada nessa posição de cuidadora (CASTRO et.al, 2012). Com as mudanças sociais nos últimos anos as mulheres começaram a reclamar um maior equilíbrio na divisão de tarefas, e uma tendência à igualdade se impôs no relacionamento conjugal.

Num relacionamento mais equitativo cabe mais espaço para o pai construir um vínculo mais próximo e direto com os filhos. O outro lado da moeda desta situação, é que as mães tem que processar perder o poder que por séculos tiveram sobre a casa e os filhos. Aos poucos, assim como os homens tem que aprender a participar, a mulher/mãe tem que aprender a deixar-se ajudar, e que não será do jeito que ela imagina. Uma das mães entrevistadas (M3) fala que só na sua sessão de terapia conseguiu refletir que o marido “é o pai” e que tem autonomia e poder para decidir sobre a educação e os cuidados do filho.

No geral, as mães deste estudo, não reclamam nem esperam uma maior participação por parte dos pais. Com exceção do Casal 4, os outros participantes manifestaram sentir-se satisfeitos com a divisão de tarefas, e na entrevista conjunta com os casais observou-se que os pais se cobravam maior participação, o que não era solicitado pelas mulheres. A crença de que os homens não cuidam tão bem quanto as mulheres dos filhos, em muitos casos acaba por excluí-los das tarefas de cuidar.

É na infância quando iniciamos a compreensão e construção dos papéis sociais, por isso, para ter um exercício da paternidade diferente, é necessário que desde muito cedo, nas brincadeiras e jogos das crianças, se comece a questionar estas crenças. Porque a maneira que são criados meninas e meninos reforça os preconceitos. (SILVEIRA, 1998; MEDRANO et.al, 2010)

Junto à forte influência destas crenças no plano familiar, elas também se manifestam na esfera pública, quando se observa uma falta de políticas públicas no Brasil que estimulem uma mudança profunda no exercício da paternidade. Todos os pais entrevistados sentiram falta de contar com mais tempo de licença paternidade para poder ajudar nos cuidados com a mãe e o bebê recém-nascido.

O casal 1, que morava na Europa, afirmou que ao ter leis que estimulem uma maior igualdade entre homens e mulheres é possível encontrar mudanças no cotidiano, pois os pais tinham um respaldo legal para ter uma maior participação e poder assim assumir responsabilidades como cuidadores.

Das mães entrevistadas, as que não trabalham ou está se programando para deixar de trabalhar, referem que o motivo não é querer parar de trabalhar, mas sim pela falta de flexibilidade que as empresas oferecem para harmonizar o trabalho com os cuidados dos filhos. E também é real que não existem políticas que promovam uma maior divisão desses cuidados com os pais. Assim, podemos pensar, que não só as mulheres precisam leis que colaborem para que elas consigam uma maior harmonização/flexibilização dos tempos de trabalho/cuidado dos filhos, faltam também políticas públicas que permitam dividir com os pais as tarefas de cuidado dos filhos, como acontece em alguns países da Europa.

No Brasil observa-se uma ausência não só de leis ou políticas públicas que estimulem uma maior envolvimento do pai em assuntos referentes aos filhos, se não também de “políticas específicas que atendam as especificidades da população masculina no tocante à saúde” (MEDRANO, 2010, p 63) Para Petrini (2010) ainda são

muito limitados os estudos sobre a paternidade, e os debates públicos sobre essa questão, praticamente nulos

Para Medrano et.al. (2010) as leis auxiliam nos “modos de ser pai” (p. 59), já que podem favorecer ou impedir a construção de versões alternativas da paternidade. Observa-se que faltam medidas para conseguir um equilíbrio maior que permita a ambos os pais ter a possibilidade de ocupar-se da criação dos filhos conseguindo integrá-lo com outros papéis sociais.

No Brasil e no mundo estão surgindo campanhas⁵ destinadas a promover uma maior participação, responsabilidade e envolvimento dos pais em atividades de cuidado e educação dos filhos, assim como disse Cervený e Chaves (2010) podemos pensar que a paternidade contemporânea ainda está em construção.

⁵ <http://voceemeupai.com/>
<http://www.institutopapai.blogspot.com.br/>

Considerações Finais

Esta pesquisa começou com o objetivo de compreender e caracterizar como é vivenciada a paternidade contemporânea. Na minha prática profissional, como psicóloga, escutei homens, mulheres e casais questionando suas experiências, vivências e responsabilidades como pais. Percebi que diante das modificações do âmbito familiar atual existe uma ressignificação do lugar do pai, e assim surgiram interrogantes sobre a relação do homem e a paternidade.

No decorrer deste trabalho percebi que as mudanças sociais, ideológicas e de gênero observadas principalmente desde a segunda metade do Séc. XX fizeram surgir a necessidade dos homens repensarem seu lugar dentro da família, provocando o que alguns autores denominaram uma verdadeira revolução, já que as funções de cuidado dos filhos em praticamente todas as sociedades ao longo da história foram funções predominantemente femininas.

Do microuniverso que participou desta pesquisa, quatro casais de classe média residentes na cidade de São Paulo, percebi que ainda muitas das tarefas relacionadas aos cuidados e educação ficam com as mães, em parte porque ainda é forte a crença tanto nos homens como nas mulheres, de que as mães tem um instinto maternal para essas funções, sentindo-se muitas vezes responsáveis principais por estas tarefas, e também pela falta de políticas públicas como dispositivos legais que permitam construir uma paternidade e maternidade diferentes.

Mas destaca-se como significativo, em relação a gerações passadas, que existe atualmente uma participação mais ativa por parte dos pais. Observou-se uma transição do pai como provedor e figura de autoridade da família, para uma vivência mais próxima da afetividade com os filhos e mais igualitária na relação de casal.

O fato de ambos os pais trabalharem se destaca como um fator que contribui na participação masculina, mas não é o único. Como foi visto, nas gerações anteriores também encontramos casais em que ambos cônjuges trabalhavam, mas que as tarefas de cuidado e educação dos filhos eram assumidas com exclusividade pelas mulheres.

Observei que os pais de hoje querem estar presentes, participar do dia a dia das crianças, querem ser amados pelos filhos. Esta é uma diferença significativa; há algumas gerações atrás a expressão de afeto não era assunto de pais e filhos. Os filhos eram vistos muito mais como um investimento econômico que afetivo, e o pai ocupava uma função mais importante a partir da adolescência. Hoje os pais querem participar e

estar presentes desde o nascimento, isto tem provocado uma mudança dentro das famílias, o que fez surgir a necessidade de reformular os papéis sociais tanto por parte do homem como da mulher.

Com as mudanças, as famílias longe de desaparecerem, se reinventaram e reconfiguraram seus padrões de funcionamento.

Com este trabalho, não pretendi generalizar, mas sim refletir a partir de meu “olhar” sobre as funções e dinâmicas da família na contemporaneidade. Neste percurso encontrei que muitas das pesquisas sobre a paternidade tem-se focado na frequência ou no tempo que o pai passa com seu filho ou quantidade de cuidado administrado. Acredito que a partir de agora seja necessário ampliar para próximos estudos a dimensão da relação afetiva de pai-filho. Por outro lado, com o surgimento de diferentes configurações familiares, surge também a necessidade de estudar o lugar do pai nesses diferentes contextos, como por exemplo, nas famílias uniparentais, nas famílias recasadas que muitas vezes têm mais de um pai, nas famílias de pais homossexuais e em todas as configurações de famílias da pós- modernidade.

A presente pesquisa permitiu conhecer mais sobre a vivência e envolvimento paterno na atualidade, desde uma visão sistêmica nova-paradigmática se considera que o observador faz parte do observado, por isso os resultados desta pesquisa não são uma verdade empírica, se não “meu olhar”, com o qual espero contribuir nos conhecimentos da área de família e conjugalidade assim como na prática clínica da Terapia familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARILHA M., RIDENTI S.G.U, MEDRANO B. (org.) **Homens e Masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS, 1998

ARRIAGADA, I. **¿Nuevas famílias para un nuevo siglo?** Paidéia, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, jan./jul., 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v10n18/03.pdf>. Acesso em 30 ago. 2013.

BADINTER, E. **XY sobre a identidade Masculina**. Rio de Janeiro- Nova Fronteira, 1993

BARSTED L.L. Contribuições do Feminino para o exercício da Paternidade. In SILVEIRA, P. **O exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

BRASILEIRO, P.G.L; et al. A Transição para a paternidade e a paternidade em transição. In: MOREIRA, L.V.C; PETRINI, G; BARBOSA, F.B (org.) **O pai na sociedade contemporânea** – Bauru, SP: EDUSC, 2010 p 145-165

BELTRAME G.R., BOTTOLI C. **Retratos do envolvimento paterno na atualidade**-Barbarói.Santa Cruz do Sul- RS, n2, p.205-226, 2010. Disponível http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010465782010000100012&script=sci_arttext Acesso em 2 jun. 2013

BERTHOUD, C.M.E. **Re-significando a parentalidade. Desafio para toda uma vida** –Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) PUC-SP- São Paulo, 2000

CALDEIRA B.M.S, BARBOSA C.F, CAVALCANTI V.R.S. Quem cuida de quem? Repensando as práticas familiares e a divisão do tempo/trabalho. In CASTRO, M.G; CARVALHO A.M.A; MOREIRA L.V.C. (org.) **Dinâmica familiar do cuidado. Afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos**. Salvador: EDUFBA, 2012

CANDEIAS J.P, MARTINS DA ROCHA L.D. **Paternidade e Masculinidade na adolescência: transformações significativas em busca da equidade nas relações de gênero.** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2006. Disponível em: <http://www.ess.ufrj.br/monografias/102005099.pdf>. Acesso em 05 nov. 2013

CASTELAIN-MEUNIER, C. **Fiquem ligados, papais! Os homens diante das mulheres e dos filhos** – São Paulo: Summus, 1993

CASTRO, M.G; CARVALHO A.M.A; MOREIRA L.V.C. (org.) **Dinâmica familiar do cuidado. Afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos.** Salvador: EDUFBA, 2012

CASTRO M.G et.al. Gênero e família em mudança: uma revisão com foco em cuidado parental. In CASTRO, M.G; CARVALHO A.M.A; MOREIRA L.V.C. (org.) **Dinâmica familiar do cuidado. Afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos.** Salvador: EDUFBA, 2012

CARVALHO, P.A. **Enquanto o bebê não vem...A maternidade e a realização pessoal: Significados atribuídos por mulheres de Itajubá.** - Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) PUC-SP – São Paulo, 2006

CARVALHO, A.M.A et.al. Rede de cuidadores envolvidos no cuidado cotidiano de crianças pequenas. In CASTRO, M.G; CARVALHO A.M.A; MOREIRA L.V.C. (org.) **Dinâmica familiar do cuidado. Afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos.** Salvador: EDUFBA, 2012

CERVENY, C.M.O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia.** São Paulo: Livro Pleno, 2011

CERVENY, C.; CHAVES, U.H. Pai? Quem é este?: a vivência da paternidade no novo milênio. In: MOREIRA, L.V.C; PETRINI, G; BARBOSA, F.B (org.) **O pai na sociedade contemporânea** – Bauru, SP: EDUSC, 2010 p. 41-51

CEZAR-FERREIRA, V.A.M. Uma visão do direito de família: sobre a função do pai aos olhos da lei. In: POLITY E., SETTON M.Z. COLOMBO S.F. (org.) **Ainda existe a cadeira do papai? Conversando sobre o lugar do pai na atualidade**. São Paulo: Vetor, 2004.

FARIA D.L. **O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea** – São Paulo: EDUC: FAPESP, 2003

GIFFIN K. Exercício da Paternidade: uma pequena revolução. In SILVEIRA, P. **O exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

GALANO, M.H. Família e história: a história da família. In CERVENY, C.M.O. (org) **Família e...(2)** – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006

GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica** – 3º ed. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011

GOMES, R. As questões de gênero e o Exercício da Paternidade. In SILVEIRA, P. **O exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998 pp 175 – 182

HENNIGEN, I., GUARESCHI, N.M.F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Psicologia & Sociedade*; 14 (1): 44-68; Jan/jun. 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822002000100004&script=sci_arttext. Acesso em 15 de ago. 2013

HINTZ, H.C. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós modernidade** – Pensando famílias, 3, p 8-19, 2001

JABLONSKI, B. Paternidade hoje: uma metanálise. In SILVEIRA, P. **O exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

KARAN, M.L. A superação da ideologia patriarcal e as relações familiares. In SILVEIRA, P. **O exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

LOMBARDINI, J. **Empatía paterna y nuevo modelo de paternidad**. Revista Psicodebate 9: Psicología, Cultura y Sociedad, 2005. Disponível em <http://www.palermo.edu/cienciassociales/investigacion-y-publicaciones/revista-psicodebate/revista-psicodebate-09.html>

Acesso em 15 mai. 2013

MOREIRA, L.V.C; PETRINI, G; BARBOSA, F.B (org.) **O pai na sociedade contemporânea** - Bauru, SP: EDUSC, 2010

MOREIRA L.V.C et al. A prevalência materna feminina no cuidado cotidiano de crianças pequenas. In CASTRO, M.G; CARVALHO A.M.A; MOREIRA L.V.C. (org.) **Dinâmica familiar do cuidado. Afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos**. Salvador: EDUFBA, 2012

MUZIO, P.A. Paternidade (ser pai)...para que serve? In In SILVEIRA, P. **O exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

NOLASCO, S. (org.) **A desconstrução do Masculino** – Rio de Janeiro: Rocco, 1995

OIBERMAN A. **La relación padre-bebe: una revisión bibliográfica**. Argentina: Editorial de la Universidad Nacional de La Plata. 1998

PETRINI, G. Introdução. In MOREIRA, L.V.C; PETRINI, G; BARBOSA, F.B (org.) **O pai na sociedade contemporânea** - Bauru, SP: EDUSC, 2010

PETRINI, G., ALCÂNTARA, M. A. R., MOREIRA, L. V. C. **Família na Contemporaneidade: Uma Análise Conceitual**. 2009. Disponível em: http://www.humanaaventura.com.br/arquivos/file/Fam%C3%83%C2%ADlia_nacontemporaneidade.pdf. Acesso 10 out 2013.

POLITY E., SETTON M.Z. COLOMBO S.F. (org.) **Ainda existe a cadeira do papai? Conversando sobre o lugar do pai na atualidade**. São Paulo: Vetor, 2004.

SILVEIRA, P. **O exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

SOUZA, C. L.C.; BENETTI, S.P.C. Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. Paidéia. Ribeirão Preto, v 19, n42, p97-106, jan./abr.2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103863X2009000100012&script=sci_arttext. Acesso 15 mai. 2013

SOUZA, R.M. **Paternidade em transformação. O pai singular e sua família.**

Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). PUC-SP – São Paulo 1994

SPINELLI, M.E.B. **Parentalidade compartilhada: revendo o legado intergeracional.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). PUC-SP – São Paulo 2006

VASCONCELOS, M.J.E. O pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2002

ANEXOS

Anexo 1

Roteiro da entrevista semiestruturada

1. Dados de identificação

Nome

Idade

Escolaridade

Profissão

Quantidade de filhos

Nome e idade dos filhos

Tempo de casados/relacionamento

2. Serão explorado temas relacionados com a experiência da paternidade a fim de poder compreender e caracterizar como é vivenciada a paternidade atual para os homens que exercem essa função e a visão das mulheres que convivem com eles

Roteiro básico da entrevista:

- Como decidiram ter filhos?
- Como foi a participação do pai na gestação, pré-natal, parto?
- Como foi a experiência de se tornar pai? / para a mãe: poderia comentar como foi para seu conjugue se tornar pai? - Como imaginavam que fosse ser pai? Como é na prática da vida cotidiana ser pai hoje?
- Quando falamos de paternidade? Que imagem vem a sua mente? Poderia definir com alguma palavra o que isso significa para você?
- Desde seu ponto de vista, o que se espera do gênero masculino como pai hoje? Quais são os comportamentos esperados de um pai?
- Como é o relacionamento do pai com os filhos
- Desde seu ponto de vista, mudou de quando você era filho/a (na sua família de origem)? Em que aspectos? Como era o relacionamento com seu próprio pai?
- Sente que tinha um modelo no seu próprio pai que ajudou você a desempenhar essa função? Por que? Gostariam de repetir esse modelo com seus filhos? Por que?

- Como era a vida profissional e social dos conjugues antes da chegada do(s) filho(s)?
Acham que mudou depois da chegada do(s) filho(s)?
- Quais são as principais tensões que existe no casal a partir da chegada dos filhos?
- Comente como é seu dia-a dia como pai?
- Como estabeleceram a divisão de tarefas/responsabilidades no cuidado dos filhos?
Quem faz o que? Como se sentem em relação a isso?
- Quais são as maiores dificuldades e facilidades no exercício da paternidade?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, psicóloga e pesquisadora Carolina Raquel Perfumo, estou desenvolvendo a pesquisa **“Um olhar sistêmico sobre a paternidade contemporânea”**. Trata-se de um estudo cujo objetivo é compreender e caracterizar como é vivenciada a paternidade na atualidade.

Para o desenvolvimento deste trabalho utilizarei uma entrevista semiestruturada, que consiste em conversar sobre o tema estudado e responder algumas perguntas o que deve levar entre 1:30hs e 2 hs. Sua participação é voluntária, tendo a liberdade de não responder às perguntas que considerar inoportunas, assim como desistir de participar em qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo. Solicito que sua entrevista seja gravada para o melhor registro das informações. A confidencialidade será garantida preservando seu nome em sigilo absoluto. Ao término desta pesquisa, os resultados serão divulgados, ficando à disposição dos participantes junto à pesquisadora.

Este estudo apresenta risco mínimo, no entanto se houver algum tipo de desconforto para o participante, eu me comprometo ao encaminhamento para a assistência que for necessária.

A sua participação não lhe trará nenhum custo nem benefício individual, porém é importante sua participação, pois as informações dadas podem ajudar na compreensão do exercício da paternidade na atualidade, refletindo no desenvolvimento de medidas que possam ajudar as famílias.

Este TCLE consta de duas vias, ficando uma com a pesquisadora e outra em poder do participante quem poderá pedir informação e esclarecimentos sobre esta pesquisa a qualquer momento. Coloco-me à sua disposição, mesmo depois da entrevista, no tel. (11) 9995-2351; e-mail: carolinaperfumo@hotmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação e concordo em participar desta pesquisa como voluntário e autorizo a utilização dos dados da entrevista para estudo e publicação

Nome do

Participante: _____ RG/RNE _____

ASSINATURA _____

Nome da

Pesquisadora: _____ RG/RNE _____

ASSINATURA _____

ENTREVISTAS

CASAL 1

Entrevista P1 (Pedro, 47 anos)

E: Entrevistadora

P1: pai 1

E: Ter filhos era parte de teus projetos?

P1: Não me imaginava tendo filhos. Só imaginei ter filhos se chegasse a ter um relacionamento estável, eu não queria tê-los sem um relacionamento. Acho que não existe esse sentimento de paternidade, que muitas mulheres sentem que querem ser mães algum dia. Eu acho que o pai não tem esse sentimento de “quero ter um filho”, nem conheço muita gente (homens) que sintam isso, acho que o filho é algo que vem quando você está em família e você quer formar uma família. Então eu não diria que um tem um sentimento de querer ser pai, é mais um sentimento de querer completar a família, eu acho que isso é diferente com a mulher, a mulher sim quer ter um filho, é o instinto maternal. Eu acho que eu nunca tive um instinto paternal

E: Antes de conformar o relacionamento com a Ana nunca passou por tua cabeça isso de querer ser pai, ou imaginar-se exercendo essa função?

P1: quando eu estava em outros relacionamentos cheguei a pensar, mas não foi algo concreto, antes de conhecer a Ana e ficar juntos, não era algo que passava por minha cabeça, ou seja eu nunca imaginei sem uma família estável ser pai

E: Entendi, então foi quando você teve este relacionamento mais estável que esta ideia começou a fazer parte da tua vida, como uma ideia de completar a família

P1: Aí sim comecei a pensar. Para ser uma família tínhamos que ter filhos.

E: E como vocês tomaram a decisão de ter filhos?

P1: A gente se conheceu já com uma certa idade...eu estava com 41 e a Karla com 36, então tinha que ser logo, não tínhamos muito tempo para esperar

E: Mexeu em você como homem no pessoal?

P1: Para mim foi como algo natural que aconteceu, é algo que tem a ver com aceitar a ordem da vida, é algo natural. Não teve muita reflexão, o fato de decidir ter filhos foi como algo natural, o único que conversamos foi sobre o número de filhos, eu não tinha

problema com a quantidade até gostaria de ter mais filhos mas para Karla fazia diferença, ela não quer mais de dois então decidimos parar, mas a decisão de ter filhos para nós foi como algo natural.

E: Você teria gostado de ter mais filhos por que?

P1: Não sei se tem uma razão, acho que gostaria de ter mais...mais pensando neles, eu acho que é gostoso ter um número maior de irmãos, para eles se sentir mais apoiados.

E: Você tem quantos irmãos

P1: somos três. Tenho uma irmã, um irmão e eu sou o caçula. Eu gosto de ter irmãos, acho legal uma família com muitos filhos.

E: Pelo que você está falando os filhos chegaram bem rápido, logo que vocês casaram, não houve muito tempo de planejar nem pensar. Mas como foi para você quando isso se transformou em algo real, quando soube que a Karla estava grávida?

P1: Eu recebi bem a notícia, não lembro de ter tido um impacto emocional especial mas foi bem recebido, nós estávamos bem; e aí começamos a aprender, eu acho que a natureza é muito sabia, então uma gravidez não é por acaso, esses 9 meses são para se acostumar o corpo da mulher e..a cabeça do homem (rsrs)

E: é verdade, a mulher vai tendo muitas mudanças físicas ao longo desses 9 meses que acompanham e preparam a chegada de um filho, mas os homens não tem essas mudanças no físico, como foi para você como homem viver e acompanhar esse momento onde se sabe que alguma coisa muda mas não tem uma mudança concreta, como foi para você?

P1: Para mim ajudou muito, vai parecer uma bobeira, mas me ajudou muito um livro, bem grande, ilustrado com imagens da gravidez e os primeiros meses do bebê. Eu lembro muito de ter ido acompanhando, sobretudo no primeiro filho, no segundo já não teve tanto tempo (rsrs), mas com esse livro nós tínhamos muitas conversações, sobre o que estava acontecendo no corpo dela, em que etapa estava o bebê, para mim foi muito bom, para me sentir parte do processo

E: com o livro você se sentia parte do processo, você se sentia grávido...

P1: (rsrs) isso mesmo, esse livro ajudou muito a dividir com ela e a entender um pouco o que estava acontecendo

E: não se sentir excluído

P1: Não, para nós foi algo bem gostoso, nos uniu muito como casal

E: E como você se imaginava que seria como pai? O que você se imaginava fazendo com teu filho?

P1: é difícil essa pergunta, é difícil pensar o que pensava nessa época, eu acho, que tanto Ana como eu, nos comportamos igual ou muito parecido ao que a gente imaginava. Nós tínhamos como bem claro que queríamos ser o tipo de pais que estivesse bem perto dos filhos, acompanhar os filhos no crescimento sem deixar de ser rigorosos com algumas regras, queríamos que eles aprendessem a ser educados, e dar muito carinho e amor colocando sim limites, porque eu acho que com nossa idade a gente já tinha visto muitos casais, acompanhamos muitos filhos crescer, então acho que isso colaborou a ter mais claro o que queríamos para nossos filhos. Mas para mim, não sei a Ana, me lembro que tinha muito medo de errar. Eu sei mais o menos como eu quero educar eles mas eu tinha medo de se iria conseguir porque uma coisa é falar e outra é fazer. Agora eu posso te falar com 4 anos de um e 2 do outro eu estou bem contente, sinto que estamos conseguindo a ideia que a gente tinha que queríamos que fosse.

E: E como está sendo hoje no dia a dia, colocando esse ideal na prática, como você se descreveria como pai?

P1: Eu queria ser um pai próximo, carinhoso, as vezes por trabalho não se pode controlar o fato de estar um pouco ausente mas eu tento ser um pai bem presente

E: Como é o dia-a-dia de vocês?

P1: Durante a semana, um dia típico eu acordo sempre mais cedo com as crianças.

E: Isso foi algo combinado entre o casal ou aconteceu naturalmente?

P1: Aconteceu naturalmente porque eu não durmo tanto, eu acordo cedo normalmente. Como as crianças estão crescendo eles mudam muito mas normalmente eles acordam umas 6hs/6:30hs e se a gente ainda está dormindo, sou eu que levanto. Eles acordam, geralmente vão para sala e eu preparo a mamadeira, agora já é mais a leite, já não estão tomando tanta mamadeira. Esse primeiro momento sou eu que faço, a mãe dorme, mas só um pouquinho mais, até umas 7:15hs, aí eu geralmente já deixo com ela e vou tomar banho. Como a gente tem uma empregada que fica em casa os 5 dias da semana, ela também ajuda nesse momento se for necessário a vestir eles e a preparar as coisas, mas aí já a mãe é a que começa a tomar conta. Então nesse primeiro momento da manhã sou eu que prepara a leite e fico com eles um pouquinho só, as vezes eu levo eles para escola mas normalmente é a mãe que leva e eu vou para o trabalho. E a mãe é que busca eles umas 3 da tarde, só na sextas-feiras que vamos todos junto porque é o Rodizio e a Ana tem que fazer um negócio dela muito perto do escritório então deixamos as

crianças ela faz as coisas delas e eu vou para o trabalho. A tarde ela volta para casa e fica com eles, como por enquanto ela não trabalha fica com eles.

E: você volta em que horário?

P1: Umas 19/19:30hs

E: Eu tenho escutado falar que as vezes os pais sentem que tem pouco tempo, um pouco pelas exigências inevitáveis da vida, do trabalho, você sente isso?

P1: Eu não sinto que tenha pouco tempo com eles, a mãe como não trabalha está mais tempo. Eu acho que é assim. No meu trabalho tem épocas que consigo sair as 6 da tarde e outras que saio as 9 da noite. Algo bom que aconteceu com a mudança para Brasil é que agora os finais de semanas estou sempre livre, antes na Espanha as vezes eu tinha que trabalhar os finais de semana ou trazia trabalho para casa o que era terrível porque aí você tenta trabalhar, se sente culpável, mas aqui agora está fantástico.

E: E o fato da Ana não trabalhar neste momento, foi uma decisão dela ou dos dois ou fez parte das circunstâncias?

P1: Foi uma decisão dela.

E: E o que você achou dessa decisão?

P1: A decisão foi em parte para passar mais tempo com eles mas também influenciou muito que aqui no Brasil não dá para ter um trabalho mais flexível, aqui você trabalha ou não trabalha. Isso significaria sair muito cedo também, deixar eles o dia todo na escola e depois arrumar para eles outras atividades e ela estaria chegando no mínimo também umas 6/7hs, então ela resolveu que não queria isso, e eu fico mais tranquilo com essa decisão.

E: Te deixa mais tranquilo em que sentido?

P1: Fico tranquilo porque sei que depois da escola ficam com ela ou se ficam doentes ou qualquer coisa que eles precisem ela está, qualquer coisa referente as crianças no dia-a-dia é ela que se ocupa.

E: E quando você chega do trabalho, como é um dia normal e vocês?

P1: Se chegou a tempo eu tomo banho com eles, como são dois meninos, quando eu estou geralmente a gente toma banho juntos de banheira...é um momento muito bom, muito gostoso, é de brincadeira

E: E como é quando a mãe tem que dar o banho?

P1: quando ela dá banho eles também brincam e é um momento muito gostoso mas é mais rápido, comigo é sempre o banho de banheira que fazemos espuma, tem vezes que acaba mal (rsrs) um brigando com o outro mas normalmente é um momento bem

gostoso. Às vezes eu chego bem cansado e não estou muito a fim mas normalmente é um momento gostoso

E: E depois da hora do banho como segue a rotina?

P1: Depende, agora eu estou chegando um pouco mais tarde, então eles já tomaram banho e já jantaram, a mãe dá a janta porque se não fica muito tarde esperar por mim. E aí não temos regra fixa, brincamos um pouco, assistimos TV e já colocamos eles na cama ou as vezes colocamos na cama antes e depois eu janto.

E: Não sei se entendi bem mas muitas dessa divisão de tarefas em relação aos cuidados das crianças se deram como naturalmente pelo fato da mãe estar mais tempo em casa com eles, mas queria te perguntar se vocês conversaram ou como decidiram que fosse desse jeito?

P1: Para nós foi muito natural, foi se dando dessa maneira, a Ana quis ficar se ocupando disso agora.

E: As circunstâncias e as decisões favoreceram que se configure dessa maneira. Se as crianças ficam doentes ou precisam de alguma coisa...

P1: é sempre a mãe. Entre 9 da manhã e 7 da noite é sempre ela, eu não faço nada, até faria se fosse necessário mas como ela não trabalha, é natural que ela se ocupe durante o dia.

E: E como era na tua casa, quando você era o filho?

P1: Eu fui criado com minha mãe e meu pai, mas era minha mãe que se ocupava de tudo. Ela tinha uma loja, que era dos dois, ela trabalhava bastante, mas das questões da casa e dos filhos era só a mãe que se ocupava. Meu pai era só o provedor

E: como era o vínculo com teu pai?

P1: Era bom, mas ele sempre foi um homem muito sério, um pouco distante. Não se envolvia muito na casa nem com os filhos, principalmente quando éramos menores, depois, quando já crescemos um pouco, ele se envolvia um pouco mais, ele estava interessado com questões de educação, ou seja na adolescência acho que ele se sentia mais à vontade como se tivesse um papel a cumprir, mas com os filhos pequenos ele não se envolvia, ele era a autoridade, é curioso não é?

E: Te chama atenção?

P1: Sim

E: Esse modelo de paternidade que você teve, é algo que você gostaria de repetir com teus filhos ou não?

P1: Para te dizer a verdade não é algo consciente o querer fazer diferente do meu pai, imagino que tudo o que vivemos fica, toda influência, mas não é consciente, para mim simplesmente era assim, meu pai era como tinha que ser.

E: Desde teu ponto de vista, que você acha que se espera dos homens como pais, porque como estamos falando é verdade que na época de teu pai se esperava que o homem fosse o provedor, o homem era o que tinha a autoridade, quem cuidava da casa e dos filhos era a mulher. Estavam como mais definidos alguns papéis

P1: Exatamente, na minha casa era assim

E: E o que você acha que hoje, na atualidade se espera dos homens como pais?

P1: Eu acho que a sociedade hoje já espera uma maior igualdade. Eu acho que hoje os homens que querem seguir o modelo antigo não estão bem vistos. Acho que hoje um homem que pensa que é a mulher tem a obrigação de cuidar dos filhos e ele não queira trocar uma fralda ou fazer uma mamadeira é algo que não é bem visto. Antes era o contrário, era mal visto se um homem se envolvia com essas tarefas, com a família. Só que também hoje vejo uma diferença no tempo que os homens dedicam para a família, para os filhos, aí ainda eu vejo bastante diferença, nessas tarefas cotidianas não, hoje os homens vão trocar fraldas, cuidar dos filhos, tirar fotos e colocar no facebook, mas eu tenho muitos colegas e conhecidos que eles sentem que um direito deles é ter um tempo para eles, se a mulher tem tempo para ela isso ninguém se importa, o homem que trabalha duro, que ainda é o provedor, precisa ter um tempo para ele fazer academia ou ir ao bar, e depois se fica algum tempo, se dedica aos filhos, e aí eu vejo que é um comportamento bastante comum de alguns colegas. Eu não faço porque não me sinto à vontade, não me sinto bem saindo às 7 da noite e ir na academia até às 8 e depois conversar com um amigo até às 9 e depois chegar em casa e os filhos já estão dormindo, mas eu vejo que é um comportamento bastante comum nos homens

E: Quando vocês moravam na Espanha, isso tampouco acontecia?

P1: Não, também não. Mas isso é algo que eu observo em muitos homens hoje em dia, não querem abrir mão e se sentem com direito de ter um tempo para eles.

E: Então, pelo que você estava falando, se espera hoje dos homens que tenham um envolvimento diferente do que era na época de teu pai. Eu tenho escutado de outros homens a frase “parece que não fomos preparados para isto” no sentido de que ninguém ensinou eles como fazer, a menina vem brincando de ser mãe desde a pré-escola mas os meninos dificilmente são incentivados a brincar de ser pai. Alguns homens tem comentado que se encontram de repente que não querem ou não podem ser como era

seus pais antes, mas não sabem bem como é que querem ser agora, como é esta experiência para você?

P1: Eu acho que não precisa preparação, acho que é algo que se dá natural. Pelo menos para mim foi assim, ser pai foi como algo natural.

E: Quais são as coisas que você gosta de fazer com teus filhos?

P1: Que pergunta difícil! Porque são muitas coisas...eu desfruto muito dos momentos que passo com eles, como te falava o momento do banho, das brincadeiras...são muitas coisas

E: Uma coisa que eu tenho lido e escutado, e queria saber o que você pensa desde tua experiência, é que hoje os pais homens estão muito mais próximos dos filhos mas que essa proximidade se dá principalmente em atividades de lazer, nas brincadeiras o que é extremamente importante como você estava falando teu pai não tinha muito isso com você, mas o cuidado cotidiano ainda fica muito com as mulheres, o que você pensa, ou como é tua experiência?

P1: É verdade, não tinha pensado em isso, acho que faz parte do tempo disponível, se a mãe fica mais tempo com eles é natural que participe do lazer, das brincadeiras, mas também fica mais nas brigas, tem que colocar regras, limites, levar ao médico...ainda acho que os meus são um pouco pequenos, não tem lição de casa nem muitas responsabilidades, é muito lazer na idade deles...não sei como vai ser mais no futuro... eu acho que é algo que vamos a ter que refletir, eu acho que tem que ter um equilíbrio entre os pais. Eu acho que as coisas tem que ser conversadas

E: Como eram vocês como casal antes da chegada dos filhos?

P1: muda bastante, mas como a gente se casou muito rápido porque tínhamos já uma certa idade, já éramos mais maduros acho que isso ajudou a que não seja um impacto muito forte, incorporar os filhos foi algo bem natural, bem tranquilo, não foi um stress.

E: como vocês conversam ou se colocam de acordo em relação a educação e cuidado dos filhos?

P1: Não existe uma regra, só que eu sou mais relaxado, a Ana é mais tensa, mais estrita com as rotinas, os horários e as regras com eles. Ela fica como com mais medo das consequências de nossos atos, o que a gente faz, o que a gente fala para eles, eu fico mais relaxado, eu acho que temos que ser naturais com eles, para mim é importante transmitir para eles princípios básicos como ser honesto, respeitar as pessoas, que não sejam racistas, mas acho que não tem problema se em casa escutam uma palavra feia, acho que a vida é assim, se não fica muito tenso

E: Por que você acha que ela fica mais preocupada com estas coisas?

P1: Acho que é a personalidade dela, ela é assim com tudo. Às vezes parece que quer proteger de mais os filhos

E: sim pode ser que seja um pouco a personalidade dela mas você acha que esse mito popular (que é falso mas existe) “todo é culpa da mãe” pode contribuir em ela ou nas mulheres a se cobrar muito para que não de nada errado com o filho porque se meu filho fala ou faz algo “feio” vão a pensar que é culpa da mãe?

P1: Pode ser, não tinha pensado nesse sentimento, mas acho que pode ser. E mais agora, que ela não trabalha eu acho que fica também mais forte isso, ela se sente mais responsável, ela se cobra mais que os filhos ser bem educados

E: Então, você sente que alguns momentos podem ser mais relaxados e ela fica em geral mais tensa no cuidado e educação dos filhos, vocês conversam sobre esta diferença?

P1: Conversamos, mas cada um é de seu jeito, igual a gente conversa bastante e dificilmente dá discussão porque graças a Deus a gente concorda bastante com a educação deles, acho que somos bastante afortunados porque concordamos muito nas coisas básicas da família, as despensas, como educar eles, escolas, o que fazer nos finais de semana...

E: como é um final de semana?

P1: infelizmente eles acordam no mesmo horário, só que a gente toma café junto, com mais tempo é um momento gostoso. E aí depende muito do final de semana, a gente vai para um parque ou a piscina, as vezes saímos a passear, as vezes tem algo para arrumar hoje por exemplo desmontamos uma cama, em geral somos muito caseiros, gostamos muito de ficar em casa, brincando, assistindo TV ou algum filme, comendo alguma coisa...

E: Vocês tem empregada?

P1: Sim, ela fica de 2 a 6°. No final de semana não mas ela ajuda bastante. Acho que em isso temos muita sorte, já em Espanha contávamos com uma ajuda e aqui mais ainda porque dorme aqui em casa

E: O cuidado da casa vocês terceirizam, não fica pesado nem para você nem para Ana?

P1: sim, isso ajuda bastante, claro que as vezes eu também lavo alguma louça (rsrs) mas o cuidado da casa é a empregada que faz. Mas se acontece algo com as crianças ela não intervém, só quando a gente sai por algum motivo que ela cuida deles, mas se eles estão doentes ou acordam à noite somos nós que vamos atender eles

E: Quem acorda geralmente você ou a Ana?

P1: Depende, muitas vezes a Ana. Isso é curioso porque geralmente se eles estão doentes é a mãe que vai, mas se é outra coisa por exemplo o Rafael está tendo alguns pesadelos aí sou eu que acorda. Ou o Júlio que as vezes chora por qualquer coisa, aí também em geral sou eu que acordo.

E: A Ana te pede ou espera que você faça alguma coisa? tem cobrado alguma atitude de você como pai?

P1: Não, ela não me pede nada em geral

E: isso sempre foi assim ou mudou de quando os filhos eram mais bebês?

P1:Um pouco mudou porque de bebês precisavam mais cuidados, as vezes ela pedia para dar mamadeira, o Júlio deu mais trabalho de bebê, as vezes precisava passar a noite com ele porque não dormia bem, as vezes eu dormia com ele no colo.

E: Você participou do parto e o pré-natal?

P1: Do Júlio (mais novo) esteve presente no parto do Rafael não...porque o hospital não deixava. Como o primeiro foi por cesariana o protocolo do hospital não deixava o pai estar presente, acho que é por conta da cirurgia, não permitiram

E: você queria participar?

P1: sim, claro, eu queria muito. Mas quando nasceu o mais velho, eu estava fora esperando e foi um choque porque como foi por cesariana, a Ana teve um par de horas para se recuperar antes de ir para o quarto, aí o Rafael nasceu, limparam, eu estava aí vendo e a enfermeira me trouxe ele, e quando peguei ele no colo foi um “ai que bonitinho meu filho” e quando vou devolver o filho não tinha ninguém para devolvê-lo, foi como “ o filho é teu”, não esperava, foi um choque não sabia que já tinha que tomar conta...e é para a vida toda (rsrs), foi emocionante. E aí como a Ana ia demorar, eu tive que dar a primeira mamadeira...foi algo muito bonito

E: Você estava sozinho nesse momento?

P1: não, aí já estava com os pais da Ana

E: Se você tivesse que colocar alguma palavra para me descrever o que significou para você esse momento, qual você acha que seria?

P1: é difícil, ...esse momento, é o fim de todo o período da gravidez e para mim, ser pai é....não sei como falar...muda absolutamente o conceito da vida. Nasce o filho, e você para de pensar em outras coisas, todas as prioridades mudam, já são eles a prioridade, são eles a única coisa e para mim a vida passa a ter sentido e outras coisas passam a não ter sentido, antes atingir um objetivo era importante e de repente o sentido que você achava que tinha a vida muda totalmente ...não sei...é complicado explicar....para mim

foi até um “relax”, eu casei muito tarde, então tive muitos anos para experimentar estar solteiro, com emprego bom, com dinheiro, e aí as vezes eu pensava “e aí, o que é importante nesta vida” e de repente você tem filhos e você muda todo, a vida passa a ser eles. Mexe muito como pessoa, você começa a compreender muitas coisas, de seus pais, de outras famílias que quando não se tem filhos não se compreendem.

E: Esta pergunta é uma pergunta hipotética porque seus filhos ainda são muito pequenos, mas o que você gostaria que eles dissessem de você quando crescer, se alguém perguntar para eles “como era seu pai” o que você gostaria que eles falassem?

P1: não sei...eu gostaria que eles falassem “meu pai é meu pai”, acho que quando eles chegar a minha idade gostaria que eles compreendessem todos os valores que tentamos passar para eles, mas não espero que eles fiquem agradecidos, gostaria que nem reparassem que eles estão sendo educados, gostaria que para eles fosse natural, então falassem “meu pai é meu pai, foi o que tinha que ser”.

E: E como você gostaria que fosse seu vínculo com seus filhos quando eles crescer?

P1: gostaria que eles tivessem confiança, e que eles olhassem para mim e para a mãe como um porto seguro, que eles experimentassem na vida mas que pudessem dividir com a gente, e que sintam que pode voltar para a gente sempre que precisar.

E: E que comportamentos você acha que está tendo hoje para ir construindo esse vínculo?

P1: agora que são pequenos é mais fácil que eles se sentam assim porque somos a única referência, então por enquanto está garantido...mas acho que é estar próximo, eu tento transmitir muito amor e carinho e isso...

E: Como você transmite amor e carinho?

P1: Eu gosto de ficar muito próximo deles, abraçar eles, beijar eles, e perguntar, e que eles contem o que estão experimentando, sentindo. E Quando eles fazem algo errado tento cuidar de não explorar, não me deixar levar pelo temperamento para eles se sentirem seguros, isso sim é consciente, porque eles podem não entender

E: Seu pai era assim com você?

P1: não, meu pai não. Ele não se envolvia tanto com os filhos, não se abria, não se vinculava tanto

E: ele era a autoridade em casa?

P1: só quando minha mãe pedia, isso era frequente antigamente, “vou falar para seu pai” aí complicava (rsrs)

E: você teria gostado de ter este vínculo mais próximo com seu pai?

P1: Sim, meu pai era assim, era parte da época. Mas acho que teria gostado

E: Teve alguma pessoa com a qual você tinha esse vínculo? O da qual você aprendeu?

P1: eu acho que está saindo natural, tem a ver com este momento.

E: Tem alguma pergunta que você imaginava que eu faria para você e eu não fiz?

P1: não sei. Tem algumas que são difícil porque você nunca parou para refletir só isso.

E: o que você achava que íamos a conversar?

P1: Eu pensava que íamos conversar dos papeis, da divisão de tarefas, o que eu faço com meus filhos. ...eu acho que nós somos muito simples, tranquilos como pais. Porque obviamente muda muito com a chegada dos filhos, mas todo na vida muda, então, porque se todo na vida tem um impacto porque a chegada dos filhos tem que ser algo assim tão chamativo, para mim é um exagero isso que as vezes se escuta...obvio que quando se é pai tem coisas que vão mudar, obvio que vão ter que se abrir mão de algumas coisas, mas se você faz um MBA também demanda tempo, e tem que abrir mão de algo, é assim a vida.

E: Então, só para fechar, me descreva com algumas palavras, como você é como pai?

P1: Sou um pai presente, sou um pai que tenta ter filhos boas pessoas, transmitir os valores que achamos que são correto, acho que esse o maior presentes que podemos dar, não é a herança, são os valores, princípios

E: Quais são esses valores que você acha importante passar para seus filhos?

P1: Ser boas pessoas, e ser conscientes que tem que respeitar os outros. E uma coisa que aqui em São Paulo, em Brasil acho difícil e falta muito é o respeito do meio ambiente, aqui não podemos reciclar, a agua é um despilfarro, na Espanha deixar a torneira aberta é um delito, aqui joga tudo fora. E aqui está sendo mais difícil passar isso para meus filhos porque não temos como reciclar

E: E aproveitando que você é de outro país, você percebe diferenças entre os pais de Espanha e os de aqui?

P1: não muito, talvez aqui vejo as famílias e as pessoas mais consumistas, é um modelo muito americano. Então você importa se tem a última TV, o último carro...tomara que possamos transmitir para meu filhos que não é só isso.

Entrevista M1 (Ana, 41 anos)

E: Entrevistadora

M1: mãe 1

E: Há quanto tempo vocês estão juntos

M1: Nos conhecemos há 7 anos, e temos 6 de casados. A gente fez tudo muito rápido, éramos velhinhos então tínhamos que correr, mas acho que a maturidade ajuda, você sabe que achou a pessoa certa

E: Vocês se conheceram como?

M1: Em uma reunião de trabalho, na Lisboa. Foi muito engraçado porque trabalhávamos no mesmo banco na Espanha mas em projetos diferentes, só nos encontramos em Lisboa numa reunião quando os projetos se cruzaram.

E: Ter filhos era parte de teus projetos?

M1: é engraçado porque eu sempre quis ser mãe, mas queria que fosse mais tarde, eu sempre achava que se eu fosse ser mãe ia ser lá pelos 35anos, mas nunca tive esse sonho que as vezes as mulheres tem “ahh quero ser mãe” principalmente porque sempre fui muito independente, e descolada. Então não era algo do que sentia falta. Mas aí quando você vai chegando aos 33, 34, você começa a pensar, o relógio biológico começa a pressionar e aí eu que nunca tinha pensado no tema comecei a pensar.

E: Você acha que ter filhos era algo que fazia parte dos projetos do Pedro?

M1: Olha para te falar a verdade isso é algo que a gente nunca conversou, mas me lembro que quando nos conhecemos foi bem engraçado porque a gente antes de começar a namorar, primeiro conversamos que íamos namorar e quantos filhos íamos ter, ele me falou que eu era a mulher da vida dele e comigo ia ter 4 filhos, eu falei 4 não, 2 e negociamos em 3 rsrs e só depois a gente começou a namorar. Para mim marca nosso começo, nosso encontro foi como “achei a pessoa com quem quero ter filhos”, então, eu acha esse momento não tinha pensado, e acho que para ele também não, acho que foi o encontro dos dois.

E: E como vocês decidiram ter filhos?

M1: Foi assim, rsrs, não pensamos muito. Foi tudo muito rápido, a gente começou a namorar e aí a dona da casa que alugava pediu a casa, aí já fui morar com ele e em menos de um ano casamos. Ele já tinha 41 eu já tinha 36, então na volta da lua de mel já começamos a procurar filhos, e foi muito rápido.

E: e como foi o Pedro durante a gravidez?

M1: Acho que ele é tão fundamental para tudo. Ele foi muito bacana, compreensivo. Ele era muito envolvido, ele me mimava muito. A gente estava super feliz. Ele apoiava em tudo, ia nas consultas. Participou do pré-natal. Foi muito companheiro, me acompanhava sempre no médico, mas o mais importante não era só isso, se não no dia a dia, ser compreensivo, paciente, ele foi muito companheiro, fazia massagem, chazinho, rsrs rs.

E: Se você tivesse que descrever como ele é agora como pai no dia a dia, o que você diria?

M1: eu brinco com ele porque falo que ele é o sol da nossa vida, não só dos meninos se não da minha também, ele traz alegria, traz o equilíbrio, eu sou estressada a que quer pôr regra em tudo, eu sou assim mesmo meio militarzinho, herdei isso da minha mãe(rsrs). Ele é muito mais tranquilo. Eu sou muito mais rígida com as regras, sou neurótica com horários, tem horário para comer, horário para dormir, horário para tomar banho, horário para tudo...

E: Disso quem cuida é você?

M1: Sim, sou eu

E: como vocês decidiram que seja assim?

M1: Acho que as circunstâncias foram se dando desse jeito. Nós concordamos muito nas coisas, na maneira de criar os filhos. O que eu gosto é que eu sou muito rígida, muito preocupada, aquela coisa da mãe que quer fazer tudo certo, o que é impossível, e é bacana porque o Pedro traz muito a descontração, fala “relaxa” ninguém vai morrer, ele é menos preocupado nesse excesso de pedagogia.

E: Você acha que ele relaxa porque sabe que tem alguém responsável cuidando das regras, dos cuidados necessários que os filhos precisam?

M1: Acho que um pouco pode ser, isso acabou acontecendo naturalmente por nossas personalidades, não foi algo conversado. Mas dele não posso reclamar. Ele é muito presente, tenta estar sempre em casa pelo menos antes das crianças dormir. Ele faz de tudo, com o Rafael foi ele que deu a primeira mamadeira, o primeiro banho no Rafael, tem homens que não chegam nem perto ele ao contrário sempre foi muito presente. Quando o mais novo nasceu o Rafael se apegou muito no pai. Com o segundo filho para mim foi um momento difícil, estava com muita dificuldade de administrar, sofria e me cobrava por tudo, eu me sentia que estava fazendo algo errado.

E: porque você acha que você se cobrava tanto?

M1: não sei, eu sou bastante exigente comigo, sempre fui.

E: Eu falava com o Pedro daquele Mito de que “todo é culpa da mãe”, e que as vezes as mulheres se exigem de mais porque se alguma coisa dá errado, “é culpa da mãe”

M1: Sim pode ser, essa é a parte boa do Pedro, ele fala “não esquentar”, acho que eles não se sentem tão responsável, eu brinco falando que por isso existem pais no mundo porque se não as crianças estariam muito estressadas. Porque a mãe sente isso, porque sai da gente, é algo biológico, por exemplo você essa preocupação de alimentar, você sente que é seu dever alimentar porque sai da gente o leite, é biológico o negócio. E isso a gente carrega para sempre. É horrível eu sou neurótica, e em esse sentido o Pedro ajuda muito para equilibrar, porque eu sou a que sai com uma bolsa de comida, ele fala para relaxar, que eles não vão morrer de fome (rsrs) como muito vão comer uma hora mais tarde, mas eu não consigo, eu sou assim, é meu jeito.

E: E ele como pai, que faz com as crianças?

M1: ele brinca muito, ele consegue separar muito bem as coisas, então ele chega do trabalho e chega brincando com ele, as vezes eu me desespero porque ele chega no exato minuto que estou colocando eles na cama, e ele chega e acabou o horário da cama, porque ele chega e pula para cima e faz coceguinha, e eles adoram

E: E como é isso para você?

M1: eu sou a chata, sou a que coloca ordem

E: Você acha que hoje os pais homens estão mais envolvidos?

M1: sim, acho que sim

E: mas você acha que este envolvimento se dá em quais atividades?

M1: Existe uma maior proximidade. Por exemplo isso que eu te falava ele chega e é uma festa, ele procura acompanhar e estar presente em todo.

E: eu tenho lido que os pais estão mais presentes mas que ficam principalmente em atividades de lazer, ainda ficando as tarefas de cuidado com a mãe, o que você acha sobre isso?

M1: Normalmente eu sinto que sim, que ficam estas responsabilidades muito mais sobrecarregado para a mulher. E aqui no Brasil mais ainda, na Espanha eu via muito mais equilibrado. Por exemplo, ia buscar as crianças na escola e muitos homens iam buscar as crianças na escola ou você via muitos homens brincando com as crianças no parque, eram os responsáveis por ficar com as crianças no final da tarde. Aqui o problema eu acho que estão nas leis trabalhistas que lá eram muito mais equilibradas, é outra cultura. Por exemplo, a licença maternidade na Espanha também são 4 meses, mas

lá pode ser tomada pela mãe ou o pelo pai, é livre escolha, a mãe pode escolher não amamentar e voltar a trabalhar depois da recuperação do parto e quem fica em casa com a criança é o pai, isso é algo permitido. A licença paternidade são 15 dias, quando você tem um filho você pode pedir a redução de jornada de aqui no Brasil você não tem isso, não lembro agora de outros direito, mas isso faz toda a diferença, porque por exemplo num casal que a mulher tem uma posição que exige mais ou tem uma posição diretiva e de repente o homem tem uma carreira até boa mas não de direção podem decidir isso, eu via muito isso lá, acaba sendo normal a mulher voltar a trabalhar e o pai ficar cuidando dos filhos.

E: e aqui quando você vai para o parquinho do prédio com teus filhos...

M1: Só tem mulher. Às vezes num feriado, final de semana o Pedro vem comigo e algum que outro pai também vai mas no dia a dia você não vê, são só as mulheres

E: E como era na tua casa? Que coisas teu pai fazia?

M1: Era muito diferente, meu pai nunca trocou uma fralda, nunca deu banho na gente, mas também porque minha mãe não deixava. Porque tinha isso de que era menina e homem não podia e em casa éramos em duas meninas. Mas eu acho que mesmo que não fôssemos meninas ele tampouco ia dar, porque ele tampouco nunca deu comida, nunca deu mamadeira, nunca lavou fralda nunca fez nada disso, era assim e minha mãe também não deixava, ela não trabalhava, as mulheres eram criadas para ser mães

E: teu pai ficava mais com a função de provedor

M1: sim, mas a diferença de muitos pais daquela época meu pai era muito presente, era muito carinhoso, de conversar muito. Para desespero da minha mãe meu pai nunca se importou de nos duas ser meninas, e levava a gente para todos lados, nos enfiava no bar com os amigos com um guaraná e um pastelzinho, eu achava o máximo, para mim meu pai assim mostrava orgulho da gente.

E: E como teu pai marcava as regras para vocês?

M1: As broncas de meu pai doíam mais que as chineladas da minha mãe. Meu pai sempre foi mais racional, a minha mãe coitada, era a que sofria o papel de fazer as regras, de fazer comer, de fazer tomar banho, fazer estudar, fazer a lição, fazer tudo. O papel mais forte de meu pai começo mais na adolescência, acho que foi aí quando a gente começo a notar mais a presença dele, ou pelo menos que eu me lembre, porque de pequena só me lembro de meu pai dando guaraná, pastel e beijo (rsrs) não me lembro de meu pai dando bronca. Mas na verdade na infância meu pai era como a instância superior “vou contar para seu pai” “se chegar no pai você vai ver” ...mas se chegasse em

ele, ele não fazia nada mas só descobri isso depois (rsrs). Mas ele para mim foi muito importante na fase da adolescência. A minha mãe era a de sempre, muito certinha, então na fase da rebeldia ela falava que não podia fazer tal coisa e eu respondia “o que você sabe disso você não sabe”. Meu pai, como sempre foi tranqueira, quando ele falava eu escutava mais porque sentia que ele tinha conhecimento de causa, “tá falando mas ele sabe o que fala”

E: Queria saber o que você pensa, antes se cobrava muito do homem o papel de provedor, de ser a autoridade, você acha que hoje mudou o que se espera do homem quando exerce a função paterna?

M1: Acho que se espera uma maior participação, se espera que ele troque fralda, que puxe carrinho, leve na escola, na parte prática se espera mais participação. Mas acho que psicologicamente os papéis não mudaram, acho que ainda é importante a função de pai como pai

E: como seria isso do pai como pai?

M1: Dessa imagem do pai ser a instância superior, de ser a última palavra na família, a figura forte. Acho que no fundo todos temos essa imagem de que na família a figura forte é a mãe...mas não sei como explicar...ou pelo menos na minha cabeça, na minha família, a forte sempre foi a mãe, a gente tinha claríssimo isso, que era minha mãe que fazia a família acontecer, mas no sentido do que o pai era a figura que a gente podia contar...é difícil explicar, acho que faz tanta falta um como o outro...mas eu acho que a mãe é a sobrevivência básica, e o pai é o que vem depois disso, pelo menos na minha visão se eu tenho minha mãe “nunca vou morrer de fome” se eu tenho minha mãe é alguém que vai me cuidar, curar, dá a saúde física, e o pai era...”eu vou ter um apoio” mas um apoio como mais psicológico, de mais força na vida, no sentido de que posso dar milhões de cabeçadas, mas se estiver sem rumo meu pai vai me orientar, ele vai falar qual é o caminho certo.

E. E você vê características de teu pai no Pedro?

M1: Eu acho que sim, no sentido do pai ser a força, ser o modelo. Mas são muito diferente, personalidades completamente diferente. O Pedro é super participativo nas tarefas que meu pai não era, o Pedro dá banho, troca fralda, leva na escola, se eu não estiver ele vai para o parque, ele cuida.

E: Você consegue delegar essas tarefas em ele?

M1: Sim, mesmo sabendo que se eu ficar o dia inteiro fora as crianças vão almoçar 3hs da tarde, ninguém vai se importar, vai comer pirulito antes do almoço e essas coisas,

mas também acho que é porque é um dia, como se pensasse “é um dia que estou com eles não vou passar dando bronca”, acho que se o Pedro tivesse que assumir esse papel dar comida todos os dias não seria assim, acho que ele entenderia depois de 3 dias dando pirulito antes do almoço que não vão comer, então vai parar de dar o pirulito. Mas eu acho que, apesar de ter sido a vida inteira completamente diferente da minha mãe acabei entrando numa vida exatamente igual a dela, eu parei de trabalhar quando os meninos nasceram agora só cuido deles, da casa, então acaba acontecendo isso, o que eles vem é exatamente o que eu tive, uma mãe presente o dia todo, correndo atrás deles, gritando como uma louca (rsrs) vem que a mãe está aí, e o pai que é com quem se faz coisas diferentes, que é o que desbrava o mundo é o que traz o exterior para a casa

E: Como você tomo ou tomaram a decisão de você parar de trabalhar?

M1: foi uma decisão que eu quis tomar mas as circunstâncias colaboraram para isso, eu era gerente de projeto, sempre trabalhei muito e quando estava grávida do Rafael, trabalhei até os últimos dias, na empresa me falavam para sair porque a criança ia nascer lá dentro. E quando ele nasceu, foi a fase da crise na Espanha, então ele nasceu em janeiro de 2009 que foi bem quando começou a crise, e eu ainda estava na fase de experiência porque tinha trocado de emprego, algo muito estranho porque me contrataram com 5 meses de gravidez, mas eles se precaveram colocando um preço de experiência, que não contava a licença maternidade, então a experiência ia contar até um mês depois de eu voltar da licença maternidade, e quando eu ia voltar, foi bem na fase da crise e era bem o período de renovar os contratos e eles não conseguiram renovar nem a metade dos contratos que tinham, então, a primeira que cortaram da lista fui eu, a menina de RH não sabia como me falar porque você está com uma criança e te cortam uma renda mas eu dei graças a Deus, não podia ter recebido uma notícia melhor, eu estava super estressada, não tinha gostado do trabalho e eu estava sofrendo porque pensava “eles apostaram em mim, me contrataram grávida não posso pedir para sair agora, me estava sentindo responsável” então quando eles me mandaram embora, tinha 8 meses de seguro de desemprego então achei uma maravilha, pensei “vou curtir cuidar de meu filho”. Aí fiquei os 8 meses até terminar o seguro de desemprego e aí, a família do Pedro tinha uma loja, que ninguém estava cuidando mais, então pensei em vez de voltar a trabalhar numa empresa pensei em ver se conseguir cuidar da loja e como eu queria ficar grávida de novo pensei, para que eu vou voltar trabalhar agora, para passar outra vez estressadíssima numa empresa, trabalhando nem que uma doida. Aí conversamos com o Pedro e os dois concordamos.

E: E como vocês dividem as tarefas

M1: é bem tranquilo, aqui no Brasil eu estou tendo tempo de sobra e ajuda de sobra. E isso acaba pesando, porque ele chega do trabalho cansado e eu não me sinto à vontade de pedir, fica essa sensação de que você não estava fazendo nada

E: e você acha que se você estaria trabalhando, você também sentiria isso, também seria difícil pedir para ele?

M1: não, aí acho que não. De fato, lá na Espanha teve as duas situações, porque depois que o Júlio nasceu eu fiquei muito estressada, com dois pequenos era de mais, e a fase de Júlio bebê foi muito difícil, era um bebê que demandava muito; aí eu não aguentava mais e quis voltar a trabalhar, aí a gente conversou apareceu oportunidade e voltei a trabalhar e foi sem crise para gente, estávamos os dois trabalhando e dividíamos mais essas tarefas, também tínhamos alguém que nos ajudava com as coisas da casa.

E: E uma criança ficava doente, como vocês faziam?

M1: era eu que cuidava, mas ajudava que eu tinha muita mais flexibilidade com o trabalho, e muitas vezes podia fazer home office, então sem crise, se as crianças precisavam eu ficava com eles em casa.

E: Como você imaginava que ele iria a ser como pai, antes dele for?

M1: eu sempre pensei que ele seria um fantástico pai, carinhoso, presente

E: E a realidade de agora, está muito distante ou não do que você imaginava?

.

E: Você sente que isso está mudando?

M1: na Espanha eu via mais, mas aqui no Brasil vejo que ainda é muito forte. Acho que tal vez muda mais se a família tem um filho menina e outro menino, e quando os pais são abertos, porque se os pais tem a cabeça muito fechada. Isso acho que foi o caso do Pedro, ele era muito próximo da irmã dele, acho que ajudou a desenvolver esse lado de cuidado, porque participa da brincadeira da menina, antes não se dava muita opção. Antes, nunca um homem ia parar de falar com os amigos para atender uma criança, eu vejo que o Pedro faz isso. Na Espanha, os grupos de amigos eram mais os dele, então se estávamos recebendo amigos em casa e as crianças precisavam de algo eu ia atender, mas foi muito engraçado quando voltamos para o Brasil porque aqui são mais meus amigos então ele é que muitas vezes vai atender as crianças

E: E imagina que teus filhos cresceram o que você acha que eles fariam do pai deles?

M1: acho que eles vão falar que o pai é a alegria da casa, o pai é um herói, acho que eles vão ter essa referência

E: E da mãe? O que você acha que eles fariam?

M1: Por enquanto eles falam que eu sou a princesa, linda, maravilhosa, espero que eles continuem apaixonados pela mãe (rsrs), mas eu espero que eles me vejam como uma pessoa que transmitiu para eles regras que vão ser úteis para a vida deles, que eu seja um ponto forte, de referência de como agir na vida, e de carinho, gostaria que eles tivessem essa sensação de “eu tive minha mãe”. Eu não deixei de trabalhar eles, a opção não foi por eles, eu decidi por mim, porque eu na minha cabeça quando tivesse filho eu queria ser mãe, não queria delegar, eu queria, foi uma opção minha, queria viver isso, E gostaria que eles lembrem que tiveram uma mãe, presente as vezes chata que brigava mas que estava aí. Na divisão de tarefas, normalmente ele dá banho mas eu acabei mudando um pouco a rotina porque ele chegava muito tarde, umas 8/8:30hs e aí as crianças não aguentam, se eles não dormem umas 8:30hs não conseguem acordar para ir na escola no dia seguinte

Entrevista P1 e M1

E: queria conversar um pouco com os dois porque depois de ter conversado com cada um, fiquei curiosa em saber o que você (Pedro) pensa ou acha que ela falou de você como pai, como você acha que ela te descreveu? E para você (Ana) o que você acha que ele falou dele como pai?

P1: Acho que ela não falou algo muito diferente do que eu falei... acho que falou que sou atencioso com os filhos, que cuido deles...não sei, tal vez ela reclamou que não brinco muito com eles. Não sei bem o que ela pode ter falado (rsrs)

E: Não se trata de adivinhar, se não o que você imagina que ela pode ter falado de você como pai.

P1: Acho que basicamente ela deve ter falado que eu sou um pai que dá muito carinho para eles

E: Você acha que ela reclamou alguma coisa de você como pai ou que ela esperaria de você alguma outra coisa além disso?

P1: Não, acho que não, não sei. Que sou Atencioso e dou muito carinho.

E: (para ela) E como você acha que ele se descreveu como pai?

M1: Acho que ele se descreveu como um bom pai, um pai presente, atento, participativo. Acho que ele está se cobrando mais do que eu cobre para ele...eu falei que você brincava muito com as crianças (Rsrs)

P1: Eu brinco muito com eles, mas também eu sinto as vezes que estou pouco tempo...ela está mais presente

E: A falta de disponibilidade de tempo vocês acham que tem a ver com que?

Ou ter flexibilização nos horários porque é uma realidade que criança pequena dorme cedo, etc.? P

P1: Não é que não há tempos, o trabalho e as leis as vezes não favorecem a ter mais tempo disponível para a família. Na Espanha se está falando de uma Harmonização...de tentar integrar mais a vida familiar e laboral o que é bem difícil, mas sem uma flexibilização não é possível, criança pequena dorme cedo rsrs. Na Espanha também tenho escutado mais de alterar os horários de trabalho, para que também os pais cheguem mais cedo, estão falando desta compatibilização da vida familiar e laboral.

E: Sim, em alguns países da Europa, acho que era na Finlândia se não me engano, se você tem um filho, você tem o direito de trabalhar part-time, tanto o homem como a mulher.

M1: Acho que isso é uma grande diferença do que se vê hoje na Europa e no Brasil. Quando eu morava na Espanha, lá não te olham feio se você deixa um pouco de trabalhar para cuidar dos filhos, acho que chega num nível de consciência que as outras pessoas não criticam nem cobram por isso

E: Isso você não vê que aconteça aqui no Brasil?

M1: Aqui?! Imagina, aqui nem as mães que trabalham conseguem sair na hora, não é que não conseguem sair mais cedo, nem na hora que teriam que sair, porque se elas simplesmente saem no horário as outras pessoas te olham torto, principalmente se você tem um cargo de responsabilidade, se você sai, sei lá as 18hs, as outras pessoas te olham como falando “a onde você vai?”

P1: Igualmente eu acho que se bem hoje felizmente, essas novas legislações como se vê em países como Espanha ou Finlândia ou Noruega sim está favorecendo a mãe, mas mesmo assim, se é uma mãe que quer fazer carreira executiva, assumir altos cargos, esquece. Se quer atingir um nível de diretoria não vai conseguir compatibilizar a vida familiar e laboral.

M1: Mas eu acho que faz diferença, algo que eu via na Espanha, que eu gostava muito é que a igualdade da lei começou a trazer menos preconceito contra mulher, porque as empresas correm o mesmo risco de o homem como a mulher pedir a licença, redução de jornada, não é como aqui que já está rotulado, é a mulher, então eu acho que é algo que contribui muito

P1: Eu concordo, mas acho que é uma lei que serve para funcionário público, para um nível médio ou baixo, mas para um nível executivo não é assim, é muito difícil compatibilizar ser mãe e trabalhar, de fato se você olha a composição das diretorias das empresas, é igual na Espanha, no Brasil ou na Suécia, são praticamente todos homens. São todos homens, porque chega um nível que não dá, aí a mulher não quer abrir mão da família, dos filhos.

M1: Fora nossa vizinha que a gente falava antes, rrsrrs (ocupa o cargo de presidência de uma multinacional) que delega para todo mundo os filhos, que não aparece nunca.

P1: Mas você acha que ela não se sente culpável?

M1: Eu acho que não, ela não parece estar nem aí com os filhos

P1: Eu acho que sim

E: Você acha que as mulheres se sentem mais culpáveis que os homens de abrir mão da família?

P1: Obvio. Eu acho que sim. Para um homem é como que tem que ser assim, estão fazendo isso para a família, mas para a mulher, são cobradas como que estão abandonando os filhos

E: Entendi, tem uma cobrança social muito mais forte para as mulheres nesse sentido.

P1: Agora tem um novo projeto de lei na Espanha que é para estabelece maior igualdade na configuração dos conselhos de administração das empresas, para que os conselhos das empresas tivesse 50% de mulheres e 50% de homens

M1: Eu acho que isso teria que ser por natureza, acho que por natureza acaba tendendo a mulher a ser mais preocupada com a família, mas algumas, tem esse perfil mais agressivo, de fazer carreira de ser corporativas, eu acho que elas tem que ter a liberdade de ser o que elas querem ser

P1: E elas não podem ter filhos?

M1: podem, mas como o caso de nossa vizinha que é presidente de uma multinacional, é opção dela, ela se sente feliz com essa carreira e não quis abrir mão de ter filhos, ela teve os filhos só que delega para todo mundo

E: E vocês como casal, como foi a relação de vocês depois da chegada dos filhos, com todas as tarefas e responsabilidades de cuidado que os filhos demandam?

P1: Eu acho que como casal nós somos um reflexo do conceito que os dois temos sobre a parentalidade, a gente conversou muito antes da chegada dos filhos de estar unidos, de transmitir valores comuns, instruções e mensagens comuns para eles, para eles se sentirem seguros, porque se criamos confusão para eles vão a se sentir inseguros e isso

tem consequências para a vida, e a gente está tentando transmitir isso, passar isso para eles

M1: E com respeito a vida de casal, eu acho que para a gente não é tão forte ou difícil como para outros casais porque a gente já começou com essa ideia, nós começamos nossa vida de casais pensando na família, e os filhos chegaram muito rápido. Claro que muda, é um período que não se tem a mesma liberdade, que implica muitas vezes um sacrifício, a gente não pode viajar para onde quer quando quer como a gente fazia antes, mas eu sinto que a gente lida bem com isso. Agora que a gente está conseguindo ter um pouquinho mais de liberdade, estamos retomando a parte do casal, mas eu acho que não foi tão trágico. Para nós é como normal assim

E: Ta bom, muito obrigada por compartilhar suas experiências.

CASAL 2

Entrevista P2 (João, 41 anos)

E: Entrevistadora

P2: pai 2

E: Como vocês se conheceram?

P2: No trabalho. Já temos uns 7 anos de casados...antes disso namoramos uns 10 anos, enrolei bastante ela (rsrs). Mas na verdade é que ela queria comprar uma casa perto da mãe dela, que morava aqui, no final desta rua e eu não queria pagar aluguel, então tínhamos que esperar. Aí a gente foi namorando, foi juntando dinheiro, aí apareceu a oportunidade desta casa, e aí fez o empréstimos e compramos. Depois disso foi que a gente começou a planejar casar...e estamos felizes (rsrs)

E: E você queria ter filhos, era parte dos planos de vocês? Ou nunca pensou nisso?

P2: Planos tínhamos, queríamos ter um filho. Quando decidimos casar a gente pensou, vamos primeiro a organizar nossa vida para depois pensar em ter um filho. Pensamos e planejamos muito tudo, cuidamos de em que condições o filho iria a nascer, então a gente procurou se afirmar primeiro, fizemos os planos, mas aí teve o problema da minha sogra que teve câncer então foi uma época que não dava, porque a Inês vivia em função da minha sogra, isso foi por uns 3 anos até ela falecer. Depois que minha sogra faleceu, demos um tempo e aí resolvemos que estava na hora de ter um filho, estávamos ficando velhos, nessa época eu tinha 39 e ela 36

E: Vocês querem ter mais filhos

P2: não, só um. A gente já conversou sobre isso mas filho é um custo alto, por enquanto não dá, eu não vou ter outro filho para não poder dar as mesmas condições e vou ter que tirar o que ele tem hoje em dia, tudo é caro e demanda muito.

E: E como você se imaginava que seria como pai?

P2: Eu nunca parei para pensar como é que eu seria como pai, eu sabia mais o menos porque tive 5 sobrinhos que viveram em casa. Então na verdade, meus sobrinhos saiam comigo, eu ajudava a tomar conta, não igual eu tomo de meu filho e como eu sou professor, trabalho com criança então eu imaginava mais o menos como iria a ser

E: E como pai, as vezes temos como uma ideia tipo “quando eu for pai eu vou fazer isso, vou ser assim...” passava por tua cabeça?

P2: nunca pensei

E: você não brincava de ser pai quando era pequeno?

P2: Não, nunca passou por minha cabeça. É verdade menina pega o bebê e brinca, não é? Mas eu nunca pensei nisso, de criança eu brincava de ser médico.

E: E como foi para você quando soube que iria a ser pai de verdade?

P2: Nos planejamos bastante para ter um filho. Não foi surpresa. Eu fiquei sabendo no dia que jogo futebol, na verdade ela já tinha falado que a menstruação estava atrasada e nesse dia ela tinha médico e falou que iria a pedir o exame de sangue, quando voltei do futebol ela estava me esperando e já falou, estou grávida mesmo...e foi legal. Aí, começamos a esperar a criança, tínhamos 9 meses pela frente, arrumamos a casa, pensamos todo junto, desde o médico que ela iria a passar até o quarto

E: E como você acompanhou a época da gravidez? Porque a mulher vai tendo muitas mudanças físicas, e para você, como pai, como era esse momento?

P2: A gente é de conversar muito. Mas é verdade é uma época que muda muita coisa, muda o corpo, mas não só o físico também mexe muito o hormonal, e isso também afeta a gente, o homem sofre...para dormir era horrível, porque ela não conseguia dormir, mas é normal só estava esperando um filho...Eu acompanhei no pré-natal, ultrassom.

E: Como era para você quando via o bebê?

P2: uhhh era muito bom de ver o coraçãozinho batendo de alguém tão pequenininho. Eu também acompanhei o parto...foi melhor ainda...

E: Tô vendo que você está se emocionando...

P2: sim, não dá para explicar...é algo muito bom

E: tem alguma palavra que represente um pouco isso que você sente?

P2: não sei, é difícil, é algo que acho que só dá para sentir quando se tem um filho. Não sei como descrever

E: que significa para você ser pai? Tem alguma palavra com a qual descrever o que é para você?

P2: acho que não tem palavra para descrever isso; ser pai é um monte de coisa não dá para resumir numa palavra. Não sei como te responder, porque pai não é diferente da mãe acho que os dois tem a mesma proporção, então não sei como falar ser pai é....eu só não tive na barriga por 9 meses, mas acompanhei do lado de fora, eu entendo que a mulher carrega ele mas...mas ser pai é tudo, não tem uma palavra

E: Você participa do parto

P2: Participei, foi algo muito legal, é uma sensação. O dela foi parto normal e nasceu de 8 meses, adiantou foi um susto porque eu também estava no futebol, aí me ligou porque estava com dor, aí no médio do caminho começou a ter contrações, e aí foi um susto porque falaram para internar porque meu filho iria a nascer, aí começou a correria e a tremedeira. Mas aí nasceu o pequeno Ricardo. Enquanto está na barriga é uma coisa, quando nasce é um pouco mais complicado

E: E como foi quando voltaram a casa? Que coisas foram complicadas

P2: eu acho que é em como lidar com a criança mesmo porque é uma experiência que nem eu nem ela tínhamos, cuidar de outras crianças não é igual a seu filho. Não que foi difícil, vai se aprendendo a lidar, com o choro, com a fome

E: como era quando por exemplo ele chorava? Quem ia?

P2: Eram os dois, mas nos primeiros 4 meses ela ficou em casa e estava o dia inteiro, mas os dois nós ajudávamos muito “segura aqui”, ele teve problemas de refluxo quando nasceu então ele ficava muito nervoso e a gente também procurávamos um pediatra, outro, uns falava que era gases, até encontrar uma pessoa que acerta levou um tempo. Agora a gente cuida muito da alimentação, ele não come qualquer coisa. A gente vai aprendendo a lidar, mas nos primeiros meses foi bem complicado porque ele não dormia, e ela tampouco, aí eu tinha que trabalhar, minha cunhada as vezes vinha nos ajudar porque ela estava num estado de stress muito alto. Até a gente descobrir que ele tinha refluxo e começar o tratamento foram uns meses.

E: Você teve Licença paternidade?

P2: Só uma semana que é permitido, mas eu fiquei um pouco mais porque foi perto da semana do carnaval, aí eu tinha que voltar a trabalhar na quinta e sexta e eu não voltei, faltei esses dois dias, então fiquei uns 10 dias

E: Você sentia que precisava de mais tempo nesse momento?

P2: Precisava, sem dúvida. É a hora que a mulher mais precisa da sua ajuda. Eu acho isso, tem homem que não está nem aí que pensam que é a mulher quem tem que cuidar e ele sai e fica tomando a cerveja dele

E: você teria gostado de ter o direito de poder acompanhar mais nesse momento?

P2: Com certeza, as leis não permitem mas deveriam. Não digo ficar em casa 4 meses igual a mulher, ou 6 meses. Mas pelo menos 15 dias, o primeiro mês acho que é necessário. O dela foi parto natural mas quando é por cesariana demora mais também a recuperação dela tem pontos.

E: E como vocês se organizaram com as tarefas da casa?

P2: A gente sempre foi dividido, não com regra, é natural, se eu estou lavando louça ela passa um pano, mas muda, Eu sempre ajudei na casa, o único que eu não faço é lavar roupa, mas eu faço o mercado, faço a feira que geralmente ela não faz. Agora a gente também tem uma empregada que nos ajuda, mas antes que não tínhamos entre os dois nos organizávamos. Agora o que a gente divide mais é por causa do Ricardo,

E: E tem alguém mais que ajuda ou ajudava com os cuidados do Ricardo?

P2: Minha cunhada, minha mãe, ajudaram muito quando era bebê porque quando ele dormia a gente não podia fazer um barulho na casa, foi muito cansativo

E: E como é a rotina de um dia normal?

P2: Levanto cedo, umas 6 hs. Ela e o Ricardo levantam mais tarde, se ele acordar ela também levanta, ajuda a fazer a mamadeira. Em geral eu sai para o trabalho e os dois estão dormindo, ela acorda umas 6:40, as vezes se ela quer tomar um banho de manhã acorda antes de eu sair, e eu fico dando uma olhada nele. Ele está dormindo no berço em nosso quarto, porque se precisar de alguma coisa, se chora é mais próximo, agora que a gente está começando a trocar. O Ricardo fica o dia inteiro na escolinha, ela que leva porque fica de lado de seu trabalho. Deixa as 8hs e pega de novo as 17hs. Ela chega antes com ele em casa porque eu saio umas 18hs. Aí ela espera eu chegar, brincamos um pouquinho com ele, aí sou eu que dou, ela sempre teve receio de dar banho então desde nenê sou eu que dou

E: Se fosse menina você também daria?

P2: acho que sim, não sei, boa pergunta, mas acho que sim porque ela tinha receio de cair, machucar dando banho, escorregar. Eu dou banho de chuveiro se ela tiver que dar, usa a banheira. Aí ela troca, aí eu geralmente fico com ele enquanto ela esquentava a janta. Eu dou a comida dele, aí as vezes ela lava a louça e ela vai tomar banho. Aí ela fica com ele e eu janto e aí eu fico de novo cuidando dele e ela janta, tem toda uma rotina, até a hora dele dormir por volta das 22/22:30hs...aí ele dormiu a gente vai dormir porque não aguenta mais (rsrs) O dia é cansativo

E: Mudou muito tua rotina de como era antes?

P2: Ahh sem ele a rotina é completamente diferente. Eu não teve que abrir mão das coisas por exemplo o futebol eu não larguei mas eu diminui, antes eu jogava em 3 times agora só em um. Diminui em função dele, para ajudar ela porque não é justo, ela faz unha as coisas dela no horário de almoço dela. Hoje por exemplo levei ele a passear, fomos visitar o padrinho enquanto ela arrumava a casa, faz alguma coisa porque mesmo com a empregada que nos ajuda em casa as vezes alguma coisa precisa. Mas eu não

deixei de fazer nada mas diminui e mudou antes podia sair as 7hs da manhã e voltar as 10hs da noite, isso não existe mais. Agora no trabalho tenho as sextas-feiras vagas, aí agora estou saindo a dar uma volta, vou dar uma pedalada de bike ou saiu com a moto.

E: E como você se descreveria como pai?

P2: Eu sou um pai bem presente, afetivo, brinco com ele, me preocupo bastante com o futuro, com tudo na verdade. Às vezes não posso fazer tudo, por exemplo estes dias ele acordou com uma conjuntivite, eu não falto no serviço, ela tem mais flexibilidade, aí ela pegou minha cunhada que ajuda muito a gente e ela levou. Porque no meu trabalho tenho muitos alunos esperando, O serviço dela é serviço, ela precisa trabalhar mas a flexibilidade dela é maior, a chefe dela é bem legal. Se eu tiver que faltar eu falto mas é bem mais complicado, mas se é a noite ou para uma consulta com o pediatra em geral sou eu que levo.

E: Eu entendi isto que você estava falando que no caso particular de vocês o trabalho dela é mais flexível, mas desde tua percepção, você acha que socialmente é mais natural que a mãe peça no trabalho sair para levar o filho no médico, como seria se o caso de vocês fosse o contrário, você tivesse mais flexibilidade que ela, será que também seria visto com tanta naturalidade?

P2: Para falar a verdade nunca pensei nisso. Mas acho que não, eu já tive que faltar por causa dele, aí quando me perguntam falo, faltei porque meu filho estava doente e não tinha ninguém para ficar com ele. Ela vinha faltando vários dias aí a gente combinou e eu faltei Não teve problema no trabalho, não sei se também ajudou que a chefia conhece a gente a muito tempo...mas eu iria a faltar do mesmo jeito, a prioridade para mim é ele. A gente vai combinando. Às vezes vem minha mãe...

E: Você acha que isso mudou de antigamente?

P2: Mudou, antes a mãe ficava em casa, não trabalhava.

E: Eu tenho escutado, queria saber o que você pensa que os pais estão muito mais presentes, afetivos mas que participam mais ainda de tarefas de lazer, o que você pensa?

P2: Para falar a verdade acho que os dois brincamos muito com ele, mas para sair sou mais eu, eu passeio mais com ele, levo na casa da avó, padrinho. Não é que é uma divisão, ela fica fazendo outras coisas, mas eu sou de sair mais, hoje já peguei ele fomos dar uma volta no quarteirão, brincamos. Ela se ocupa mais da organização das coisas dele. Mas não é algo que esteja dividido, se ela não está quem vai trocar a fralda dele sou eu

E: E se ela está?

P2: se ela está na maioria das vezes ela troca. Mas ela troca mas eu fico junto porque muitas vezes precisa de dois, mas quem troca mais é ela. Eu cuido mas a troca de fralda é mais com ela, não é que não tenha trocado já troquei muito mas agora está mais com ela, eu dou mais banho, foi ficando desse jeito.

E: como era na tua casa? Quem fazia o que?

P2: Eu na minha casa não fazia nada porque minha mãe não deixava fazer nada, era dessas mães antigas que fazia tudo, quando chegava em casa até a comida já estava no prato. Ela era dona de casa, era ela que fazia tudo, lavava cozinhava, passava, tudo. Meu pai só trabalhava fora, como ele é português, os dois são, ele gostava de fazer sopa no frio mas só. Em casa éramos 3 filhos.

E: Tinham os papéis bem diferenciados

P2: Sim

E: E como era o vínculo com teu pai?

P2: Eu teve muito problema com meu pai. Pelo que me contam, eu de criança dava muito trabalho, era muito levado, apanhava muito, então com meu pai era só bronca, batia muito em mim. Eu era mais aberto com minha mãe, não tinha contato com meu pai, ele era muito bravo, era muito distante afetivamente, não me lembro de nenhuma troca de carinho com ele. Eu conversava só com minha mãe, todo era com minha mãe com meu pai era difícil falar alguma coisa. Se eu ficava doente era minha mãe que cuidava. Quando tinha uns 20 anos eles se separam

E: Você falou que dava muito trabalho, mas você acha que com tuas irmãs era diferente?

P2: não, na verdade não

E: não sei se estou certa qualquer coisa me corrige, mas me deu a impressão que com teu filho você está tentando fazer bem diferente do que teu pai fez com você?

P2: Bem diferente, é bem consciente disso. Não quero ser igual a meu pai, sempre pensei isso.

E: Por que?

P2: Porque eu achava que meu pai não era bom para mim

E: o que você teria gostado de ter que não tinha?

P2: Conversa, não dava para conversar direito com ele. Ele era um bom trabalhador dessa parte não posso falar nada, mas para conversar não tinha assunto, por mais que tentasse não dava certo e ele jogava os problemas encima de mim, isso acho que pesou

bastante, a gente brigou muito. Na época que estavam se separando a gente evitava até de se encontrar, foi bem difícil

E: E como você está fazendo para ser um pai diferente?

P2: Eu tento ser muito afetivo, eu nunca teve isso com meu pai. Quando for maior ter mais conversa, ser mais presente do que meu pai era, compartilhar o dia a dia dele

E: Por que você acha que teu pai era assim? Você acha que era só teu pai ou os homens dessa época em geral?

P2: acho que foi a educação dele, meu avô o pai dele era muito bravo, hoje acho que a educação mudou

E: Você acha que mudou do que se espera dos homens hoje como pais?

P2: Hoje não se pode esperar que seja só um provedor, a pesar de ter homens assim acho que já são bem menos. Mas eu vejo que hoje é diferente, vejo no meus amigos também que hoje os homens ajudam a cuidar do filho. Acho que hoje não queremos ser só provedor, e não cuidava não conversava, acho que a maioria hoje não quer mais isso, quer estar mais perto do filho, da família

E: E você teve alguém que te ajudou a construir este modelo do que você gosta de ser como pai?

P2: não, eu não tive um modelo mas na verdade teve um modelo do que eu não gostaria de ser. Então eu estou fazendo na diferença

E: E vamos imaginar que o Ricardo cresceu, o que você acha que ele falaria do pai dele?

P2: Boa pergunta, mas é difícil, não sei que vai passar na cabeça dele porque por exemplo para mim estou fazendo o correto mas talvez isso não era a formação que ele queria ter...mas, gostaria que ele falasse que teve um paizão, um pai bom, que acompanho, um pai que está presente, que conversa, que está presente que compartilha a vida dele

E: Então você teve um modelo do qual procura fazer diferente

P2: Sim, graças a Deus porque eu ainda vejo alguns pais dos meus alunos o modelo antigo, alguns pais estão muito longe, e eu penso, não quero ser assim com meu filho

E: E você acha que o pai é o principal responsável de ser o provedor financeiro da família?

P2: não, hoje em dia acho que não, pelo que eu vejo e percebo, eu já falei para ela, se ela quiser ficar trabalhando e que eu fique em casa cuidando dele eu fico, de boa.

E: E se ela não quiser trabalhar?

P2: Ela pode ficar em casa, só que aí cai o padrão de vida, e então vamos a ter que pensar. Porque em casa os dois somos provedores, eu ganho um pouco mais que ela mas os dois salários são necessários para manter nosso padrão

E: E você falou agora que você procura ser diferente do teu pai, você acha que isso é você ou é algo que você também vê em outros homens da tua idade?

P2: Eu acho que mudou bastante, pelo menos os contatos que eu tenho, meu compadre, meus colegas de trabalho, mas eu acho que é uma mudança boa porque na maioria dos casais os dois trabalham

E: E você sente que o tempo que você tem para passar com ele é suficiente ou gostaria de ter mais?

P2: é uma pergunta complicada de responder. Mas eu acho que o tempo é a gente que faz, eu tenho que trabalhar e nesse tempo ele está na escolinha, quando chegamos em casa são algumas horas até ele dormir, mas o tempo que ficamos juntos e os finais de semana eu acho que é significativo, eu sinto que ele não sente falta. Eu tenho um horário bem fixo, deu meu horário e saiu, a gente está sempre junto, alguns pais que não tem horário no trabalho ou faz faculdade a noite chegam em casa e o filho está dormindo, com a gente não tem isso

E: E a mãe, você sente que ela sente falta de mais tempo?

P2: eu acho que ela é mais preocupada, mas acho que isso é algo dela. Ela é muito preocupada com tudo, eu sou mais...deixa achar a palavra...mais realista. Ela tem muito receio com ele, se apavora, eu sou mais calmo, falo “não é nada” mas esse é meu jeito de ser. Ela pensa muito nele, eu também mas ela pensa e se preocupa mais que eu

E: E você acha que isso tem a ver com que?

P2: não sei, acho que é o jeito dela, ela é assim, eu sou preocupado mas sou tranquilo, ela se apavora, chora mais, coisa de mulher, falam que mulher é assim mesmo, homem é mais tranquilo

E: Você acha que as mulheres podem se sentir mais pressionadas? É como que nunca se escuta falar que se algo acontece com um filho é culpa do pai, se fala muito “é culpa da mãe”

P2: nunca tinha pensado nisso, mas é verdade eu nunca escutei isso. Às vezes eu falo para ela que deixe comigo e ela é muito mais preocupada fala “não, ele tem que fazer isso, e isso”, outro dia ela falava que estava querendo emagrecer, eu falei para ela, arruma um horário para você que eu fico com Ricardo, que a gente divide, mas até agora ela não arrumou

E: E em relação a educação dele vocês conversam sobre isso?

P2: as vezes concorda, as vezes discorda, eu falo não e as vezes ela fala sim e o Ricardo já está esperto vai com a mãe. Eu acho que ele tem que saber o que pode e não pode fazer, mas a gente não discute

E: Tem alguma pergunta que não te fiz que você esperava ou gostaria que eu te fizesse?

P2: não sei

E: Ta bom, muito obrigada!

Entrevista M2 (Inês, 38 anos)

E: entrevistadora

M2 – mãe 2

E: Ter filhos era parte do que você queria para tua vida?

M2: acho que filho é um complemento importante, a gente vai tendo fases. Todo foi no seu momento, a gente namorou, depois casamos, fomos morar junto, A gente se estabeleceu financeiramente e chega uma hora que o casal acho que precisa experimentar um amor diferente.

E: E como você me descreveria o João como pai?

M2: ahh ele é ótimo como pai...

E: Te emociona.

M2: Muito, ele é carinhoso, está sempre aí, ele é um pai geral é pai que dá banho, da comida, troca fralda, fica sozinho. Quando eu voltei a trabalhar justo o João estava de férias e ficou com ele com prazer, eu vejo que para ele não é esforço, é prazer. Ele vestiu a camisa de pai, acho que é difícil hoje em dia. Ele faz porque gosta, não é obrigado. Eu gosto que ele seja assim, e acho que para a relação de pai e filho isso é muito importante

E: por que?

M2: Porque acho que antes por esse fato do pai ser o provedor, era uma relação distante, e era muito mais intensa a de mãe com o filho, e sinto que isso para eles faz bem ter essa relação também com o pai.

E:E como era na tua casa?

M2: eu sou a caçula de 5 irmãos, e eles tiveram 4 filhos bem seguidos e depois de 8 anos eu nasci, então eu fui muito mimada. E meu pai era muito carinhoso, nunca

apanhei dele. Meu pai era motorista e tínhamos uma vida muito difícil, mas meu pai era muito carinhoso, de beijar, abraçar, de estar junto, e minha mãe também trabalhava mas em casa, lavava roupa para fora, fazia tudo o que podia para ajudar com as despesas porque 5 filhos custa caro, e morávamos de aluguel então por n fatores dava muito trabalho.

E: Os dois trabalhavam só que tua mãe ficava em casa?

M2: sim era ela que cuidava dos filhos. Meu pai era do tipo “o que tua mãe falar está falado”. Minha mãe tinha uma autoridade muito grande encima dos filhos, ela é uma filha de italianos muito brava, muito certa, muito correta. E meu pai era um baiano apaixonado, nordestino é muito apaixonado, e minha mãe era a Deusa dele. Mas era uma relação muito família

E: E teu pai conversava com você? Que vocês gostavam de fazer juntos?

M2: Muito, conversava muito, ele gostava também de passear, de andar de bicicleta. Mas também por conta de ter 5 filhos meu pai trabalhava muito, não parava de final de semana, então nas horas vagas ele sim sentava, assistia TV junto. Meu pai era uma pessoa que não tinha estudo mas era extremamente carinhosa, de levar para comprar um doce, de levar a passear na praça, de ter prazer de ficar junto.

E: e você vê algumas dessas características no pai de teu filho?

M2: sim, vejo muitas. Ele é muito afetivo, preocupado, em saber como o filho está, quer participar. Ele que dá banho no menino, é um momento deles, eu vejo muito de meu pai nisso, meu pai era muito ouvinte. A diferença é que o João é muito mais ativo que meu pai era, é de tomar mais a iniciativa em algumas coisa, meu pai delegava mais coisas na minha mãe.

E: E como foi quando ele ficou sabendo que seria pai?

M2: ele ficou muito feliz. Eu acho que é um sonho de ter alguém que a gente possa formar.

E: Ele te acompanhou no pré-natal, no parto?

M2: sim ele acompanhou em todos, sempre esteve presente. Para mim foi muito importante a companhia dele. Porque minha mãe tinha falecido, e ele foi minha base

E: e ele tomou a Licencia de Paternidade?

M2: Sim, 5 dias.

E: você acha que precisava de mais tempo

M2: sim, eu acho que teria que ser pelo menos um mês. Porque é uma vida nova que chega, e todo muda

E: e como é o dia a dia de vocês? Como se dividem as tarefas e responsabilidades?

M2: ahh ele me ajuda muito, dividimos muito, ele faz mercado, ele dá janta, da banho em ele. Ele divide as responsabilidades, ele é meu companheiro, meu parceiro

E: E vocês dois trabalham o dia todo? Como se organizaram?

M2: dividimos bastante, ele vai na feira, vai no mercado, vai na farmácia. Eu faço as coisas na hora do almoço, é corrido, para depois ter também mais tempo livre. Mas ele me ajuda muito. Mas a divisão foi acontecendo, como ele mamava eu ficava um pouco mais em casa e ele começou a fazer as compras, hoje eu nem sei fazer mais mercado, eu dou a lista porque tem que ter um olhar feminino mas ele faz bastante

E: e com os cuidados do Ricardo?

M2: eu falo que fui mãe velha, então as vezes sou muito medrosa, preocupada com ele. O João é muito mais atirado nessa função de pai. Por exemplo e todas as situações, eu fico muito mais preocupada com o amanhã. Eu acho que o pai curte mais o momento, ele se preocupa, mas é mais inconsciente. Por exemplo, vai sair, eu já quero colocar uma toca e ele fala deixa, não está doente, e eu falo mas amanhã pode ficar doente. Eu vejo que como mãe sou muito mais preocupada em esses detalhes. É outro foco.

E: E que você acha que se espera dos homens hoje quando são pais?

M2: acho que se espera que sejam mais participativos. Além de provedor porque não é explicito ele ainda é o provedor, mas com mais funções, como ser amigo, companheiro, de ajudar, de ser educador, formador, já não é mais essa função do pai de pagar as contas e trazer comida para casa, hoje se espera que formem a criança. Se espera que ele seja uma “mãe de causa” que ele seja muito parecido com a mãe que goste, que de carinho, que faça as atividades, que se preocupe, isso se espera do pai.

E: Eu tenho escutado que os pais hoje estão mais presentes, só que algumas pessoas vem que eles estão mais participativos no lazer e não tanto ainda nos cuidados cotidianos o que você acha disso?

M2: Eu não sinto isso em meu caso, eu vejo ele bem comprometido. De levantar-se para dar remédio, de levar no médico, ele é muito ligado em tudo. Em outros pais pode ser, eu tenho percebido que estão mais envolvidos mas na hora do “vamos ver” deixam com a mãe

E: E que você acha que colabora no caso de vocês dois para que isso seja assim?

M2: pergunta difícil...a gente acho que se gosta muito, somos já bastante maduros. E ele não é machista, ele não fala “isso é de mulher”, para ele é responsabilidades dos dois.

E: você acha que se você não trabalhasse seria assim também?

M2: acho que seria...porque eu estando ou não estando aqui ele sempre tem essa conduta, ele é de ir fazer eu não preciso mandar. E quando fica sozinho com a criança ele faz a mesma coisa.

E: E se você pudesse deixaria de trabalhar?

M2: acho que sim, porque deixo na escola o dia todo, e as vezes um dia chove, ou está frio, ou está doente e fica o dia inteiro fora sendo tão pequeno, eu fico com dor no coração. Se eu pudesse, no sentido de mãe, eu não iria a trabalhar, pelo menos esse dia. Porque como mulher acho importante trabalhar, porque preciso ser eu, antes de ser mãe, ser esposa sou eu, sou a Inês, então eu acho que tenho que ter meu papel.

E: Você sente falta de algumas leis que permitam um pouco mais de flexibilidade em pais de crianças pequenas?

M2: sim, muito.

E: Você acha que o pai também fica com essa dor no coração e pensa em deixar de trabalhar?

M2: acho que também.

E: E você acha que isso é geral para outros homens?

M2: não, acho que tem homem que nem pensa, não é função dele, para muitos é sua função ir a trabalhar.

E: E você acha que os homens são os principais responsáveis por prover financeiramente a família?

M2: não, não acredito, na minha família hoje ele ganha mais do que eu, então ele paga mais coisas que eu, mas não acho que ele tenha que ganhar mais nem pagar mais. Mas tem outras famílias que as mulheres estão sendo provedoras. Mas a mulher hoje tem uma dupla função de mãe e profissional, mas acho que mudou bastante, hoje tem mulher que trabalha e o pai fica em casa cuidando dos filhos. A sociedade mudou muito nos últimos anos e o papel antigo já não se enquadra mais

E: Quais são as mudanças que você vê?

M2: antes o pai era o chefe da casa, o dia a dia era com a mãe. E hoje os dois trabalhamos, a gente quer dar um futuro bom, um futuro melhor. E um pai que chega e não dá carinho acho que não cabe nesse mundo.

E: e quando o Ricardo crescer, que você gostaria que ele falasse do pai dele?

M2: eu acho que falasse que foi o exemplo, bom pai, boa pessoa. Gostaria que tenha orgulho do pai

E: E que você acha que o João está fazendo para ser esse exemplo?

M2: Eu acho que está no caminho certo, está presente, está construindo o vínculo. Está no caminho certo.

E: Muito obrigada

Entrevista P2 e M2

E: Bom para terminar eu queria perguntar para você Inês como acha que ele se descreveu como pai e para você João como acha que ela te descreveu como pai?

P2: Eu acho que ela me descreveu como aquilo que eu sou mesmo, aquilo que eu te falei um bom pai, cuidadoso, que participo, ajudo

M2: Carinhoso

E: Você acha que ela gosta disso?

P2: ahh claro (rsrs)

E: Você acha que ela espera alguma outra coisa de você?

P2: Boa pergunta, pergunta para ela

E: não, quero saber o que você acha, depois perguntamos para ela

P2: acho que não, acho que se tivesse ela falaria para mim

E: E você Inês

M2: acho que ele falou que ele é carinhoso, preocupado, companheiro, que ele é meu parceiro, ele é parceiro do filho dele.

P2: Combinamos antes (rsrs)

E: E vocês como casal, como se sentem depois da chegada do Ricardo

M2: O casamento muda, eu acho que a gente ficou mais companheiro

P2: Acho que é isso mesmo, acho que tem que diminuir algumas coisas, reacomodar os tempos como eu te falei antes eu jogava futebol de quarta, sexta, sábado hoje eu acho que fazemos mais coisas juntos, porque a casa começa a girar em torno dele.

E: Tá bom, muito obrigada aos dois.

CASAL 3

Entrevista P3 (Ivan, 34 anos)

E: Entrevistadora

P3: pai 3

E: como vocês se conheceram?

P3: Temos um amigo em comum, e em uma ocasião a gente se conheceu, e aí começamos namorar e aí virou casamento, estamos com 8 anos de casados e namoramos uns 7 anos, um bom tempo.

E: Ter filho fazia parte de teus planos? Alguma vez imaginou em isso?

P3: acho que faz parte de uma evolução natural, acho que sabíamos que em algum momento teríamos filhos, acho que quando casamos isso se tornou mais claro. Eu acho que casamento é um plano a longo prazo, é uma decisão tomada onde as pessoas tem que ter uma série de objetivos em comum, mas não era algo programado, fazia parte do projeto de vida. E quando o começamos a planejar a Viviane tinha um problema que era endometiorse, ela se tratou adequadamente para estar bem para o momento em que nós decidíssemos ter um filho e deu tudo certo

E: Vocês planejaram a chegada do Leo?

P3: De certa maneira sim. Acho que acabamos executando um certo planejamento. Ela começou a se tratar e aí primeiro trocamos o apartamento, trocamos o carro e a Viviane queria muito fazer uma viagem para Itália, era o sonho dela e na verdade estava planejando a viagem quando soube que estava grávida. Eu estava voltando de uma viagem de trabalho, aí estava esperando o taxi no aeroporto e ela m e ligou, aí me perguntou como estava, tudo bom e disse bom, então antes de chegar em casa passa pela farmácia para comprar um pacote de fraldas para teu filho que de aqui a 9 meses vai nascer. Aí as pernas começaram a tremer...foi uma felicidade que não tem como explicar. Porque a gente estava querendo mas pelo problema dela pensávamos que ia demorar um pouco mais, mas foi muito bom, e deu tudo certo.

E: Se você tivesse que me descrever com algumas palavras de que isso representou para você?

P3: Ser pai para mim representou que vou deixar minha marca depois que eu for. Da mesma forma que meu pai, minha mãe me passaram valores, eu tinha obrigação de

passar valores para uma outra pessoa para deixar minha marca, a marca da família. Eu quero deixar o melhor para o mundo e eu quero que meu filho seja melhor da mesma forma que meu pai desejo que eu fosse melhor que ele, é uma questão de evolução, de perpetuação. E também é você canalizar um amor que até então você não conhece, que eu acho que você só acaba conhecendo quando você tem. Então eu sabia que procurar um amor diferente, que não é um amor de eu como filho, de eu como marido, de eu como amigo. Eu acho que como o pai você represente o norte, o caminho da retidão para alguém.

E: E você teve dúvidas, preocupações?

P3: Para mim foi uma mudança muito grande. A primeira é que eu acho que agora sou uma pessoa extremamente forte, não é qualquer coisinha que me derruba. A entrada dele também fez que a gente virasse uma família. Agora sou a base de uma esposa e de um filho, e nos 3 somos a união que gera essa família, e eu não posso me abater, até porque ele é uma pessoa indefesa, eu não posso. E segundo, algo que eu já tinha como valor mas foi reforçado...deixa tentar te explicar...eu acho que quando uma pessoa segue o caminho da retidão, dificilmente vai encontrar problemas, flui. Então você pode ter dúvidas, preocupações, angustias, mas se você seguir o caminho que você acredita, você não vai fugir da sua dúvida mas se você é uma pessoa reta você não traz problema para tua casa. E como eu defendo esta família ante qualquer coisa, se antes eu já não era uma pessoa que fazia coisas erradas, agora penso muito mais “eu vou colocar minha casa, minha família, meu filho em perigo por um desejo”, nem pensar, menos ainda. Então acho que tudo isso faz parte de uma transformação. Acho que sem o Leo tudo isso aconteceria, mas com ele isso se potencializou. Eu não me lembro de ter tido uma dúvida ou preocupação específica, eu acho que trocar fraldas, brincar, ter que ajudar, cuidar, ser responsável por isso nunca me abateu, para mim era como natural. O que foi mais difícil é que desde que nasceu até os 2 anos ele teve muitas crise de bronquites, ficava doente, e isso me deixava muito preocupado, e eu nunca tinha sentido esse tipo de preocupação, de certo, para isso eu não estava preparado. Com a Viviane sempre tivemos muita independência, nunca fomos de ficar ligando para saber onde está, que está fazendo, cada um tocava a vida, mas com o Leo, eu tive esse sentimento de ligar preocupado para saber o que estava fazendo, se estava comendo, para isso sim, eu acho que não estava preparado

E: Que mudanças trouxe para tua vida?

P3: Eu viajava muito por trabalho, até 10 meses atrás eu viajava muito, ao ponto de todo mês ficar pelo menos uma semana fora de casa. Chegar tarde, ter rotinas de trabalho de fim de semana, eu sempre fui um cara que trabalhou de mais. Isso é algo que mudou, o Leo me doutrinou a trabalhar menos. A Viviane já me cobrava isso antes dele nascer. Agora há uns meses mudei de área na empresa e estou bem melhor, antes viajava muito, o celular podia tocar a qualquer hora. Mas eu também acho que eu a partir dessas cobranças eu comecei a planejar melhor no trabalho, me planejo para entrar e sair num horário. Antes não era assim. Acho que também me ajudou começar a fazer terapia, junto com as cobranças de Viviane, eu sempre fui muito participativo, ajudava, mas ela me cobrava estar presente, compartilhar tempo, ter disponibilidade, não de fazer coisas

E: E quando ele tinha as crises de bronquite como era?

P3: A gente passava sem dormir juntos, a gente nunca deixou um sem o outro. Meu sogro e minha sogra são dois pessoas que nos ajudam de mais, isso foi formando uma rede. A Viviane o ano passado viajou por trabalho uma semana, e eu dormi na casa de meus sogros

E: Por que motivos?

P3: Porque eu tinha alguns compromissos de trabalho. Então para facilitar eles buscavam o Leo e iam adiantando o banho essas coisas, para facilitar a logística. Dentro dessa rede de assistência, nos ajuda de mais. A mulher hoje trabalha de uma maneira que antes não trabalhava então sem eles seria muito difícil. Minha mãe assim como a mãe da Viviane sempre trabalharam, e elas sempre entenderam isso que a mulher tinha que trabalhar. Mas hoje o problema é encontrar uma pessoa de confiança. Por exemplo na minha casa trabalhou uma pessoa por 25 anos. Hoje a Viviane se cobra para ser mãe, esposa, profissional...

E: E você como homem também se faz esse tipo de cobrança?

P3: Eu fazia mas não especialmente, eu me cobrava coisas mas acho que de mim mesmo, não surgiu por conta da paternidade, eu sempre me cobrei ser o melhor profissional...profissionalmente me cobrava que tudo desse certo, mas hoje acabei me acalmando.

E: Como você se imaginava que seria como pai?

P3: Eu imaginava que eu brincaria muito mais, não porque não brinco se não que eu acabei me cobrando tanto pelo cuidado das coisas básicas que eu não imaginava que seria tão presente nesse item,

E: Em que coisas?

P3: Trocar fralda, dar comida...não é que eu não me imaginava, o que eu não imaginava é que eu seria capaz de fazer

E: Por que?

P3: Por que eu acho que a mulher tem um dom maternal de cuidar do filho, mas acabei vendo que o negócio não é bem assim. Eu sou uma pessoa que pega as coisas para fazer, eu sou uma pessoa que participo, vou lá e faço

E: E para você como é fazer essas coisas? As vezes você se cansa?

P3: Eu tenho cansaço físico, que é normal, mas não me aborreço de fazer essas coisas. As vezes penso que Viviane poderia ajudar mais aqui, mas é normal num casal

E: E como vocês fazem para dividir as tarefas?

P3: A gente tenta muito consensuar. Eu como engenheiro sou uma pessoa extremamente cartesiana, se tivesse uma lista de que você faz e eu faço seria ótimo, mas não é assim. Mas tentamos nos organizar.

E: Como fazem isso?

P3: Por exemplo, se um dia está difícil para ela levar o Leo eu falo, calma, eu levo, me acomodo, vamos conversando. O bom de combinar com ela é que ela é muito direta, “vamos fazer assim...”. Nossa divisão de tarefas vai muito pelo “que te facilita” “que te atrapalha” e chegamos a um consenso. Eu prefiro ceder sempre. Mas tentamos nos dividir de uma maneira muito tranquila

E: Me conta como é o dia a dia de vocês?

P3: Eu acordo umas 5:40, eu já deixo o dia anterior minhas coisas e as do Leo arrumadas. Deixo a cafeteira e a mesa do café pronta. Eu gosto de acordar cedo, preciso de tempo de manhã. Geralmente Viviane acordam mais tarde. Aí tomamos café junto, aí umas 6:15 saímos e eu deixo o Leo na casa de meus sogros, levo ele meio dormindo. De manhã fica na casa de meus sogros e a tarde vai para escola, aí o meu sogro busca na escola e a Viviane encontra eles e voltam para casa, eu volto do trabalho direto para casa. Quando chegamos em casa a Viviane faz o jantar, aí eu geralmente dou banho no Leo, troco a roupinha dele, mas não tem muita ordem, as vezes ela dá, eu faço outra coisa. Jantamos e ficamos juntos, brincamos, assistimos TV e vamos dormir. Todas as segundas feiras ele tem lição de casa que tem que apresentar na terça e geralmente a mãe que faz com ele, porque ela gosta mais, tem mais jeito, as vezes enquanto ela faz o jantar eu ajudo, mas geralmente ela faz mais. Eu geralmente confiro a mala dele. De sexta feira como o trânsito é muito ruim ele faz natação, Viviane que leva. Para mim é mais complicado sair num horário fixo do trabalho. A Viviane sai as 17hs. O meu

trabalho em teoria é das 8 às 18hs. Agora estou me doutrinando para sair as 6, estou aos poucos conseguindo, antes não era assim

E: E o final de semana?

P3: Eu geralmente acordo mais cedo que eles, preparo o café, tomamos café juntos. Se temos que fazer alguma coisa saímos para fazer juntos, geralmente vamos para o cinema, ou almoçamos na avó de Viviane, de domingo agora que mudamos para a casa estamos recebendo a família aqui em nossa casa, e alguma vez saímos para fazer alguma coisa junto. Antes íamos muito a parques porque no apartamento não tínhamos muito espaço, agora no condomínio ficamos mais aqui mesmo

E: Tem alguém que ajuda com as coisas da casa?

P3: Temos uma diarista que vem 3 vezes por semana, faz a limpeza e passa roupa. A noite colocamos a lava-louça. Geralmente Viviane que faz compra durante semana, as vezes o final de semana

E: Você participou do parto?

P3: Sim, como te falei eu sempre fui uma pessoa que vai e faz e nesse momento foi muito engraçado porque me sentia muito perdido, não sabia dar nó no negócio...m Mas deu tudo certo. Uma das coisas que mais me marcou é que depois que eles fazem os exames iniciais, a enfermeira me falou “Sr. sua esposa carregou ele por 9 meses mas quem vai dar o 1º passeio é você” aí eu peguei nos braços e fui mostrar ele para os avós..foi um momento muito marcante...

E: Te emociona?

P3: ahh sim

E: Você teve a Licença de Paternidade

P3: Uma semana. A Viviane ficou 4 meses e médio de licença

E: Você queria ficar mais tempo?

P3: Queria. Porque logo que o Leo nasceu, a Viviane passou por um trauma muito grande, o Leo nasceu o 10 de novembro, e a irmã dela casou dia 15 de novembro e ela não conseguiu ir e ficou muito triste, e também porque ela estava com dificuldade de amamentar, e eu queria ajudá-la queria estar junto. Além da criança ser muito frágil eu queria estar muito com ela. Aí eu ligava.

E: Para você era natural voltar ao trabalho?

P3: era. Para mim foi tranquilo. O único que me preocupava era a amamentação. Mas achava que tinha que ser assim. Eu acho que para a mulher é mais complicado, sofre mais

E: Por que?

P3: Porque a mulher tem um laço com a criança de 9 meses que o homem por mais que ele acompanhe não tem. Não sente crescer dentro do próprio corpo, o laço da amamentação só mulher vive.

E: E como você é como pai?

P3: Eu sou muito afetivo. Nunca, por mais que é difícil falar nunca, acho que nunca vou bater em ele. Sou partidário de conversar com ele. Gosta de beijar ele, de elogiar pelo que faz de correto. Acho que a criança te faz expressar um amor diferente. Eu tento ser sempre muito coerente com as coisas que eu faço com ele. Eu não deixo de falar que amo ele nem um segundo, toda vez que eu faço uma coisa é isso. Eu gosto de brincar, elogiar mas também de repreender porque tenho que educar meu filho. Mas eu me preocupo mais com o Leo ser uma pessoa feliz.

E: E você acha que o pai é o principal responsável de prover a família?

P3: Eu me cobro de prover para minha família. Mas não que seja responsável só do pai.

E: Como era na tua casa?

P3: o meu pai e minha mãe são pessoas criadas de maneira muito distinta, onde minha avó materna era a típica dona de casa e meu avô materno o provedor, minha avó era muito enérgica e meu avó muito conciliador e minha mãe é uma pessoa muito firme, decidida. E meu pai foi criado por uma pessoa extremamente bruta e meu pai é uma pessoa muito bruta, então eu apanhava por tudo, por lição de casa, por tudo. Em contrapartida, eu acho que o modo deles de mostrar e exigir respeito era pela força, mas hoje como filho eu vejo que o que meu pai e minha mãe faziam, mesmo quando me batiam, era o melhor que eles podiam me dar, foi assim que eles foram educados. Mas vendo a quantidade de trauma que isso me gerou, eu sinto que não posso fazer isso com meu filho. Eu tenho que mostrar para ele outro caminho. Então com meu filho eu me cobro ser muito coerente

E: Quem era mais duro com você, teu pai ou tua mãe?

P3: meu pai, minha mãe não aliviava mas era mais calma

E: e você falou que tua mãe trabalhava, quem cuidava das coisas da casa?

P3: Nós tínhamos uma pessoa que trabalhava direto em casa. Eu a tenho como uma segunda mãe. Tenho contato com ela até hoje, dou presente dos dia das mães. Ela me buscou na maternidade, me cuidou.

E: Teu pai conversava com você, te cuidava?

P3: de certa maneira, acho que isso foi aumentando quando me tornei adulto. Eu acho que meu pai baixou um pouco a guarda depois de um tempo quando percebeu que estava dando tudo certo, quando eu fui crescendo. Acho que se tornou uma pessoa mais amável, que expressa mais os sentimentos. Então começamos a dialogar de outra maneira. Os grandes conselhos deles foram quando eu era adulto. Quando eu era criança era mais minha mãe. Meu pai intervia de uma maneira mais incisiva que educativa, eu me lembro de intervenção mais educativas já mais de adulto.

E: E você acha que o vínculo com teu filho é muito diferente do que você tinha com teu pai?

P3: Sim. Acho que meu pai se cobrava ser o provedor. E eu vejo hoje que filho consome energia e como eu tinha dois irmãos ele tinha que dividir o tempo com os três. E ele era muito enérgico, eu com meu filho tento ser uma pessoa mais coerente, eu sou muito mais orientador

E: E você acha que hoje se espera dos homens que estão sendo pais, se espera o que?

P3: Eu acho que depende muito de cada pessoa. Não sei, por exemplo meu cunhado não é um cara que faz as coisas que eu faço. O que eu acho que um homem não pode deixar de fazer é ajudar a família. Quando eu ajudo Viviane é por meu filho também. O que eu vejo em colegas é que algo muito masculino é que o homem quer ter o momento dele, só que eu acho que o homem as vezes não se dedica a família, nas mínimas coisas sua família precisa atenção, desde colocar uma mesa, chegar mais cedo, estar presente, que é melhor as vezes ceder em algumas coisas. Eu vejo que eu balancei muito o tempo para mim e o tempo para minha família. Eu acho que são possíveis conciliar momentos para descansar minha mente

E: Se tua esposa chegasse e falasse que quer deixar de trabalhar, como você reagiria a isso?

P3: Eu daria força, inclusive ela já deu alguns desses sinais, mas eu apoio essa decisão. O que me preocupa é que eu acho que ela tem que ter uma preocupação mental, não é pelo dinheiro é pela ocupação em alguma coisa. Só que eu acho o seguinte, a Viviane é uma pessoa que se cobra muito pelo trabalho, é uma pessoa que tenta fazer sempre o melhor possível e se não consegue ela se cobra e isso acontece muito numa empresa, isso acaba trazendo para casa, isso nos atrapalha em alguns momentos, então eu falo se é para ser assim é melhor não trabalhar. Você vindo para casa e trazendo mais harmonia você nos ajuda. Se ela tomar realmente essa decisão eu vou perguntar “você quer fazer realmente isso” “que você vai fazer” o que eu não quero é que ela fique parada, tenha

um objetivo. Se o objetivo é o Leo em parte me preocupa porque ele está crescendo e aí, como é que vai ser dentro de um tempo.

E: E você pensou em algum momento deixar de trabalhar?

P3: Eu acho um pouco difícil, eu não vejo que Viviane chegasse com essa proposta, mas vamos a imaginar que por algum motivo isso acontecesse eu acho que não deixaria. Eu tenho agora sim algumas ideias de trabalho autônomo que seria mais em casa, que para mim seria mais conciliador com isso.

E: E em relação a educação e cuidado Leo como vocês negociam isso?

P3: a gente concorda em grande parte. A Viviane pensa um pouco mais com a emoção e eu com a razão. Acho que isso se completa, mas a gente pensa de maneira muito alinhada. O que eu acho que a Viviane as vezes tem é que ela é muito apavorada, muito assustada, isso é dela, acho que tem a ver com como ela foi criada, ela tem mais apego com o filho, se o Leo tropeça ela já sai gritando “ahh machucou”, eu sou mais tranquilo, acho que as vezes você assusta o menino com tua reação. Tirando esse jeito diferente o restante a gente concorda na maioria das coisas

E: E vamos a imaginar que o Leo cresceu e alguém pergunta como é teu pai? O que você acha que ele responderia?

P3: Meu pai é uma pessoa alegre. Presente em casa, as vezes trabalha um pouco a mais e uma pessoa coerente com o que faz. Talvez vai ter alguns problemas comigo que eu não sei se consigo expressar mas acho que em essa linha.

E: Que você gostaria que ele lembrasse das coisas que fazia com você? No futuro o que ele poderia falar, com meu pai eu....

P3: Eu sempre brinco muito com ele de carrinho e as vezes de luta, eu gostaria que ele lembrasse desses momentos, e dos jogos de futebol que vejo com ele. Esses são momentos só de mim e dele.

E: bom, te agradeço muito

Entrevista M3 (Viviane, 36 anos)

E: entrevistadora

M3: mãe 3

E: Ter filhos fazia parte de teus planos?

M3: Fazia, sempre quis ser mãe. Gosto de criança, sempre me dei bem com crianças. Adorava. E ele também, então a gente se planejou para a chegada do Leo, mas a gente sempre quis muito, foi algo decidido entre os dois. E aconteceu bem rápido. O Ivan foi muito parceiro comigo porque a endometriose pode causar infertilidade e quando descobri que eu tinha me abalou muito porque era meu sonho ser mãe, e a gente já estava de casamento marcado então ia ser uma mega frustração, então cheguei para ele e falei para ele ficar à vontade “se você quiser ser pai esteja livre, porque tal vez eu não possa gerar um filho” acho que isso para mim era muito forte, acho que mais para mim que para ele, mas ele foi muito tranquilo falou Viviane, relaxa, a gente adota, isso não é motivo para não ser pai e mãe. Então era algo que fazia parte de nossos planos

E: E como foi quando o projeto começou a se tornar realidade?

M3: Ele desde o início da gravidez participou muito, ia nas consultas comigo, no ultrassom ele chegou ir 90% algumas não conseguiu porque estava viajando por trabalho. Então o Ivan participou do início ao fim, ele se preocupava, ia junto, queria saber. Eu tive uma gravidez muito tranquila, mas no final quando já estava para sair de licença maternidade apareceu-me um cisto no rim, o Ivan despencou de onde ele estava, meu pai me levou no médico porque estava mais perto mas ele veio voando, deixou tudo, dormiu comigo no hospital. Então ele teve muitos cuidados comigo.

E: E como você se imaginava que ele seria como pai?

M3: eu não tinha ideia, pelo que eu tinha visto durante a gravidez achava que ele seria uma pessoa bem participativa, mas a realidade superou as expectativas, não esperava tanto, não por ele se não por ele ser homem. Então o primeiro banho quem deu foi ele, tomou a iniciativa, já trocou a fralda, me ajudou, eu achava que ele até que faria, não é que eu achava que não ia fazer, mas assim tão rápido, tão natural me surpreendeu. Tem coisas que eu achava que só mulher faz isso mas não, ele aprendeu e ele fez e não porque alguém cobrava, foi porque ele queria. É um marido e paizão. Isso me deu muita tranquilidade, porque é um momento que dá muita insegurança. Eu sinto que os dois fomos aprendendo juntos.

E: E agora o Leo já está com 5 anos, a participação dele foi mudando ao longo do tempo?

M3: Eu acho que se ele não pode estar tão presente é por alguma questão de trabalho, que ele viaja bastante, mas se ele está participa muito, por exemplo as reuniões de pais em geral vamos os dois juntos, então ele participa de todos os eventos da escola e ele gosta, eu não tenho que obrigar ele vai. Pediatra, talvez agora ele está delegando mais

para mim mas ele antes ia a todas as consultas, acho que agora ele se sente mais seguro, ele em geral é mais tranquilo eu sou muito mais preocupada com o Leo, mais neurótica. Ele ajuda a fazer a lição da escola, ele prepara a mala do Leo, ele ultimamente é quem dá mais banho em ele enquanto eu faço o jantar ele mesmo toma a iniciativa, não preciso andar falando.

E: você gosta da participação dele?

M3: Gosto, porque a gente trabalha para caramba, e o cuidado, o dia a dia é algo trabalhoso.

E: E que você acha que significou para ele se tornar pai?

M3: Ele mudou muito, principalmente na parte profissional. O Ivan é uma pessoa muito ambiciosa, ele almejava um cargo na empresa e para isso se dedicava muito, viajava muito, a partir do momento que o Leo nasceu, ele mudou, as viagens começaram a reduzir, e também o tempo delas, antes ele ficava 2,3 semanas fora, depois do Leo era uma semana no máximo e as vezes fazia umas loucuras para poder voltar antes e ele falava que queria voltar. Eu acho que hoje ele entende que ele é um bom profissional, ele se dedica ao trabalho dele mas ele também quer ter qualidade de vida com o filho, ele quer participar, então agora ele se polícia mais com o celular porque quer estar o final de semana com ele, antes não tinha horário estávamos jantando e ele atendia o celular ou estávamos numa festa e ele saía para atender o celular, hoje ele não está fazendo mais isso. Agora ele até já programou o celular para desligar a tal hora e só ligar novamente no dia seguinte.

E: E tua vida mudou muito depois de ser mãe?

M3: Muito, completamente. Mudou meu olhar para certas coisas. Eu fiquei no trabalho muito mais produtiva, porque eu quero sair no horário para estar em casa, antes eu não me policiava tanto porque eu podia ficar até um pouco mais tarde; Hoje tento sair no horário porque sei que o Leo me espera, por mais que meus pais me ajudem muito entendendo que a responsabilidade é minha, o filho é meu e eu quero estar com ele. Mas assim como fiquei mais produtiva também fiquei menos tolerante com alguns comportamentos, penso “tenho meu filho em casa me esperando e tem que conviver com este tipo de pessoas” fiquei mais crítica. Também mais medrosa, mais preocupada em querer escolher o melhor para ele.

E: E como vocês dividem um pouco as tarefas e responsabilidades?

M3: Eu fico mais com as coisas de cozinha e roupa porque ele não sabe cozinhar, ele chega me ajudar mas...ele faz mais as compras e fica mais cuidando do Leo, da banho,

cuida das coisas da escola. Cuida mais da administração da casa, das finanças, e eu com as outras coisas da casa. Mas é uma rotina pesada, não vou negar que fico cansada, cuidar das coisas do Leo da trabalho e eu graças a Deus tenho o Ivan que me ajuda, não sei como fazem as mulheres que não tem ninguém. Mas a gente divide bastante naturalmente existe uma regra em geral quem está menos apertado vai no mercado.

E: E tem coisas que você pede ajuda para ele?

M3: Às vezes peço, para ir mais rápido, porque eu tenho uma empregada três vezes por semana, e não quero mais tempo, então algumas coisas se eu for fazer sozinha demora muito, então se eu estou lavando roupa ele vem e me ajuda a pôr no varal, mais para otimizar o tempo. O jantar em geral eu faço sozinha eu se eu estou com muitas coisas ele mesmo toma a iniciativa de trazer alguma coisa

E: E quando o Leo fica doente como vocês se organizam?

M3: normalmente acaba ficando com meus pais, mas tem momentos que a gente dividiu, que eu fiquei, outros momentos que ele ficou.

E: E como vocês chegam a um acordo em essa divisão?

M3: conversando. A noite é muito interessante, porque se o Leo estiver doente o Ivan fica muito mais ligado, ele acorda mais fácil que eu, ele vai ver o Leo, fica com o termômetro. Eu preciso dormir um pouco, ele consegue levantar mais fácil, então vai ver se ele está coberto. Então ele levanta mais durante a noite. Eu geralmente sou mais preocupada, teve um dia que eu tive que trabalhar no sábado, e o Ivan ficou cuidando do Leo e eu fiz tudo correndo para chegar para almoçar com eles, e cheguei para almoçar e eles tinham saído não sei para onde, aí eu liguei e falei “Ivan...o horário do almoço do Leo!”, ele não é preocupado com essas coisas. Mas eu fiquei brava, super brava, até conversar com minha psicóloga e ela me falou, “Viviane, o Ivan é pai do Leo, ele tem autonomia para achar o que está certo e o que está errado”. E é verdade, acho que lá no fundo a gente também é um pouco machista “o filho é meu” “o horário do almoço é esse” mas o filho também é dele. Então eu vejo que em certas coisas a gente também está muito pressa a um modelo antigo

E: Se você pudesse deixar de trabalhar deixaria?

M3: Sim. Eu estou num momento da minha carreira e da minha vida que entendi que é difícil a mãe ser uma boa executiva ou uma boa executiva ser uma boa mãe, não se encaixa na mesma pessoa, porque as crianças exigem muito da gente, exige atenção, e eu quero ser mãe, não ser mãe de fachada. Minha mãe também sempre trabalhou mas ela tinha uma rotina diferente, e a vida era diferente, ela conseguia as vezes estar na

minha casa. Hoje por qualquer motivo que precise despencar para a escola do Leo no mínimo eu levo 40 minutos, então em nossa rotina atual de vida urbana você perde muito tempo no trânsito. E hoje nas empresas não é fácil achar flexibilidade.

E: Você acha que faltam leis ou medidas públicas que promovam mais flexibilidade?

M3: Falta sim, eu tenho uma colega que é da Lituânia e trabalhava em Luxemburgo, a licença maternidade é de quase dois anos. Aqui não só não têm leis se não que também as pessoas são preconceituosas, principalmente chefe homem, porque a partir do momento que você tem um filho eles acham que você não é capaz porque agora tem teu filho, que você não vai trabalhar no mesmo ritmo de alguém que não tem filho. Até recentemente eu recusei uma proposta de trabalho, que financeiramente era muito boa, me resolvia muitos problemas, mas a primeira pergunta que eu fiz foi “qual é o horário de entrada e o horário de saída” eles falaram “horário de entrada você tem, mas de saída não”, essa foi a resposta. E no dia seguinte falei que não me servia seu emprego, eu tinha passado na seleção, o cara queria que eu assinasse o contrato na hora mas eu falei que ia conversar com meu marido que com ele decidia as coisas. Eu e o Ivan conversamos muito, não tomamos decisões que interferem em nossa família. Então conversando com ele falei, eu vou recorrer por isso. Porque eu sei que no trabalho eu não tiro o pé do acelerador, e aí eu sei que o Leo vai precisar, então foi melhor nem entrar. E essa decisão de parar de trabalhar está muito forte na minha cabeça, porque a pesar de que eu tenha passado um pouco do tempo porque o Leo hoje está com 5 anos, acho que ele vai precisar de mim, com lição da escola ou com outras coisas que a gente sabe que vão vir e se eu estou trabalhando nem que uma doida não vou ter tempo para olhar para meu filho, para ver o que está acontecendo com ele, que está acontecendo na escola e por isso é uma decisão que eu e o Ivan já tomamos, então estou me planejando para de aqui a um tempo parar de trabalhar.

E: Se o trabalho te desse mais flexibilidade...

M3: Eu continuaria. Eu gosto da minha profissão mas minha profissão não permite isso, então estou pensando até em mudar de profissão, de área. Porque hoje sei que quando ele está na escola eu posso fazer alguma coisa, porque eu tenho medo de parar totalmente e o Leo tiver 18 anos falar tchau mãe e eu que vou fazer o que. Se eu tivesse mais flexibilidade para harmonizar com meu trabalho eu não pararia

E: E você estava falando agora que não só é uma questão de lei se não que também existe um preconceito, como que as pessoas te olham diferente se você sai no horário ou

acham que por ser mãe agora tua produtividade vai cair, você acha que quando o homem é pai também sofre esse preconceito?

M3: Nunca, não vejo isso. No vejo que mude em nada a vida deles nesse sentido. A sociedade não cobra isso

E: entendi, mas você também falou que com o Ivan depois que o Leo nasceu ele teve uma grande mudança no trabalho, ele se polícia mais, tenta viajar menos, programa o celular para desligar...

M3: sim, mas se ele precisar ficar um dia mais no trabalho para ele é mais tranquilo que para mim, ele fica. Eu não consigo, eu fico com mais culpa, ele não. Essa é uma diferença. Ele me liga só para avisar que vai chegar mais tarde

E: E conta com que você vai cuidar do filho

M3: Exatamente. Quando eu preciso ele fica, caso tenha alguma auditoria ou uma reunião eu aviso e sem problema. O ano passado teve que viajar por trabalho, fiquei 7 dias fora

E: foi nessa viagem que ele mudou para a casa de teus pais?

M3: Foi, mas ele ficou numa boa, ele se programou no trabalho. Mas eu me sinto mais culpada

E: E da Licencia paternidade o que você acha? Foi suficiente o tempo para você?

M3: Eu acho que precisa mais, por exemplo eu fiz cesárea, demora em recuperar e depois dessa primer semana, a noite que ele estava em casa ele levantava pegava o Leo, dava para eu amamentar e devolvia, e no dia seguinte ele ia trabalhar, coitado

E: E como era o vínculo com teu pai?

M3: Meu pai foi bem participativo pelo contexto, só que ele não tinha essa coisa de trocar a gente, agora como avô, com o Leo desde pequenininho ele troca a fralda. E quando eu falo ele diz que a gente era meninas (somos em 3 irmãs) então que ele não podia mexer, então entendo que na época era muito forte de menina minha mãe e minha avó tinham que cuidar. Ou da escola, era minha mãe que ia, meu pai não faltava no trabalho. Minha mãe também trabalhava mas minha mãe sempre faltava, era ela que ia na escola, levava no médico. Meu pai queria o resultado, queria o boletim, ele cobrava notas, desempenho. Mas era um pai carinhoso, afetivo mas no cuidado ele não mexia. Ele era o provedor. Eu lembro bem que quando estava doente era minha mãe que ficava embora toda noite meu pai cobria a gente, passava para perguntar se estava tudo bem

E: E você vê características de teu pai no Ivan?

M3: para mim é muito diferente. O Ivan entende que ele quer participar, e que está me ajudando, meu pai acho que pensava que isso era obrigação da minha mãe. O Ivan acho que não vê isso como obrigação da mãe e sim do casal.

E: então para você houve uma mudança. E você acha que se espera o que dos homens hoje quando são pais? Porque por exemplo como você falava agora, na época de teu pai se esperava que ele seja provedor, não trocavam fraldas e hoje, o que você pensa?

M3: acho que os homens agora perceberam que eles também tem um papel que não é só de fornecer o espermatozoide ou o material, e eles entenderam que “meu pai não fez isso mas eu quero fazer”, porque eu sei que meu sogro também não fez, o Ivan as vezes fala “meu pai nunca fez nada disso” mas eu percebo que é uma vontade dele e de outros homens também; semana passada veio em casa um colega nosso com um nenezinho de um ano e ele é um paizão, e também vejo em meus primos dão banho, levam no médico porque as esposas também trabalham. Então entendo que hoje eles entende que são mais que um fornecedor

E: Você acha que o pai é que tem que ser o principal responsável pelo sustento financeiro da família?

M3: hoje tenho a visão de que sim, há dois anos atrás ia falar para você que não. Isto é fruto da minha terapia e minha análise pessoal. Eu sempre fui uma pessoa que quis trabalhar, quis vencer na vida e achava que ia ganhar igual que ele, que a gente ia ser igual e que se eu fosse mãe isso não ia mudar nada na minha vida, mas a partir do momento que fui mãe comecei a sentir mais esse preconceito, e que se eu almejar um cargo melhor e dedicar mais tempo para minha carreira eu ia ter que largar o Leo, ia ter que fazer uma pós graduação, investir mais em línguas, isso tudo ia me tirar o foco e tempo com meu filho e aí eu entendi que eu posso contribuir mas que meu papel é ser mãe e eu estou escolhendo isso. Hoje estou aceitando muito bem a possibilidade de ser sustentada, há um tempo atrás não.

E: E se ele viesse com a ideia ao contrário, vamos imaginar que você ganha mais que ele e ele quisesse ficar em casa cuidando do Leo, como isso seria para você?

M3: Acho muito pouco provável, mas acho que íamos ter um atrito, não ia topar não. Porque nem é porque a mãe seja mais importante que o pai, são papéis diferentes, complementários, mas eu ainda acho que a vocação de mãe é de menina. É uma questão fisiológica que te induz para isso.

E: E você como mulher, você acha que estimula o vínculo de eles dois?

M3: Sim, por exemplo, tudo o que a gente faz com o Leo tentamos fazer juntos os 3, quando o Ivan não pode eu sempre chamo a figura do pai para estar presente. Eu sou mais babona que o Ivan, ele também abraça, beija mas eu sei que eu sou mais um pouquinho. Às vezes eu falo para o Leo “você é meu tesouro” e ele fala “é do pai também né?”, ele sempre fala isso, então quando eu falo algo na minha pessoa o Leo sempre fala que para o pai também. Ele tem a figura do pai muito presente

E: E vamos imaginar que o Leo já cresceu, que você acha que ele vai falar do pai?

M3: acho que ele vai falar que teve um paizão. Presente, que colaborou, brincou, participo, que conversa com ele.

E: E quando o Leo tem algum problema a quem chama?

M3: Ele chama mais a mãe, mais se eu não respondo dois minutos e chama o pai.

E: E você acha que o tempo que os pais tem para passar com seus filhos é suficiente?

M3: O que eu acho é, que se você não se policiar não tem esses tempos, são pequenos gestos como te falava não atender o celular na hora do jantar. Ele mudou algumas rotinas para ter mais tempo livre, por exemplo ele encontra com um amigo no horário de almoço. O que eu vejo que ele sente mais falta é de eu e ele sair sozinhos, ele pede mais, mas geralmente acaba acontecendo alguma coisa com o Leo e a gente não vai.

E: Tem alguma pergunta que eu não te fiz que você imaginava que eu faria?

M3: Deixa pensar...imaginava que você podia perguntar: se ele faz isso para suprir alguma carência do pai dele. Porque eu ouvi isso de um colega que hoje ele é um paizão porque ele não teve pai, era vivo mas era um pai doidão, ausente, e ele procura ser bem presente na vida dos filhos

E: E o que você acha do Ivan?

M3: Eu acho que o Ivan quer ser muito mais pai do pai que ele teve, mais pelo contexto da época, ele fala “meu pai não participou”. Eu acho que ele quer ser um pai diferente para o Leo

E: E o que você acha que influência em isso?

M3: uma boa pergunta, não sei. Acho que é o amor, e talvez também que hoje a sociedade não acha ruim que o marido assuma esse papel também. Então hoje por exemplo ele pode falar coisas do filho com o colega porque os dois estão passando por isso, os dois trocam fraldas, acho que eles hoje estão mais livres, por exemplo os trocadores de fralda geralmente estavam no banheiro feminino, agora nos shoppings você tem um espaço que o pai pode trocar mas antes não tinha. Ou por exemplo, como os pais dele moram no interior a gente viajava bastante e acontecida muito que no posto

de gasolina precisava trocar e o Ivan ia comigo até a porta do banheiro. Em muitos momentos acabou trocando o nené no carro porque ele me ajudava. Hoje com o Leo a gente divide mais.

Entrevista P3 e M3

E: Bom, para terminar gostaria de perguntar para você Ivan, como você acha que ela te descreveu como pai e para você Viviana, como você acha que ele se descreveu como pai?

P3: que sou perfeito

M3: Que ele é um pai presente, que ele gosta de ser pai, que ele gosta de saber do Leo, que ele gosta de estar junto, se envolver, acho que foi isso

P3: sendo um pai que acompanha, que se preocupa, que poderia estar presente mais tempo fisicamente mas que ajuda muito

M3: Acho que ele foi mais duro com ele mesmo, para mim você está bem presente.

E: E como casal que mudou?

M3: Acho que ficou mais forte a família, como casal ficamos mais forte. O Ivan tem muita compreensão do que acontece com a mulher, que passa por alterações hormonais, emocionais, então ele não me cobra

E: Muito obrigada

CASAL 4

Entrevista M4 (Roberta, 38 anos)

E: entrevistadora

M4: mãe 4

E: ter filhos fazia parte dos planos de vocês?

M4: Não, não era algo assim que pensávamos, que queríamos. Para mim era tirar minha liberdade, era cortar minha academia, era me tirar do trabalho, era tirar minha manicura meu cabelereiro, minhas roupas.

E: E você acha que ele também sentia que ia perder alguma coisa?

M4: eu acho que ele sim queria, não era um projeto mas acho que ele sim queria. Mas como ele viajava muito a trabalho (com manutenção de máquinas).

E: E depois de casados vocês esperaram uns 3 anos antes de ter o Gabriel, vocês decidiram que queriam ter ele?

M4: não foi bem uma decisão. Aconteceu, eu tenho um problema de retocoliti, eu não suporto remédio e descobri que alguns remédios me faziam mal, e o Zé falou para parar com o anticoncepcional, com a ideia de que quando para de tomar demora em ficar grávida, mas não foi isso que aconteceu, no primeiro mês que não tomei já fiquei grávida. A gente era muito baladeira, saíamos direto à noite e teve um dia que ele voltou muito bêbado, chegamos no quarto e ele começou a vomitar e eu vomitava do outro e ele falou “você está grávida” e eu falava “não, não estou” mas eu continuei passando mal, pensava que era o intestino, mas ele insistia que estava grávida, aí comprou o teste de gravidez. E estava.

E: Que significava para você nesse momento ficar grávida?

M4: Não sei, acho que tinha a ver com esse perder a liberdade, mas acho que era mais medo de ser mãe e também vergonha, eu tinha vergonha de chegar para meu pai e contar porque ele ia saber que eu tinha transado!

E: Você já era casada?

M4: sim, há 3 anos! (rsrs) mas tinha vergonha de meu pai saber, acho que era isso, coisas da minha cabeça. Pensava que todo mundo ia ver que estava grávida que eu tinha transado, que absurdo! Mas como sou meia maluca ao mesmo tempo eu não fiquei triste

E: Desde tua percepção como ele ficou quando soube que iria a ser pai?

M4: Ele gostou, ficou feliz. Ele saiu contando para todo mundo e eu ficava envergonhada. Foi aí que eu percebi, acho que ele queria mesmo.

E: E trouxe muitas mudanças a gravidez para você e para ele?

M4: sim, porque logo que eu engravidei o José tinha acabado de pedir as contas na empresa dele, saiu porque ele ficou revoltado com o dono da empresa, acho que a síndrome do pânico e a depressão dele começou aí. Ele era o melhor técnico da empresa e ele saiu muito magoado da empresa, isso foi um pouco antes de engravidar. E quando soube que eu estava grávida acho que foi um choque para ele, porque tinha que arrumar um emprego, ele se sentiu responsável. Aí ele decidiu ir a ajudar na empresa do irmão, mas depois de um tempo também teve problema, até que outro amigo nosso chamou ele para trabalhar junto mas com a condição dele cortar o cabelo, o que para ele também foi muito difícil, eu tive que cortar junto com ele. E outra mudança grande que ele teve foi que parou de fumar. Ele fala que parou de fumar pelo Gabriel.

E: você trabalhava?

M4: Nesse momento eu trabalhava no banco, e nos virávamos muito bem com meu salário e os benefícios, mesmo trabalhando meio período.

E: Você acha que ele se sentia responsável pelo apoio financeiro?

M4: Eu não sentia isso de parte do André, ou talvez a demonstração dele veio com a forma da síndrome do pânico.

E: E antes do Gabriel nascer, como você imaginava que ele seria como pai?

M4: Eu imaginava que ele iria me ajudar...me enganei, eu achava que ele ia me ajudar. Eu achava que ele iria pegar o Gabriel e trocar fralda, que iria dar mamadeira, banho, que ele fosse querer pegar, e no começo eu me sentia meia chateada, não entendia, pensava que não gostava do Gabriel, e ficava chateada porque só eu tinha que acordar de madrugada

E: E você falava para ele?

M4: Falava “por que só eu tenho que acordar!!!!”

E: Desse jeito parece mais um grito que uma conversa era assim mesmo?

M4: sim, eu gritava com ele.

E: E ele que falava?

M4: Ele falava que acordava de madrugada mas que ele não precisava pegar o Gabriel, porque você já levanta.

E: E quando você voltou a trabalhar como foi?

M4: Fiquei 4 meses mais um de férias voltei no 6 mês. E continuou do mesmo jeito, eu acordava a madrugada inteira e depois ia trabalhar; Quem ficava cuidando do Gabriel era minha mãe ou a mãe dele.

E: Ele não ajudava nos cuidados do Gabriel?

M4: não, eu pensava que ele fosse fazer, pensei que ele iria pegar o Gabriel e querer jogar bola com ele, passear com ele...mas foi decepcionante

E: Você acha que hoje se espera mais que os homens participem desses cuidados?

M4: Não, mas eu pensei que como ele era tão dizente de meu pai, meu pai sempre foi muito quadrado ele era mais moderno, muito mais descolado, eu achava que ele ia a participar mais, mas não foi. Às vezes olho para ele e digo não pode ser “você é igualzinho a meu pai”

E: mas tuas amigas não esperam isso dos maridos?

M4: Você sabe que eu nunca perguntei? A minha cunhada...o marido dela ajuda, dá até banho no filho, mas não é um pai de brincar, agora o José já é de pegar mais os meninos agora que estão mais velhos e levar no quintal para jogar futebol, mas quando estamos em família, na casa da mãe dele que tem um quintal grande, aqui em casa ele não desce para brincar com ele no parquinho do prédio...

E: E como ele é como pai no dia a dia?

M4: O José ele é muito brincalhão, eu e o Gabriel acordamos muito de mal humor. O Zé já é de fazer mais piadas, e aqui em casa como te falava ele não é de sair para brincar com ele mas quando estamos na casa da mãe dele ele joga futebol, corre com ele, as vezes leva na oficina para trabalhar com ele. Eu vejo que o apartamento deixa a gente muito preso, a criança não pode jogar uma bola, não pode pular porque vizinho reclama. Então acho que o ambiente inibe. Mas ele é um pai carinhoso. Ele gosta muito de viajar, e vamos muito a praia. Aqui dentro como te falava não tem como jogar bola mas já aconteceu de encher um monte de bexigas ou eles jogam de luta encima da cama

E: E ele é diferente quando está aqui na casa de vocês que quando está fora?

M4: Ele trata igual, normalmente ele fala muito alto então parece que ele está gritando, e isso é igual em todo lado, eu acho que eu sou mais diferente fora que dentro de casa. Se ele tiver que dar uma bronca ou um tapa na bunda ele dá igual aqui ou em qualquer lado.

E: Foi diferente o comportamento dele como pai com o Gabriel e agora com a Tatiane?

M4: não, só que agora eu não esperava tanto que ele me ajudasse. Quando a Tati ia nascer eu pensei “estou me preparando para a guerra”. Agora se eu estou cuidando da

Tati, ele vai e faz um prato de comida para o Gabriel, mas como ele está terrível faz a gente perder muito a paciência. Agora com a Tati ele fica mais que ficava com o Gabriel, ele pega mais, não troca fralda mas ele está pegando mais, é só segundo, viu que não quebra

E: Você pedia ajuda para dele?

M4: não, porque sabia que ele não ia fazer

E: mas você chegava a pedir?

M4: ahh eu até reclamava mas ele não ia fazer, então nem pedia ajuda

E: você achava que isso era uma função tua?

M4: Eu achava, achava que era minha mas ao mesmo tempo queria que ele me ajudasse. Mas ele não ajuda muito com as crianças mas ele ajuda com a casa, ele cozinha, limpa a casa, lava a louça, lava a roupa. Se eu precisasse tomar banho, na época do Gabriel era mais difícil porque ele não pegava, e o Gabriel era mais chorão, agora está mais tranquilo e ele pega, está cuidando mais. Mas na cabeça dele está que quem cuida é a mãe, porque as vezes eu peço para trocar de roupa e ele fala “não sei onde está a roupa dele”. Agora eu estou falando para ele que vou precisar da faxineira, porque eu nunca quis mas agora vejo que preciso, e ele me falou então vá e procura, ele nunca me falou não.

E: como isso foi estabelecido?

M4: é natural, ele sempre gostou de cozinhar, então se ele vê que estou muito ocupada ele vai e faz. As coisas da casa ele faz, mas com os filhos não, ele começou ajudar por exemplo a dar banho no Gabriel só depois que ele começou a tomar banho no banheiro aí ele ajuda, só que ele não trocava fralda nunca. O José é uma pessoa que não gosta de ir em reunião de escola, então ele não fica sabendo que acontece. Por exemplo agora que o Gabriel está com alguns problema na escola, eu já fui chamada 10 vezes, e ele quer saber por mim, e eu sou muito aérea

E: E ele não vai por que? Você perguntou?

M4: não perguntei mas o que acontece é que o Zé é uma pessoa que não gosta muito de regras, ele é rebelde então o que ele não sente vontade de fazer não faz, se eu falo para ele ir a um lugar que ele não quer ele não vai. Ele não gosta de horários, ele empurra muitas coisas com a barriga, deixa as coisas para fazer depois. E eu vejo muito disso no Gabriel, só que o pai não aceita, então fica reclamando. Por exemplo, a lição quem tem que ensinar sou eu, ele não vai ajudar

E: Por que?

M4: Um pouco porque eu gosto mais, eu gosto de ensinar, e eu acho que ele acha que eu gosto e me deixa. Eu gostaria que um dia ele chegasse e me falasse “hoje deixa que eu vou ensinar ele”, mas ele não é de fazer isso.

E: Sabe algo que eu tenho escutado em outros pais é algo assim como “parece que ninguém me preparou para isto” no sentido de que as meninas vem brincando de ser mãe desde pequenas, mas os meninos não, nunca são estimulados para isso, você pensa que isso influencia um pouco os comportamentos de alguns homens?

M4: Eu acho que sim. Sabe que eu acho, que ele cozinha por exemplo mas porque ele gosta muito. Gosta de comer. Ele limpa porque as vezes eu não estou e ele gosta da casa limpa, é uma necessidade para ele, e ele gosta de fazer. Porque o irmão dele não lava louça nem que paguem para ele. Eu acho que o jeito no qual ele foi criado não foi estimulado para isso, por exemplo a mãe dele manda a mexerica para o Gabriel sem semente, ela tem a capacidade de arrancar as sementes para ele não ter o trabalho de tirar. O Zé gosta de viajar, gosta muito de cuidar das plantas

E: Então, quem fica com os cuidados das crianças no dia a dia é você

M4: fico. Se eu tenho que sair a fazer alguma coisa e não posso levar o Gabriel, só que o José sozinho não fica, aí ele pede para a mãe dele ou minha mãe para levar o Gabriel lá, ele fala que ele ajuda a cuidar, mas é uma ajuda, mas não fica sozinho. Neste ano teve uma reunião do Gabriel e a Tati era muito nova, só ficava dormindo, ele olhou para mim e falou para pedir ajuda da vizinha por se ele precisar de ajuda se ela podia ir, quando eu perguntei para minha vizinha para socorrer ele, ela falava “mas que pai é esse que não cuida da filha!”. Mas ele acha que o certo é assim. Ele me fala “você vai mas não demora não!”, Teve um dia que eu queria fazer minha unha, e ele falou, “deixa para amanhã que é sábado”, aí no sábado ele foi com uma cara para me acompanhar, que eu pensei que ia bater em alguém. Mas depois eu descobri que aconteceu nesse dia, estávamos no salão de cabelereiro e cada menina do salão que passava falava para ele como tinha que segurar como dizendo que o pai não sabia segurar direito, falavam “ahh pai tadinha, ela quer mudar de posição” e ele ficou muito bravo.

E: isso também era assim antes de você deixar de trabalhar?

M4: Era, eu trabalhava meio período, e quando eu passava pela porta de casa tinha que esquecer de tudo, eu era a mãe de Gabriel

E: E ele?

M4: Eu não consigo lembrar, ele até que pegava o Gabriel se eu fazia janta, mas...

E: você também achava natural que isso era mais uma função tua que dele?

M4: é, para mim era. A minha cunhada, ela trabalha o dia inteiro e deixa o filho na escola o dia inteiro, e o Zé acha um absurdo ela deixar o filho na escola o dia inteiro por estar trabalhando, porque para ele a mãe é quem tem que cuidar do filho, ele pensa assim. Eu às vezes até defendo minha cunhada e ele fica bravo

E: Isso influenciou em tua decisão de deixar de trabalhar?

M4: eu acho que não, porque quando eu deixei de trabalhar, a gente já vinha conversando disso, e em maio eu estava voltando das minhas férias e ele me falou para esperar até o final do ano para sair do trabalho, só que eu estava tão irritada com meu trabalho que eu cheguei na porta e pedi as contas

E: De que você estava tão cansada? Se sentia sobrecarregada de coisas?

M4: não, eram problemas mais internos, tinha muito problema pessoal com a chefia. Se não tivesse o Gabriel também teria deixado. E quando tinha que retornar das minhas férias tinha que passar a trabalhar o dia inteiro e não quis.

E: Ele igualmente trabalha aqui em casa, fica bastante em casa?

M4: Sim, mas na escolinha pediram para ele porque o Gabriel estava meio sem referência do pai sair para o trabalho, ele não percebia que o pai trabalhava, ele via que todo mundo ficava em casa, então agora ele começou a sair um pouco.

E: e como era na tua casa?

M4: na minha casa também era minha mãe que fazia tudo ela era dona de casa e cuidava de mim e do meu irmão. Meu pai só saía para trabalhar, acho meu pai até pior que o Zé, porque meu pai não sabe fritar nem um ovo, não lavava louça, meu pai não fazia nada. Ele acha que era função dele trazer a comida em casa, até hoje ele acha que eu e meu irmão mesmo casados ele vai na feira a comprar fruta para a gente, traz chocolate, é como que ele se sente na obrigação de dar o alimento. Até pouco tempo atrás, ele não viajava com minha mãe porque achava que tinha que levar eu e meu irmão junto. Agora ele começou a sair sozinho com minha mãe, e eu já estou com 10 anos de casada

E: E como era teu vínculo com teu pai?

M4: meu pai é muito bonzinho, então ele sempre deu liberdade mas dentro de mim via em ele uma autoridade, eu sentia que certas coisas não podia falar para meu pai, isso que minha mãe era muito mais brava.

E: E você vê algumas características de teu pai em ele?

M4: Vejo. Meu pai é muito teimoso, e ele também E vejo que bebês eles se afastam mais, quando a criança cresce um pouco eles se aproximam mais. Uma diferença, meu pai em qualquer lugar que a gente estivesse ele pegava a gente e brincava, jogava bola.

Agora o José é no ambiente dele, se ele está fora do ambiente dele ele não demonstra nada. Tem vezes que quando o Gabriel fica muito bravo chegou a falar “eu odeio ele”

E: Por que você acha que ele falou isso?

M4: Porque, o André quando fica bravo briga mais. Às vezes eu sinto que ele trata o Gabriel como adulto, espera atitudes de adulto e o Gabriel não entende isso e fica nervoso.

E: E que você acha que o Gabriel vai falar do pai quando crescer? Se alguém perguntar, como era teu pai, que elealaria?

M4: Eu acho que o Gabriel vai falar, meu pai era chato, não deixava fazer nada. Mas também vai falar que era um palhaço.

E: E da mãe?

M4: Minha mãe é brava...mas eu dava a volta nela.

E: E como você descreveria ele como pai?

M4: Primeiro vou falar o que ele não é. Eu acho que ele não nasceu para ser pai, não é paizão, ele quer ser amigo, a mãe dele teve que chegar e falar “você não é amigo, você é pai”, e ele tem muita dificuldade de entender isso. E o Zé fala muito alto, e o Gabriel sente que ele grita, e as vezes o Zé cobra do Gabriel que seja adulto. E as vezes eu também vejo que como eu fico muito tempo aqui, eu corro na frente dele e também acabo atrapalhando mas não quero que ele bata no meu filho. Mas acho ele mais amigo que pai

E: E como para você teria que ser um pai?

M4: Não sei, mas por exemplo meu pai chegava em casa e falava “eu trouxe um chocolate” ou se eu queria beber coca-cola meu pai na hora me dava. E o José gosta de comer muito natural e criança gosta de porcarias mas ele não deixa nem comer um chocolate, eu queria ver no José “toma Gabriel...” ou se está chorando “senta aqui” que de um abraço, o Zé não faz isso, mas eu queria que fizesse. Eu não sei se influenciou que o pai dele faleceu quando ele era novo, tinha uns 14,15 anos. Às vezes eu quero perguntar “teu pai te tratava desse jeito...” porque eu não entendo.

E: E o que você acha que se espera dos homens em geral quando são pais?

M4: Eu acho que todo mundo pensa que eles vão ajudar. Eu acho que minha mãe já vinha preparada para ser dona de casa, eu acho que hoje já não, que se espera mais ajuda. Minha cunhada, por exemplo, ela trabalha, e ela fala “eu quero meu dinheiro”, se ela tem que fazer a unha ela não está nem aí, deixa o filho com o marido, ele pesquisa na internet para aprender como cuidar. Só que a sogra mora no mesmo quintal que eles.

Eu até queria ser assim, deixar a criança mais livre, acho que faz bem para eles, por exemplo o Gabriel foi difícil deixar na escola, porque ele não ficava depois de um tempo percebi que não era difícil para ele era para mim.

E: E em questão de leis, você vê que faltam algumas políticas que ajudem a aumentar a participação do pai no cuidado e educação dos filhos?

M4: Eu não vejo necessidade, porque alguns pais sim ajudam, mas não vejo necessidade, só se a mulher tiver algum problema. Eu vejo as vezes todo o trabalho que o Gabriel me dá mas depois que passa eu vejo que é bom, você se sente bem, não vejo necessidade de alguém me ajudar.